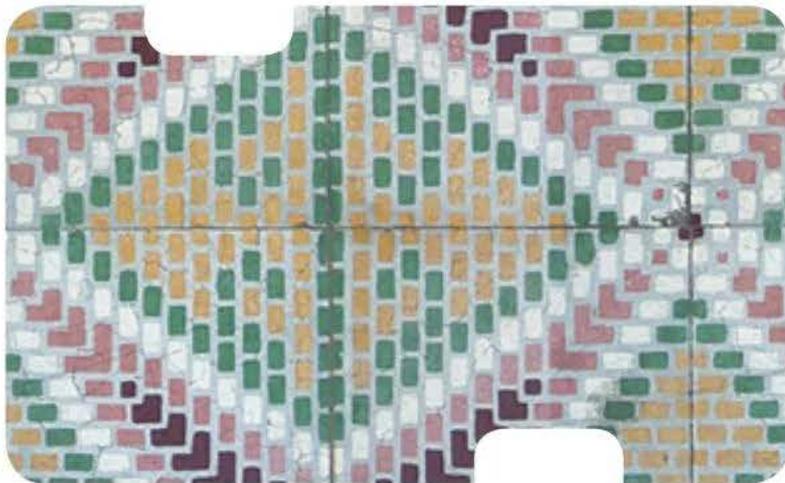
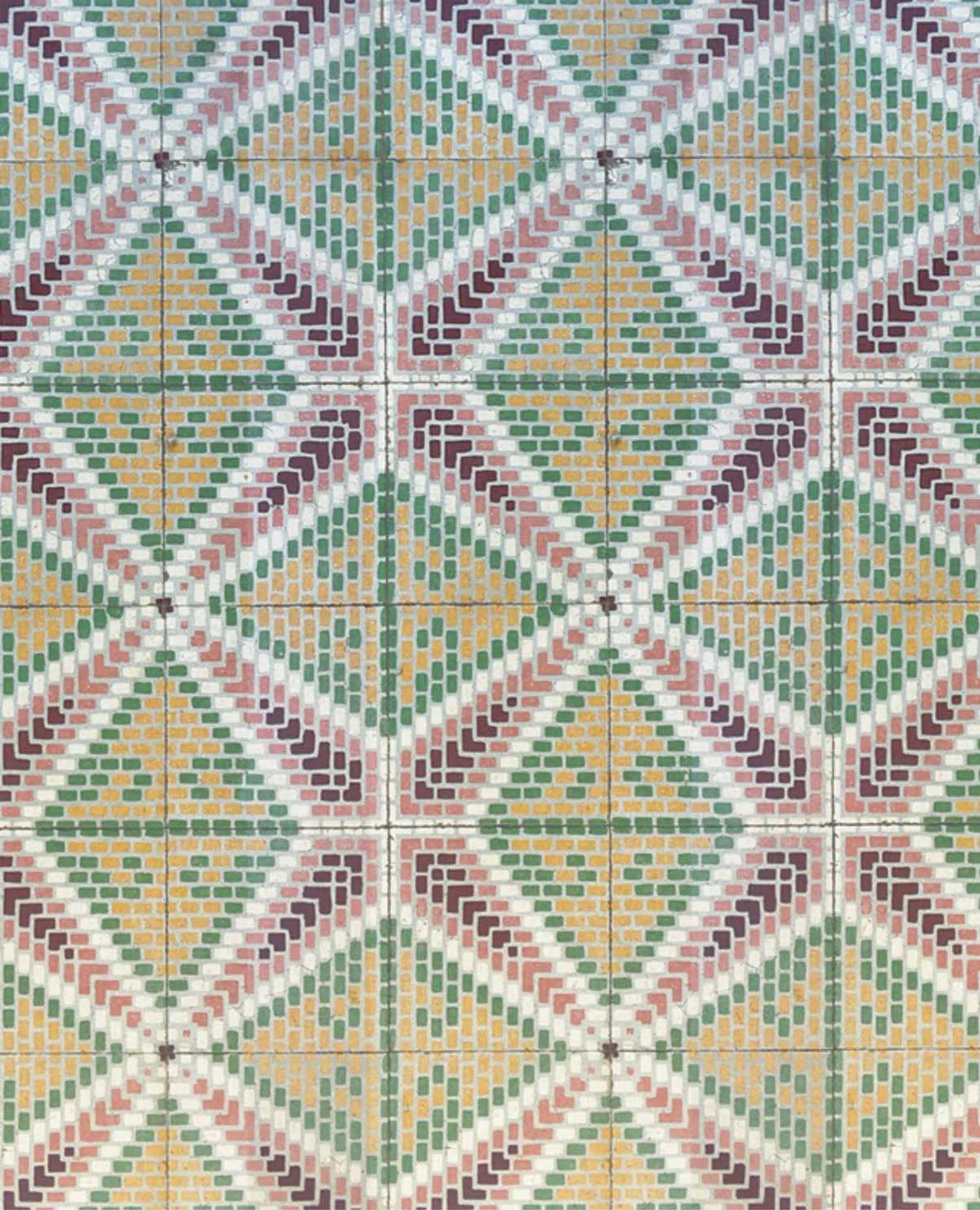


Fundação Cultural Badesc  
2014 • 2015







Fundação Cultural Badesc 2014 • 2015

# FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC

## DIRETORIA EXECUTIVA

Eneléo Alcides  
DIRETOR GERAL

Helena Mayer  
DIRETORA ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA

Margaret Waterkemper  
DIRETORIA DE ARTES (ATÉ 06/02/2015)

## CONSELHO CURADOR

José Cláudio Caramori  
PRESIDENTE DO CONSELHO CURADOR

Justiniano Pedroso  
Olívio Karasek Rocha  
João Carlos Grandó  
CONSELHEIROS

João Paulo Karam Kleinübing (até março de 2014)  
Wellington Roberto Bielecki (até junho 2015)  
Luiz Antônio Ramos (até junho de 2015)  
CONSELHEIROS

## CONSELHO FISCAL

Camila Steckert  
José Antonio de Mattos Neto  
Marcello José Garcia Costa Filho

## EQUIPE DE PRODUÇÃO DA FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC

Carolina Ramos Nunes (arte educadora, desde 01/2015)  
Marina Guadalupe Beims (administrativo financeiro, desde 08/2015)  
Clarice Barbosa Dantas (produtora cultural, desde 12/2015)  
Bianca de Oliveira Justiniano dos Santos (Designer Gráfica, desde 12/2015)  
Karine Joulie Martins (produtora cultural, 04 a 08/2015)  
Patrícia Rodrigues Candido Perassa (administrativo financeiro, 08/2014 a 07/2015)  
Vanessa Bortucan de Oliveira (arte educadora, 08 a 10/2014)

## EQUIPE ESTAGIÁRIOS 2014-2015

Mariana Dandolini Bonassa (Arquivologia, 01 a 04/2014),  
Juliana Rodrigues (Jornalismo, 01 a 04/2014), Lídio José Franco Ramalho  
(cinema 12/2013 a 05/2014), Fernanda Tieme Assato (Design, 10/2013 a 06/2014),  
Thayse Cristina Teodósio (Arquivologia 04 a 07/2014), Lara Lima Monteiro  
(Artes Visuais, 01 a 07/2014), Anna de Oliveira Casarin (Cinema, 05 a 07/2014),  
Isabela Mazzuco (Design, 06 a 10/2014), Débora Sofia Gerardo Guerreiro  
(Cinema, 08/2014 a 03/2015), Bruno Eduardo Bachmann (Artes Visuais,  
08/2014 a 07/2015), Milena Anderson Coutinho (Jornalismo, 07/2014 a 09/2015),  
Bianca de Oliveira Justiniano dos Santos (Design, 11/2014 a 12/2015)  
e Arthur Haddad Antunes (Cinema, 05/2015 a 02/2016)

## ASSESSORIA DE IMPRENSA

CCR – Gestão de Comunicação  
Carla Cavalheiro, Camila Spolti e Rubens Flôres

Fifo Lima Press (até 10/2014)

## Catálogo

PROJETO EDITORIAL, COORDENAÇÃO e TEXTO  
Eneléo Alcides

PROJETO GRÁFICO e EDIÇÃO DE IMAGENS  
Vanessa Schultz

REVISÃO GERAL DE TEXTOS  
CCR Gestão em Comunicação  
Equipe da Fundação Cultural Badesc

FOTOGRAFIAS  
Fotos divulgação dos artistas  
Equipe da Fundação Cultural Badesc

COLABORADORES ESPECIAIS  
Bianca de Oliveira Justiniano dos Santos  
Carolina Ramos Nunes  
Marina Guadalupe Beims

A Fundação Cultural Badesc firmou-se como um grande palco para incentivo às artes, além de um importante veio condutor da cultura, de artistas estaduais, nacionais e internacionais, contando nestes últimos 10 anos com inúmeras exposições, projeções, atividades artísticas e também sociais, lançamentos de livros, feiras de artes.

A casa que um dia abrigou a residência do então Presidente do Brasil, o catarinense Dr. Nereu Ramos é responsável por abrigar agora o melhor da cultura para os coestaduanos.

Diante deste cenário, a Agência de Fomento do Estado de Santa Catarina S.A. – BADESC, principal mantenedora da Fundação Cultural Badesc, reafirma seu compromisso de, em parceria com a Fundação, dispende esforços e toda a criatividade na busca de novos recursos, visando driblar a crise nacional e assim manter o fomento da Cultura no nosso Estado.

JOSÉ CLÁUDIO CARAMORI

Presidente do Conselho Curador da Fundação Cultural Badesc

Diretor Presidente da Agência de Fomento do Estado de Santa Catarina S.A. – BADESC



A Fundação Cultural Badesc publica seu primeiro catálogo no ano em que comemora uma década de atividades. Compromisso com cada uma das pessoas que escreveram um pedaço de suas histórias no movimentado casarão. O caleidoscópio dessas memórias individuais é a história viva da Fundação. Nesta obra registramos um recorte possível das mais de 170 atividades ocorridas em 2014 e 2015. Muitos nomes e imagens ficaram nas entrelinhas, mas temos certeza que cada uma dessas páginas é um potente ativador de memórias de milhares de pessoas que compartilharam nossos eventos.

**Nem tanto ao mar, nem tanto a terra, Volver, Epifânicas, Paragens, Impossibilias, Ié o que há.** 36 exposições ocuparam as galerias e jardins da Fundação ativando nossos sentidos. Mas, quantas mostras cabem ao longo de um ano (ou dois) em uma galeria? Dilema permanente. Cada projeto montado com tanta dedicação bem que merece um tempo de apreciação despreocupado. Entretanto, maior tempo, menores oportunidades. Durante o processo de seleção é difícil declinar de tantas propostas consistentes. Ainda mais em uma Cidade com tão poucos espaços expositivos disponíveis para a circulação da forte produção local e da necessária interação com a produção que vem de fora. Foi com mais esse desafio que em 2014 a Fundação apertou seus espaços administrativos e transformou um antigo escritório no Espaço 2. A conquista para a Cidade de mais uma sala dedicada às Artes foi um acontecimento muito significativo para a equipe e estávamos ansiosos para acompanhar o desempenho dos seus 25m<sup>2</sup>. Para a inauguração, não queríamos especificar uma modalidade, um artista ou um estilo. Assumindo os riscos de uma proposta aberta, convidamos 10 pessoas que se dedicam à Cultura para que cada uma apresentasse um artista com abordagem de uma linguagem diversa: desenho, moda, fotografia, pintura, gravura, design, instalação, vídeo-dança, vídeo-performance e música. Assim, o pequeno espaço foi inaugurado com a parceria de mais de 20 profissionais e o resultado não poderia ter sido mais coeso e consistente. Desde 07 de junho de 2014 o Espaço 2 vem se espalhando pelo casarão: deixou paredes híbridas na entrada do Cineclub, com quem partilha suas agitações; ocupa frequentemente a escadaria e os corredores superiores; abre as portas da sacada superior para a vista dos Jardins da Fundação, ativando também esse outro espaço que leva a Arte para mais perto da rua. Ao longo de apenas um ano e meio, 14 mostras significativas confirmaram a potência do aconchegante espaço.

O Edital de 2014 ampliou as oportunidades para ocupação do Espaço Fernando Beck de 04 para 07 prêmios e recebeu 82 projetos. Exatamente o dobro do ano anterior. Um prêmio especial foi criado para curadores. Curiosamente uma modalidade que não teve a procura merecida. O Espaço 2 não constava do Edital pois só seria criado meses depois. A seleção teve o julgamento criterioso da comissão formada por Daniele Zacarão, gestora cultural e artista, Fernando Boppré, curador e Luciane Garcez, professora de história da arte.

A mostra convidada especial de 2014 apresentou um casal de artistas que é referência no Estado, tanto pela produção quanto pela contribuição de ambos à formação de gerações de artistas catarinenses. Rubens Oestroem e Yara Guasque, ambos com intensa atividade artística, não expunham juntos há quase 20 anos, procurando resguardar o casamento. Era o acordo comum. Sem conhecer esse acordo, a Fundação apostou na riqueza não só de uma exposição conjunta, mas de uma curadoria recíproca. Propôs aos artistas que fizessem um recorte da obra um do outro naquilo que mais lhes tocava. O casal aceitou o desafio e assim nasceu **Nem tanto ao Mar, Nem tanto à Terra.**

O Edital 2015 foi aberto com seis vagas para ocupação do Espaço Fernando Beck e quatro para o Espaço 2. A novidade foi a criação de uma vaga destinada exclusivamente à primeira individual, dando oportunidades aos artistas em início de carreira. 103 projetos foram analisados ao longo de um mês pela comissão composta pelo curador Fernando Boppré e pelas pesquisadoras e artistas Sandra Maria Correia Favero e Betânia Silveira que se guiaram pela adequação das propostas aos espaços expositivos, consistência nas experiências conceituais e materiais, contemporaneidade da poética e relevância social e política dos trabalhos. Incentivando curadorias mais autorais, a Fundação convidou Fernando Boppré para criar uma mostra para o Espaço 2. Assim foi concebida **Caçadores e Coletores ou no fine arts**. A mostra convidada especial desse ano foi feita ao artista Paulo Gaíad para revisitasse a sua trajetória e nos oportunizasse conhecer mais profundamente seus processos criativos. Com curadoria de Rosângela Cherem, **Impossibilias: arquivo e memória em Paulo Gaíad** apresentou 13 séries, 85 obras, 2 vídeos, 59 pequenas cicatrizes (série de 1998), um folder especial e um mapa com textos de cada série. Foi a primeira vez que uma exposição ocupou todos os espaços da Casa: Fernando Beck, Espaço 2, halls de entrada e passagens, escadas, deixando de fora apenas os Jardins. A curadoria foi concebida a partir de três temas observados como recorrentes na obra do artista: Carne (materialidade corporal), Passagem (reflexão plástica sobre espaços, lugares, paisagens, viagens) e Cifra (pequenos segredos biográficos colhidos de diferentes universos e contingências), organizando trabalhos desde a década de 80 até os dias atuais. O maestro Alberto Heller, admirador do artista, compôs a trilha sonora da exposição, também chamada Impossibilias.

## Acervo, arquivo e memória

A exposição **!é o que há** foi inaugurada em dezembro 2013 e permaneceu aberta ao público até 2014, motivo pelo qual integra esse catálogo. O projeto resgatou uma parte esquecida da história do Espaço Fernando Beck, considerada por nós, essencial à memória das Artes em Florianópolis. Há 25 anos, em 25 de fevereiro de 1991, a Diretoria e os funcionários da Agência de Fomento do Estado de Santa Catarina S.A. – BADESC inauguraram o Espaço Cultural Fernando Beck no hall da sua sede, então instalada na Avenida Mauro Ramos. O nome foi uma homenagem a um colega que havia falecido há pouco tempo. Fernando Beck não era artista, mas seu nome acabou se tornando referência para as Artes Visuais no Estado. O Espaço foi conduzido de 1991 a 2005 por Neusa Barbi, bibliotecária do BADESC; acompanhou a mudança de sede da Agência para o casarão eclético da Rua Almirante Alvin, em novembro de 2001 e se tornou referência, principalmente pela edição anual de um edital respeitado e concorrido. Em 2005, por proposta de seus funcionários, a Diretoria do Badesc, que tinha como presidente Renato Vianna, criou a Fundação Cultural Badesc, que passou a abrigar o Espaço Cultural Fernando Beck. O ato teve a aprovação do Governador do Estado Luiz Henrique da Silveira, através da Lei nº 13.438. Assim, em 28 de março de 2006, a Cidade e o Estado receberam esse importante equipamento cultural, desde então instalado no conhecido casarão histórico, tombado pelo patrimônio municipal, que foi residência da família do Presidente Nereu Ramos. De 2006 a 2013, as atividades foram conduzidas pelo Diretor Geral Armando Sabino e pela Diretora de Artes Lena Peixer. Em agosto de 2013 assumimos a nova gestão com a participação da Diretora de Artes Margaret Waterkemper e da Diretora Administrativa Helena Mayer, com o compromisso de profissionalizar cada vez mais a Instituição, resgatar e manter os seus arquivos e preservar não somente a memória da Fundação Cultural Badesc, mas a sua importância para a história das Artes e da Cultura. Driblando esquecimentos recorrentes, o projeto **!é o que há** reexibiu no Espaço Fernando Beck obras de 60 artistas que fazem parte do acervo da Agência Badesc e que participaram de exposições entre 1991 e 2005. Entre os representados, nomes como Rodrigo de Haro, Antônio Mir, Loro, Lu Pires, Hassis, Janor Vasconcelos, Vera Sabino, Elke Hülse, Elisa Iop, Ivo Silva, Guido Heuer, Rodrigo Cunha, Rubens Oestrom, Neri Andrade, Eli Heil, Sílvio Pléticos, Edson Machado, Mário Avancini, entre tantos. Curiosamente, a exposição recebeu algumas críticas. Insensibilidades com a memória da Cidade. O recorte da mostra proposto pelo curador Fernando Boppré, foi de uma consistência irrepreensível: apresentar a integralidade de todos os artistas que gentilmente doaram suas obras ao acervo. A Fundação aposta na preservação da Memória. Neste caminho, a Casa também promoveu o registro em vídeo de conversas com artistas que expuseram em 2014 e 2015. O resultado desse material será divulgado

ao longo de 2016 em comemoração ao aniversário de uma década de atividades. Ano que também será marcado pela criação do Espaço 3, um projeto que propõe revisitar mostras dos últimos 25 anos do Espaço Fernando Beck. Mas isso é assunto para os próximos catálogos.

## Multiplicidades Convergentes

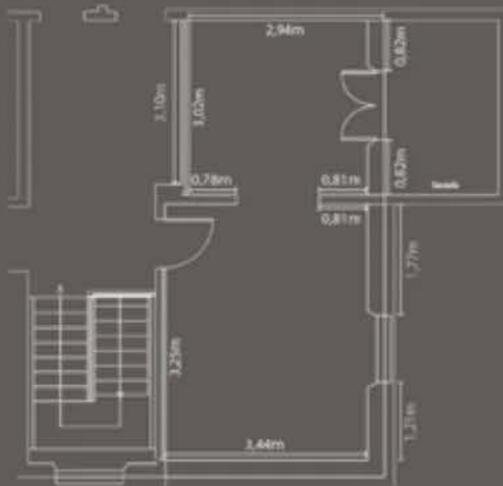
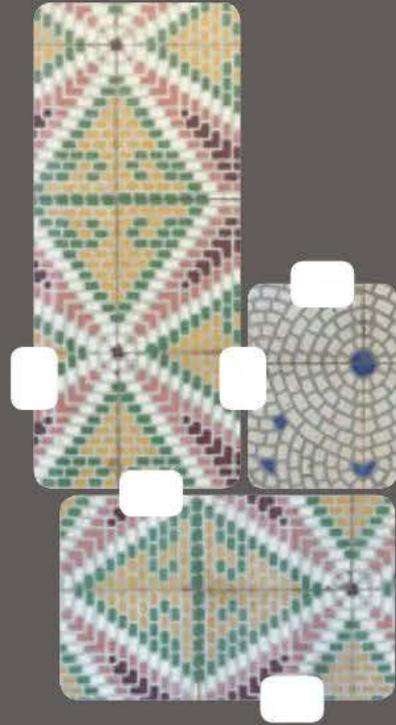
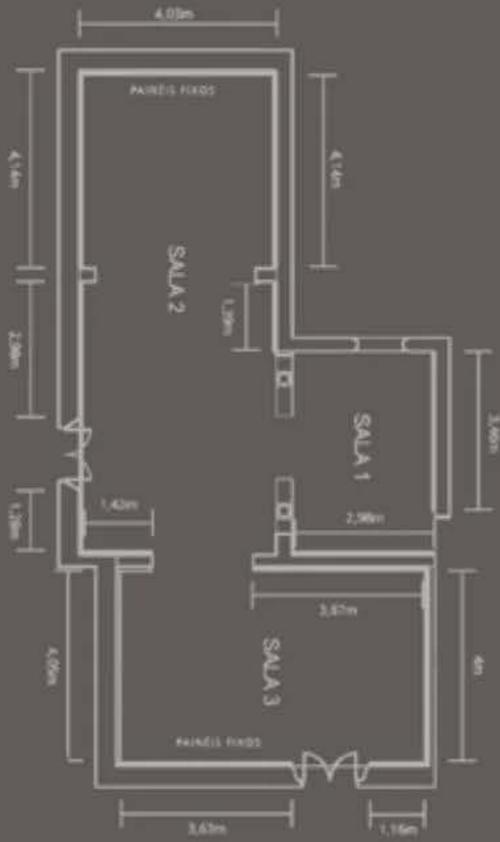
2014 e 2015 foram também marcados pelos encontros nas feiras de artes, com seis edições da Entremostras reunindo mais de 200 artistas de diversas linguagens que apresentaram sua produção e conversaram com o público. Foram 42 mostras de cinema, 20 estreias ou sessões especiais de filmes, 24 lançamento de livros, 20 apresentações de música e performance, 13 cursos e oficinas e mais de 20 eventos especiais. Um calendário movimentado que alimenta a Cultura Catarinense. Esses números grandiosos só são possíveis graças ao apoio da diretoria e dos colaboradores do Badesc; ao trabalho incansável da equipe de produção da Fundação e a gentil parceria de artistas, profissionais da cultura, instituições, grupos e pessoas apaixonadas por arte.

## Casa dos Encontros

Quem já subiu as escadas do histórico casarão eclético amarelo da Visconde de Ouro Preto esquina com a Artista Bitencourt sabe que, além de corpo, a Fundação tem alma. É uma Casa Viva alimentada por encontros (por vezes, desencontros), por realizações (ocasionalmente, ressentimentos), por momentos de paixão e de encantamento. Contáveis e incontáveis pequenas grandes histórias testemunhadas por seus jardins, galerias, salas, varandas (e por nós). Rotina de muita comemoração e trabalho. A Casa é do coração de todos. Dos citados artistas, parceiros, equipe, colaboradores do Badesc, profissionais em cultura, público, Cidade. É tudo tão múltiplo e intenso que nos incentiva a abusar dos adjetivos, substantivos, verbos e reiteraões. Quem sobe as escadas, sabe.

ENELÉO ALCIDES  
Diretor Geral





# exposições

- EPIFÂNICAS • Clara Fernandes • 10  
PALAVRAS COMPARTILHADAS • Rosana Ricalde • 16  
MISE EM ABYME • Ilca Barcellos • 22  
NOME AOS BOIS • Luciano Boletti • 28  
TOPOGRAFIA DA ALMA • Radji Schucman • 34  
M AR • Daniela Vicentini • 38  
ESCRITO • Maíra Dietrich • 44  
EXTREMOS • Tereza Bossler • 44  
A IMAGEM (DES) CONSTRUÍDA • Coletiva • 48  
EXECUTE-SE • Jonas Esteves • 54  
HAITI BOMBAGAI • Radilson Carlos Gomes • 58  
! É O QUE HÁ • Coletiva • 64  
PARAGENS • Manuela CostaLima • 68  
CORADJETIVA • José Maria Dias da Cruz, Flávia Tronca e Laura Villarosa • 72  
REMINISCÊNCIAS URBANAS • Maíra Ishida • 78  
VOLVER • Odete Calderan • 82  
EFEITO ESCOTILHA • Coletiva • 86  
(IN)ADEQUADAS • Silvia Teske • 90  
RENDAS NO AR • Sandra Alves • 94  
TAXIDERMIA • Augusto Benetti • 98  
CÓRDOBA – FLORIANÓPOLIS • Coletiva • 104  
MEMÓRIA MIGRATÓRIA • Pauline Zenk • 108  
A DÚVIDA DA VERDADE • Sérgio Adriano H • 114  
CAOS NA MARGEM • Fê Luz e Lela Martorano • 120  
NEM TANTO AO MAR, NEM TANTO À TERRA • Rubens Oestroem e Yara Guasque • 124  
DISABILITY • Adriana Maria dos Santos • 130  
REGISTROS DE UMA QUASE INFÂNCIA • Teresa Luzio • 134  
AUTORRETRATO • Lilian Barbon • 140  
DESENHO DE MONSTRO • Coletiva • 144  
SOB O PREÇO DA CARNE • Jenny Granada • 148  
CAÇADORES E COLETORES • Coletiva • 152  
METAMÓRFICAS • Javier Di Benedicts • 156  
IMPOSSIBILIAS: ARQUIVO E MEMÓRIA EM PAULO GAIAD • 162  
DIÁLOGOS EXPOSTOS • Coletiva • 170  
Outros Eventos • 176

# Epifânicas

Clara Fernandes

Através de uma série de objetos e tramas, nesta exposição surge uma compreensão de tempo em que coexistem efêmero e perene, presença e vestígio como atributos paradoxais.

O sentido de verticalidade, leveza e flutuação permite que uma presença divinal ou proximidade celeste se insinue. Proveniente de um conjunto de leituras e reelaborações sobre textos bíblicos e de mitologia, a artista referencia plástica e metaforicamente a presença de deuses e santos, musas e anjos.

Se a noção de Epifania como revelação valeu para os chamados reis magos que, seguindo uma estrelas, chegaram ao deus menino, também parece valer ainda para o mais comum e falível dos mortais que busca seguir a estrela de seu destino, embora não saiba bem qual direção tomar e o porquê da empreitada.

Num tempo movido a insignificâncias hipervalorizadas, vulgaridades e banalidades midiáticas, a revelação epifânica não poderia ser pensada também como uma projeção do desejo que nos projeta para longe das nossas garantias?

E não seria esse, afinal, o encontro que espera o espectador diante das obras de Clara Fernandes?

ROSÂNGELA CHEREM - Curadora











## Epifânicas, de Clara Fernandes

Espaço Fernando Beck, de 23 de julho a 27 de agosto de 2015

A maioria das nove instalações de *Epifânicas* se aproxima do habitat onde a artista mora – o interior da Ilha de Santa Catarina – apresentando elementos da flora nativa como é o caso da embiruçu e da sibipiruna, de onde são extraídos materiais para confecção das obras. É por meio destes materiais naturais em suportes de metal, madeira e seda que a artista explorou as escrituras dos profetas maiores, fazendo coexistir etéreo e terreno numa concepção expandida do tempo. A exposição parte de tecidos, objetos, instalações, desenhos e tramas criados, a princípio para uma proposição performática pensada a partir de leituras e reelaborações sobre textos bíblicos e mitologia, que referencia plástica e metaforicamente a presença de deuses e santos, musas e anjos. Clara Fernandes nasceu em São Paulo, estudou na faculdade de Psicologia da PUC/SP e na Escola de Comunicações e Artes da USP. Vive e trabalha em Florianópolis desde 1983.

# Palavras compartilhadas

Rosana Ricalde

A mostra de Rosana Ricalde apresenta três momentos relacionais entre a escrita e três motivos: imagem, paisagem e construção textual. Reunidos sob séries intituladas *Contra-poemas*, *Auto-Retratos*, *Provérbios*, *O tempo muda tudo*, *Mar Egeu/Mar Vermelho* e os *Manifestos*, são 21 trabalhos com inspiração em textos de livros.

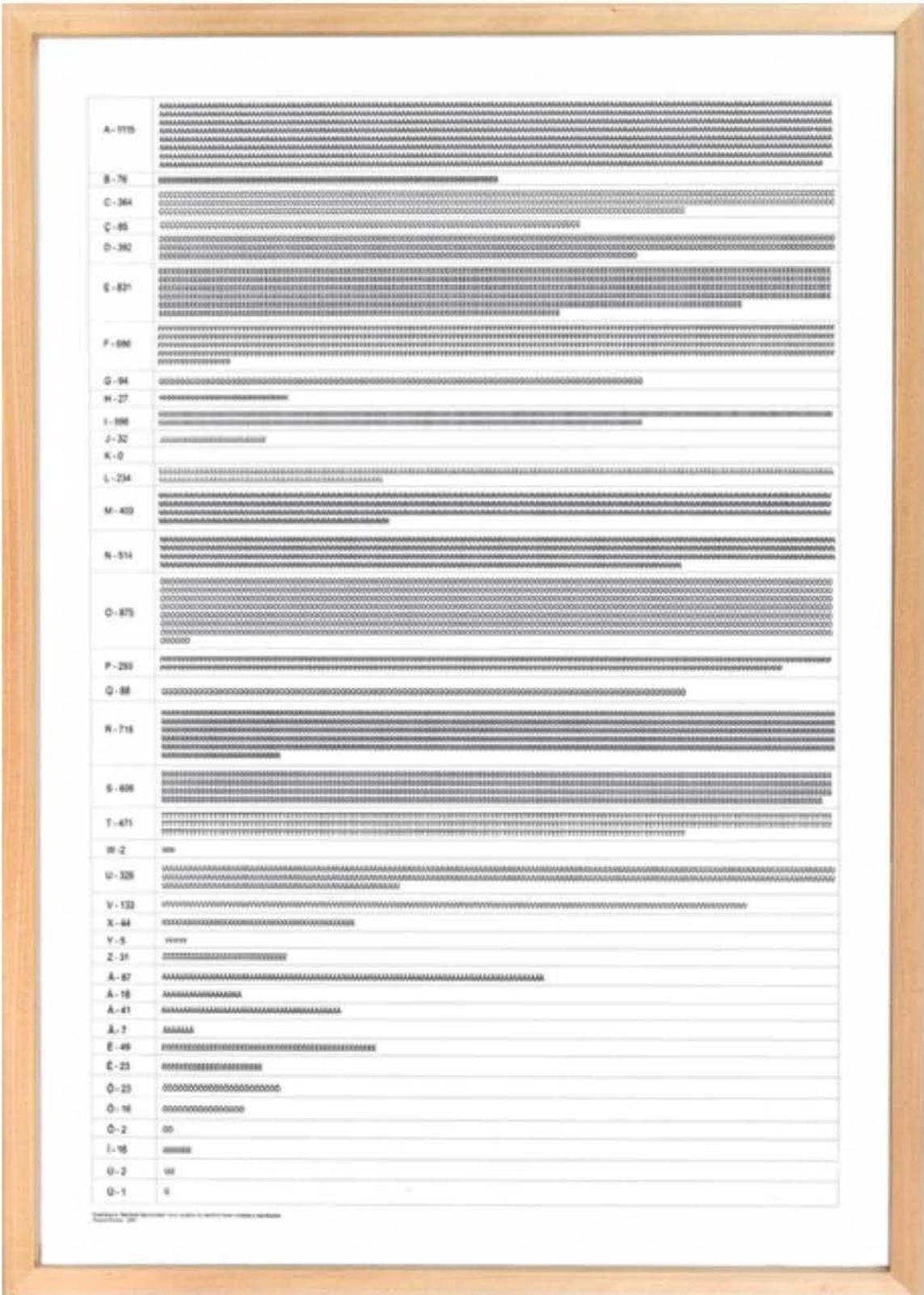
Na obra de Rosana, a estrutura vocabular é extremamente exposta, ciente de sua visualidade. A reconstrução das palavras trafega de forma literária para a forma visual. Ao apropriar-se de textos teóricos ou poéticos, a artista apresenta uma nova leitura da linguagem, remetendo-nos poder da palavra ao longo dos tempos – por conseguinte, seus trabalhos evocam geografias, histórias, filosofias.

O percurso da artista, reperto de processos particulares e universais, é também ligado às vanguardas da arte conceitual, aos movimentos artísticos do século 20, como o dadaísmo, a poesia concreta, o surrealismo, em uma flagrante confluência de elementos contemporâneos.

NASCEU EM 1892. EM QUEBRANGULO. ALAGOAS. CASADO DUAS VEZES. TEM SETE FILHOS. ALTURA 1.73. SAPATO N.41. COLARINHO N.39. PREFERE NAO ANDAR. NAO GOSTA DE VIZINHOS. DETESTA RADIO. TELEFONE E CAMPAINHAS. TEM HORROR AS PESSOAS QUE FALAM ALTO. USA OCULOS. MEIO CALVO. NAO TEM preferencia POR NENHUMA COMIDA. NAO GOSTA DE FRUTAS NEM DE DOCES. INDIFERENTE A MUSICA. SUA LEITURA PREDILETA- A BIBLIA. ESCREVEU /CAETAS/ COM 34 ANOS DE IDADE. NAO DA preferencia A NENHUM DOS SEUS LIVROS PUBLICADOS. GOSTA DE BEBER AGUARDENTE. E ATEU. INDIFERENTE A ACADEMIA. ODEIA A BURGUESIA. ADORA CRIANCAS. ROMANCISTAS BRASILEIROS QUE MAIS LHE AGRADAM- MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA. MACHADO DE ASSIS. JORGE AMADO. JOSE LINS DO REGO E RACHEL DE QUEIROZ. GOSTA DE PALAVRAS ESCRITOS E FALADOS. DESEJA A MORTE DO CAPITALISMO. ESCREVEU SEUS LIVROS PELA MANHA. FUMA CIGARROS /SELMA/ TRES NA POR DIA. E INSPETOR DE ENSINO. TRABALHA NO CORREIO DA MANHA. APESAR DE O ACHAREM PESSIMISTA. DISCORDA DE TUDO. SO TEM CINCO TERMOS DE ROUPA. ESTRAGADOS. REFAZ SEUS ROMANÇOS VARIAS VEZES. ESTEVE PRESO DUAS VEZES. E-LHE INDIFERENTE ESTAR PRESO OU SOLTO. ESCREVE A-MAO. SEUS MAIORES AMIGOS- CAPITAO LOBO. CUBA JOSE LINS DO REGO E JOSE OLYMPIO. TEM POUCAS DIVIDAS. QUANDO PREFEITO DE UMA CIDADE DO INTERIOR. SOLTAVA OS PRESOS PARA COMS -TRUIREM ESTRADAS. ESPERA MORRER COM 87 ANOS.

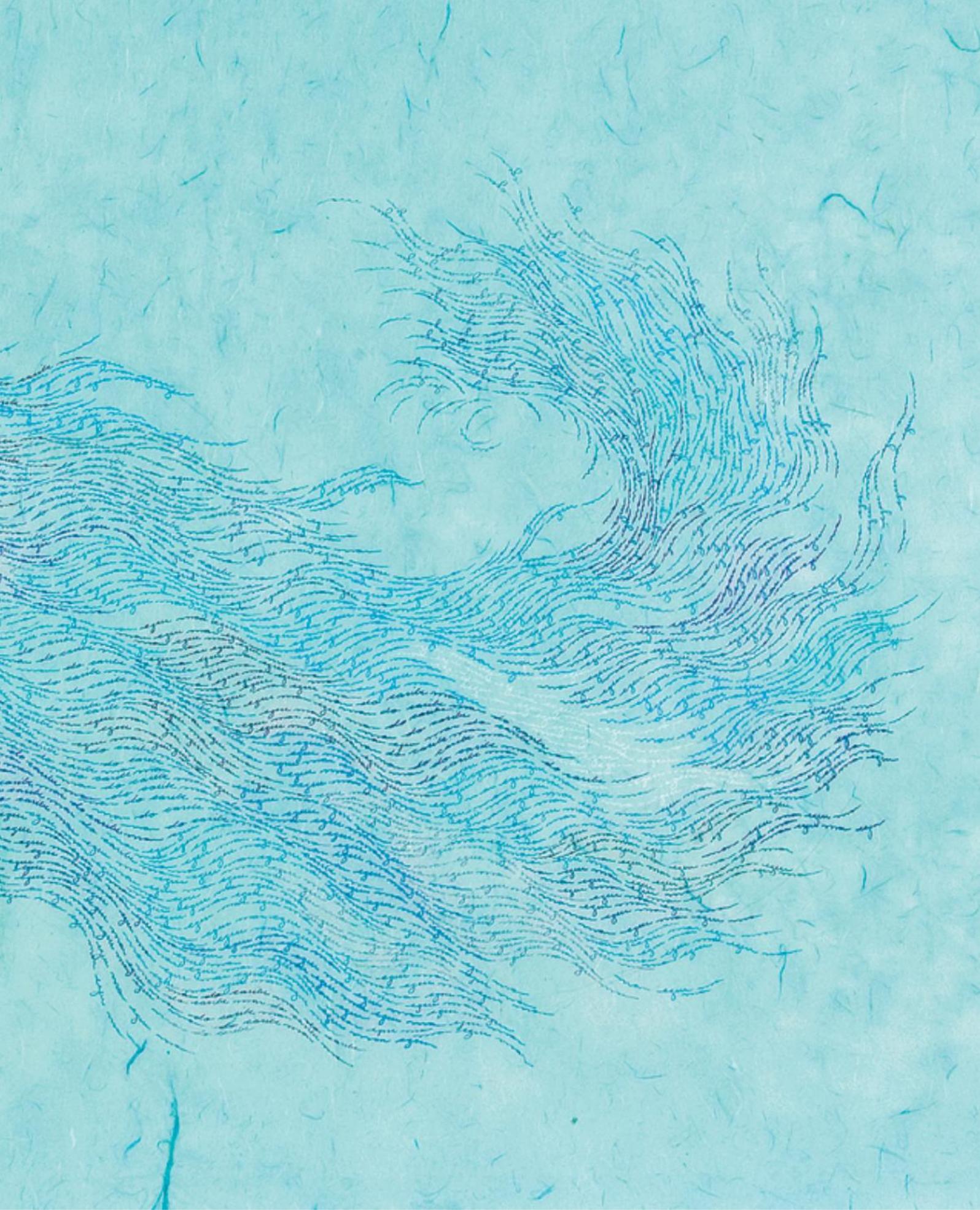
AUTO-RETRATO AOS 36 ANOS

NASCEU EM 1892. EM QUEBRANGULO. ALAGOAS. CASADO DUAS VEZES. TEM SETE FILHOS. ALTURA 1.73. SAPATO N.41. COLARINHO N.39. PREFERE NAO ANDAR. NAO GOSTA DE VIZINHOS. DETESTA RADIO. TELEFONE E CAMPAINHAS. TEM HORROR AS PESSOAS QUE FALAM ALTO. USA OCULOS. MEIO CALVO. NAO TEM preferencia POR NENHUMA COMIDA. NAO GOSTA DE FRUTAS NEM DE DOCES. INDIFERENTE A MUSICA. SUA LEITURA PREDILETA- A BIBLIA. ESCREVEU /CAETAS/ COM 34 ANOS DE IDADE. NAO DA preferencia A NENHUM DOS SEUS LIVROS PUBLICADOS. GOSTA DE BEBER AGUARDENTE. E ATEU. INDIFERENTE A ACADEMIA. ODEIA A BURGUESIA. ADORA CRIANCAS. ROMANCISTAS BRASILEIROS QUE MAIS LHE AGRADAM. MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA/MACHADO DE ASSIS/JORGE AMADO/JOSE LINS DO REGO E RACHEL DE QUEIROZ. GOSTA DE PALAVRAS ESCRITOS E FALADOS. DESEJA A MORTE DO CAPITALISMO. ESCREVEU SEUS LIVROS PELA MANHA. FUMA CIGARROS SELMA -TRES NAPOS POR DIA-. E INSPETOR DE ENSINO. TRABALHA NO CORREIO DA MANHA. APESAR DE O ACHAREM PESSIMISTA. DISCORDA DE TUDO. SO TEM CINCO TERMOS DE ROUPA. ESTRAGADOS. REFAZ SEUS ROMANÇOS VARIAS VEZES. ESTEVE PRESO DUAS VEZES. E-LHE INDIFERENTE ESTAR PRESO OU SOLTO.



AUSNADQLEAAUNOICHEEN  
BOONSCEALAAARCMÓALERA  
DOEDELASOÁFBEINOSA  
SAOLBEREASMTÁÁSAQUE  
PEEMASSIGANRALCAISÓENU  
ACONORNTÇEELLA  
CRRORREAPÇEÑNO,TIMIEENTO  
DEESOGLRAAFCAILA.TASE  
AETNAC  
IDAONA  
EUSETI  
QUIN







## Palavras Compartilhadas, de Rosana Ricalde

Espaço Fernando Beck, de 27 de março a 17 de abril de 2014

Atuante desde 1994, a artista realiza seu trabalho através de materiais de diversas texturas e efeitos para suporte de sua escritura, como a fita rotuladora e a areia escolhidos de forma minuciosa. Meticuloso também é o fazer artístico, debruçado sobre o universo da escrita, na forma de referências aso caligramas e à caligrafia, entre outros. Rosana Ricalde nasceu em Niterói (RJ), é formada em Gravura pela EBA/RJ, mestre em Ciência da Arte pela UFF/RJ e trabalha entre o Rio de Janeiro (RJ) e Rio das Ostras (RJ), onde reside. Construiu um currículo de exposições que incluem cidades brasileiras e também Madri (Espanha), Oslo (Noruega), Miami (Estados Unidos), Lisboa (Portugal) e Havana (Cuba). A Exposição foi uma parceria com o projeto ArteSESC, que realiza mostras itinerantes pelo país.

# Mise en abyme

Ilca Barcellos

As esculturas desenvolvidas por Ilca Barcellos nos últimos anos têm se aproximado inevitavelmente do campo já tão problematizado da arte pós-concreta brasileira, tanto em seus aspectos materiais e quanto conceituais. É notável a semelhança entre a inquietação presente na obra de Ilca e aquela pertinente à herança construtivista, de modo geral, e à obra de Lygia Clark, em particular. Trata-se, obviamente, de uma relação entre ordens distantes tanto na origem quanto no entendimento do campo da escultura; não obstante, a despeito desta, pontos de contato se estabelecem justamente lá onde as esculturas recentes da artista radicalizam sua vocação.

Ilca desenvolveu, ao longo dos anos, uma prolífica produção marcada por características visuais que remetem à proliferação aparentemente desordenada da natureza. Suas esculturas em cerâmica apresentam, tanto em sua fatura como em sua condição de representação, o movimento obsessivo das procriações incessantes dos seres vivos. Paulatinamente, suas esculturas foram relativizando a base de apoio e levando a extremos algumas possibilidades e limites técnicos do meio cerâmico. Simultaneamente, seus trabalhos deixavam o lugar convencional da sala expositiva e aderiam ao jardim, à mata.

Nas obras atuais há, porém, um salto qualitativo no entendimento do que constitui, em profundidade, sua produção. Além de abandonarem a base de apoio definitivamente, seus trabalhos se colocam como o lugar de tensão entre diferentes densidades da matéria; momento em que a luta entre um e outro material se torna a própria forma e razão da escultura. Tecido, cerâmica e espuma expandida são agora protagonistas de um drama em desenvolvimento, que alude, em certo sentido, ao desafio diário de toda a natureza na terra.

As obras atuais de Ilca ultrapassam as noções acomodadas das técnicas e operam desde um campo expandido da escultura, no qual não há limites previstos para a proliferação de suas estruturas tridimensionais. Uma alusão oblíqua à própria condição dos seres na cadeia de vida.

FERNANDO LINDOTE











## Mise em Abyme, de Ilca Barcellos

Espaço Fernando Beck, de 24 de abril a 22 de maio de 2014

Conjunto de objetos construídos com tecido, poliéster e peças de cerâmica que apresentam inúmeras possibilidades de composição a cada nova montagem. A artista propõe nestas esculturas uma relação simbiótica, enfatizada pela interação imprevisível com o público. As peças de cerâmica branca que compuseram a mostra foram modeladas à mão e tinham vários pontos de contato, o que a artista chamou de "garras", sendo organicamente assimétricas. A partir delas e dos volumes criados com tecido, também branco, Ilca criou suas formas híbridas que se procriam, livres de suporte, e invadem o espaço expositivo. O resultado revelava a tensão da coexistência entrópica presente na natureza. Natural de Pelotas (RS), Ilca Barcellos tem formação acadêmica na área das Ciências Biológicas. Sua poética explora o campo expandido da escultura, dialogando com a arte pós-concreta brasileira, com as questões postas pelo contemporâneo.

# Nome aos bois

Luciano Boletti

**Um corpo** - É a origem do mundo. Ao menos, o humano mundo. É a partir dele que se apreende e se participa da existência. Sendo objetivo – e, portanto, raso – a existência é o período entre o surgir e o desaparecer de um corpo.

“A vida é um pisca-pisca”, conforme Emília, a do Sítio do Pica-pau Amarelo. Um corpo é também a origem desta exposição. Qual corpo? O do próprio artista. Ou seja, não “um” corpo, mas “o” corpo. No singular. Mais do que pele, nervos, músculos, órgãos e ossos, ao pronunciar “corpo” se está dizendo memória, afeto. Está-se imerso, portanto, na linguagem.

**O colapso** - O corpo, por vezes, sofre um colapso. Com menor frequência – porque a falência a todos aguarda – um corpo pode já vir ao mundo colapsado.

No caso do corpo-origem desta exposição, a espinha dorsal, a coluna, não cumpria com suas funções. Não conseguia garantir a verticalidade do tronco. O problema crônico persistiu por mais de uma década, no período da infância e da adolescência. Ela (a coluna), ele (o corpo do artista), tiveram que ser atados, externamente, a uma haste metálica.

A amarração desse corpo a essa haste era feita por meio de cintas de couro. Com isso, surgiu a experiência prolongada (e forçada) entre haste, cintas e corpo.

**Corpo de imagens** - Se essa é a história inicial desta exposição (algo como um mito fundador), não quer dizer que ela seja prerrogativa. Ela ajuda a explicar, a contextualizar. Onde vem o corpo que se transforma em boi, vaca.

Promete um caminho. Mas se não soubermos nos perder, não será possível o encontro com o “para-além”, que é o valor maior dos trabalhos e da presença de Luciano Boletti. O “para-além” é força de espírito aplicada ao corpo, é a precisão de quem sai de um estado e chega a outro. Ainda mais forte, mais vivo. É isso que se vê e sente nos desenhos, pinturas, fotografias, vídeos e objetos.

Se, inicialmente, observa-se a recorrência (a repetição quase obsessiva) de elementos figurativos que sugerem algo como vértebras e estruturas ósseas, mais a frente, no meio do caminho, havia uma vaca (havia o acaso). Ou um boi, vai saber (isso também foi o acaso que decidiu). E ele mudou, definitivamente, o trabalho do artista. Ou melhor, o artista deixou-se mudar pelo caminho do meio.

**Do humano para o animal** - A passagem do eu para o outro. Um outro que é o extremo, é a alteridade radical do animal. Desse movimento feito de curiosidade e desapego, de coragem e calma, surgiram trabalhos, por vezes, quase explosivos. A tinta a escorrer e a se espalhar, como resto de uma operação cheia de energias que se dirige para as fronteiras do quadro. Para além. Como algo que não cabe só ali. Embora se trate de uma explosão controlada, ainda assim há deslocamento de ar, queima. Afinal, para aquele que é de água, o fogo e o vento são elementos para além de si.

Sorte, sorte. Que temos aqui este corpo.

E assim dá-se o nome aos bois. Amém.

FERNANDO BOPPRÉ - Curador











## Nome aos bois, de Luciano Boletti

Espaço Fernando Beck, de 22 de janeiro a 20 de fevereiro de 2015

A mostra reúne objetos, desenhos, fotografias e pinturas produzidos desde a década de 1990. Em comum, a referência ao corpo humano e animal. Apesar de não dar títulos aos trabalhos, metaforicamente, o conjunto em exposição foi um esforço em se dar *Nome aos bois*. Artista plástico e restaurador radicado em Florianópolis, Luciano Boletti nasceu no Paraná e se formou em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Londrina (PR).

# Topografia da alma

Radji Schucman

Com apenas um celular Radji percorre Topos planetário identificando com o seu aguçado olhar realidades e realidades da alma humana.

Unas.

Não importa o local, a unidade do fenômeno humano é a mesma.

A pequena lente já não é o aparelhinho, mas a sua janela ótica como uma extensão de corpo que descortina a magia do flagrante de existências ampliadas pelo significado.

Sem qualquer recurso, de forma espontânea e verdadeira, seleciona adequadamente as relações das forças gráficas (luzes, sombras, linhas, cores, volumes, vazios), equilibrando-as a favor da máxima expressão desejada.

Seu conteúdo predileto rapidamente cativa o espectador.

A SOLIDÃO humana e urbana.

Rasgos de fina ironia crítica perpassa boa parte do conjunto das fotografias.

Uma ironia delicada e elegante que apenas é uma pelica da luva que aponta e critica.

Nisto a foto ganha em intensidade poética indiscutível.

A plasticidade que resulta de cada obra é notável.

Em algumas beira a forma minimal.

Fundos lineares ou presença em linhas provocam vórtices emocionais.

O flagrante já não paralisa, suspende existências além do simples existir.

A SOLIDÃO é reforçada pela presença de algum objeto relacional ao qual deflagra sutis entendimentos suspensos entre a objetividade do revelado e a subjetividade do apreciador.

Seja um cigarro, seja uma moto, seja um audífono, seja uma vitrine, seja outro/s indivíduo/s, ou mesmo os objetos em relações mais poéticas, são âncoras do seu olhar que aponta o ancorar-se dos SOLITÁRIOS.

O indivíduo fotografado é seu ponto de vista que parte do ponto de vista de sua própria alma.

Todo o conjunto da sua obra reforça a fotografia como linguagem artística.

Não é mero registro. É uma possibilidade de provocar pensamentos e

Sensações que nossa memória coletiva permite e necessita.

Necessidade de COM/TEMPL/AR!

DORACI GIRRULAT







## Topografia da alma, de Radji Schucman

Espaço 2, de 12 de março a 17 de abril de 2015

Conjunto de quase 100 fotografias feitas com telefone celular, que reúne momentos registrados entre 2012 e 2013, no Brasil, na Europa, no Marrocos e na Turquia. Os registros atraem pela realidade cotidiana e a solidão, tanto humana quanto urbana. Radji Schucman nasceu na Índia e mora em Florianópolis.

# Mar

Daniela Vicentini

## De como olhar o-mesmo-sempre

*“Outro sistema seria falar-lhe olhando para o mar, como um louco contemplativo e simplório.” — Adolfo Bioy Casares*

O “outro sistema” de Bioy Casares é o litoral por onde navega a pintura de Daniela Vicentini. Ela nos conduz desde o ponto de vista de quem olha em direção ao mar, de quem estando em terra vislumbra o oceano. E se o mar suscita a contemplação de um louco simplório é porque, talvez, ele seja avesso à complexidade simbólica.

Há no oceano, aparentemente, algo de sempre-o-mesmo, de vastidão homogênea, de monotonia ritmada. As aquarelas e feltragens de Daniela Vicentini nos mostram, contudo, que rasa são apenas as bordas e que profunda é a experiência de se olhar o-mesmo-sempre. No caso dela, geograficamente, o-mesmo-sempre é a praia do Campeche, paisagem austral a estibordo dessa jangada chamada Ilha de Santa Catarina.

Ao invés do instinto pragmático, por exemplo, do pescador, Daniela Vicentini se entrega, primeiro, à inércia. É somente quando cessa a ação (instante esse tão caro aos grandes observadores e... caçadores) e suspende a propensão desejante do espírito (movimento interno que poderíamos associar à meditação) que a artista se torna parte da paisagem, podendo assim comunicá-la.

Essa informação ela nos passa através da pintura. Uma pintura que traz em seu fazer o vestígio do úmido, do molhado. Tanto a aquarela quanto a feltragem são técnicas que precisam da água para a sua realização. A presença dos feltros nesta exposição é um dos índices da soisticação de seu pensamento plástico sobre o mar. A pintura aplicada sobre eles permite-lhe avançar no espaço, sem deixar de lado a leveza da aquarela.

É possível que ao sair dessa mostra, alguém se depare com o mar lá fora, situação mais do que provável para quem vive na Ilha. E se fosse eu esse alguém, também possivelmente, acabaria por me lembrar dos versos de um poeta italiano que tinha os olhos vidrados no horizonte líquido azul: “Muito mar. Nossos olhos já viram bastante de mar” (Cesare Pavese).

FERNANDO BOPPRÉ - Curador











## Mar, de Daniela Vicentini

Espaço Fernando Beck, de 31 de julho a 21 de agosto de 2014

Apresentando aquarelas e trabalhos tridimensionais feitos com feltragem artesanal, *Mar* indica um espaço entre a paisagem e a possibilidade de sua (re)apresentação por meio das técnicas da aquarela e da feltragem. Feitas por meio da observação direta, atenta à passagem do tempo e ao clima, faz parte do seu processo rever e pintar outra vez um mesmo motivo. Por isso, o trabalho foi feito em várias folhas de papel e sobreposições de pinceladas feitas em diferentes dias. Outras aquarelas nascem como réstias de memórias da observação de algo. As feltragens ganharam o espaço tridimensional, mas mantiveram diálogo com as cores, a atmosfera e a leveza das aquarelas. A artista estudou pintura na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Pesquisou a obra de Waltércio Caldas no mestrado em História Social da Cultura (PUC/RJ). Realiza curadorias e escreve textos para catálogos e livros de artistas.

# Extremos

Tereza Bossler

O fluxo de veículos nas grandes cidades, provocado pela ânsia de ocupar maior espaço em menor tempo, faz com que muitas vezes nos esqueçamos de desacelerar o ritmo. Com isso, a velocidade muitas vezes causa um violento choque entre os dois extremos – a vida tão frágil e transitória se esvai e o vidro, com seu aspecto rígido e durável, permanece. Mesmo com a quebra não deixa de ser vidro. Ando de bicicleta diariamente em Curitiba e região. Na beira da estrada encontro constantemente objetos que ali foram descartados. Foi num desses momentos que encontrei um para-brisa quebrado. O contato do vidro com a natureza chamou minha atenção. Percebi questões como a transitoriedade da vida e dos objetos. A velocidade com que estes últimos são produzidos, consumidos e descartados entra em contraste com a durabilidade do vidro. Fatores que me fizeram ter esse material como forma de me expressar.

Não considero minhas produções esculturas, denomino-as instalações pelo seu caráter transitório. Em cada montagem a proposta adquire um corpo diferente, pois se posiciona, em forma e escala, conforme o espaço em que se insere.

# Escrito

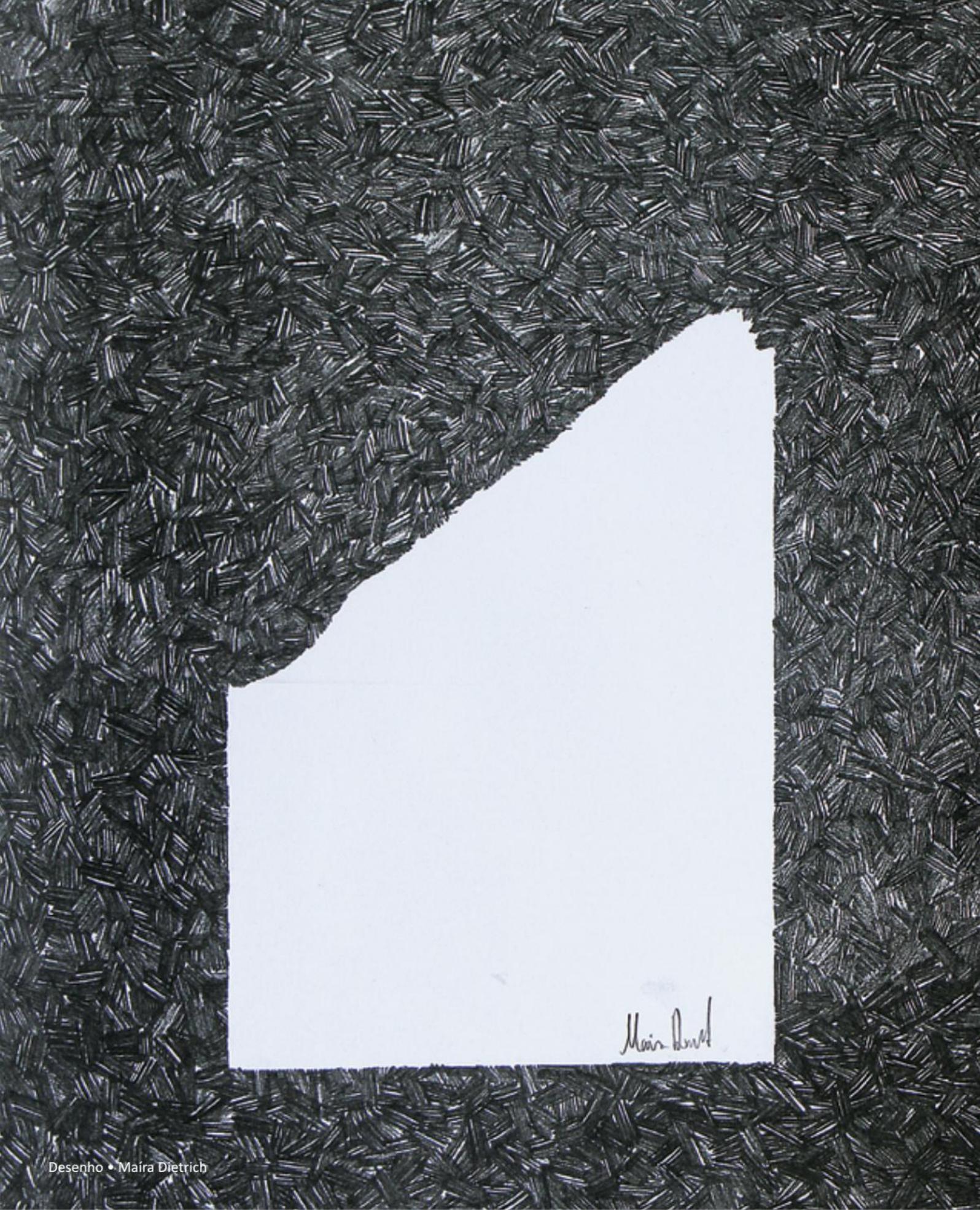
Maíra Dietrich

Ao organizar as massas gráficas em força, tamanho e precisão, o gesto da escrita se difere do gesto do desenho. Escrito leva a metáfora da escrita para o campo de uma leitura ilegível, pronta para ser completada pela insistência do gesto no desenho. As variações desperdiçadas num texto que poderia vir como repetição cria no desenho a variação.

Escrito é o vão possível entre a escritura e sua legibilidade: a qualidade mimética da linguagem numa descrição que poderia transbordar da escrita e vazar para a obsessão do desenho. Com essa possibilidade infinita do trabalho, obra e ato, evidencia-se a falta de seu contorno, fazendo do desenho um gesto de selvageria regido pelo rigor da mão que o desenha. Nesse caso, a construção de um plano quase sólido, iludido pelas suas próprias questões de figura e fundo, traz aos olhares um sistema métrico ditado pelo tempo e pela presença da escritura sem autor. Tal qualidade do método empregado, ferramenta e suporte, pode evidenciar o detalhe do desenho que, aqui, é parte da mesma ação que o faz estar desenhado. Talvez, nesse caso, o verbo “desenhar” possa ser a fusão quase completa dos verbos “ler” e “escrever”, parede e grafite.

GUSTAVO COLOMBINI E LEONARDO ARAUJO





Desenho • Maia Dietrich

Maia Dietrich



Instalação • Tereza Bossler

Escrito, de Maíra Dietrich e Extremos, de Tereza Bossler  
Espaço 2, de 22 de outubro a 20 de novembro de 2015

As artistas Maíra Dietrich e Tereza Bossler ocuparam simultaneamente o Espaço 2 da Fundação Cultural Badesco, com exposições individuais. *Escrito* foi uma instalação que alinhou questões do pensamento gráfico, problematizando uma simbiose entre o desenho e a escrita, representado pelo desperdício da linha que poderia ser escrita e transformada em gesto repetitivo e vazado, indicado pelo desaparecimento da página sendo rasgada. *Extremos* tratou do fluxo cada vez maior de veículos nas grandes cidades, provocado pela ânsia de ocupar maior espaço em menor tempo, que faz com que os cidadãos se esqueçam de diminuir o ritmo e desacelerar. A instalação adquiriu um corpo que evocava o caráter efêmero da vida e dos objetos, a partir do vidro, perpetuando-se no meio de nós. Maíra Dietrich é natural de Florianópolis e bacharel em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Atua como colaboradora e designer da editora independente Par(ent)esis. Coordena desde 2012 o selo editorial A Missão. Tereza Bossler cursa Artes Visuais na Universidade Federal do Paraná e é docente do Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal de Piraquara (PR). A artista desmontou sua obra durante ação performática e a remontou nos Jardins da Fundação, onde permanecerá até se desintegrar.

# A imagem (des) construída

Dalton Reynaud • Eduardo Amato  
Francisco Anibal Santos • Jozé Roberto Da Silva  
Julcimarley Totti • Lahir Ramos • Larocca  
Maria Lucia De Julio • Valdir Francisco  
Maria Teresa Calmon Abagge

LAHIR RAMOS - Curadora

Temos os resultado de dez pesquisas pessoais que utilizam a litografia. O espaço é o Solar do Barão em Curitiba e a mostra é a consequência de um desejo. Não se trata de um desejo simples, como talvez não o seja nenhum desejo, uma nebulosa antes de tudo. E tudo foi possível com o empenho de cada um e um projeto de lei aprovado. Temos aqui o trabalho solitário e uma técnica antiga, e muitos poderiam se perguntar o porquê da litografia, se nossa realidade (pós) moderna permite métodos extremamente rápidos de impressão e ainda métodos muito sofisticados (e igualmente rápidos) de difusão, como talvez isso nunca tenha surgido nos sonhos do Benjamin visionário do início do século XX. O desejo aqui conversa conosco: não é a vontade saudosista de mostrar que determinada técnica ainda existe, tampouco – nesse caminho em que o desejo procura a matéria para sua realização – existiu primordialmente a vontade de mostrar ao público que a litografia necessita de salvadores, que cuidem de sua tradição, fincada no território das artes há mais de duzentos anos. O desejo nos mostra que é hora de seguirmos o caminho, buscando novas possibilidades e olhando para horizontes mais distantes ou... distintos.

Se o resultado é tímido ou grandioso, cabe ao apreciador de arte decidir.

BENEDITO COSTA NETO









Litografia • Maria Lucia de Julio



Instalação • Larocca

## A imagem (des)construída - Coletiva

Espaço Fernando Beck, de 26 de fevereiro a 1º de abril de 2015

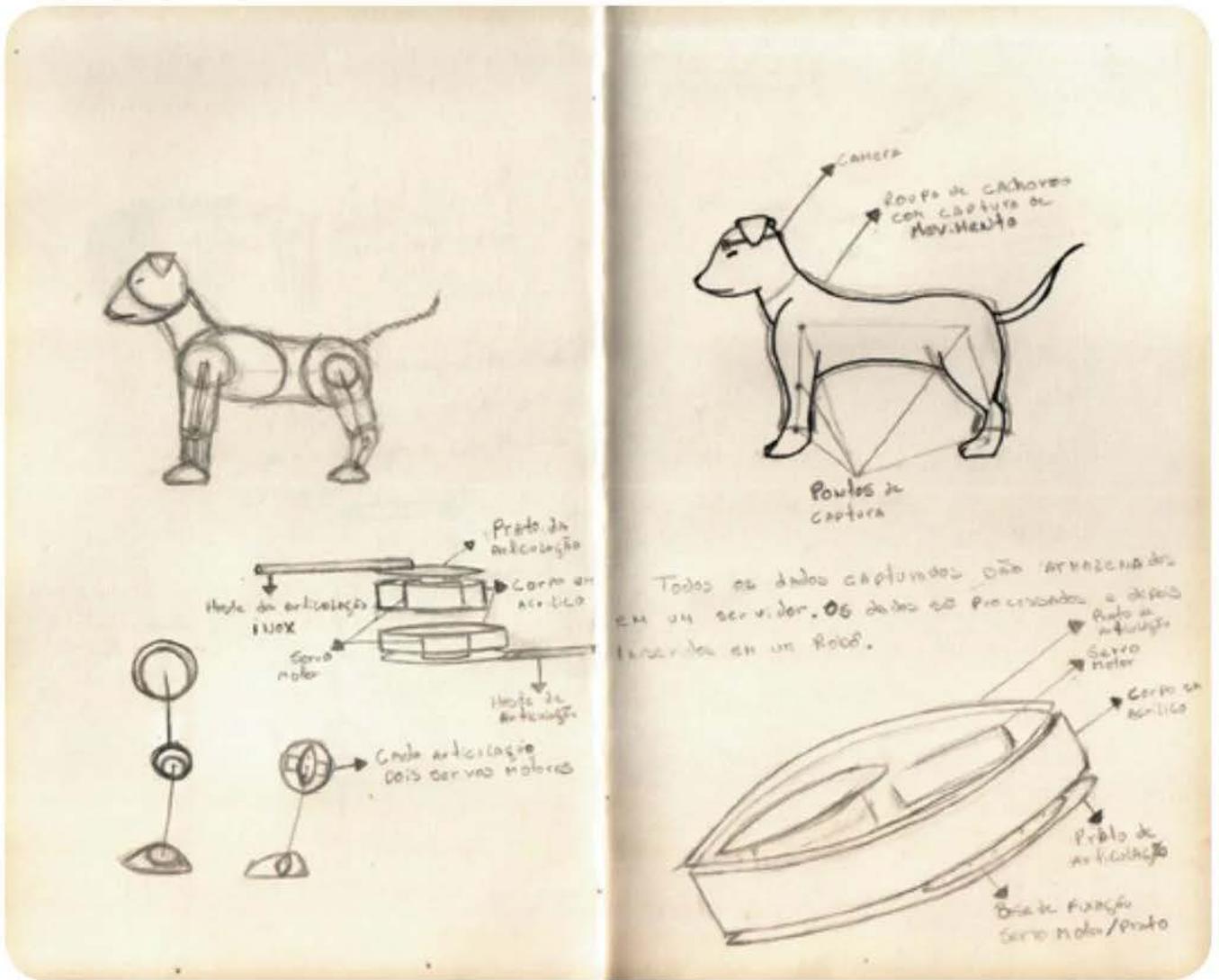
Tratar da litografia como um processo artístico foi a proposta da mostra que reuniu as obras de Dalton Reynaud, Eduardo Amato, Francisco Anibal Santos, José Roberto da Silva, Julcimarley Totti, Lahir Ramos, Larocca, Maria Lúcia de Júlio, Maria Teresa Calmos Abagge e Valdir Francisco, que apresentaram o trabalho que desenvolveram nos ateliês do Solar Barão – Museu da Gravura Cidade de Curitiba. A reunião da produção dos 10 artistas apresentou múltiplas possibilidades de (des)construção como processo artístico, além de deixar a interpretação em aberto para cada um.

# Execute-se

Jonas Esteves

Robôs estão presentes há tempos na ficção científica. Na minha infância, tive bastante contato com desenhos em que o protagonista contava com o auxílio de robôs. Para além do auxílio, esses robôs e máquinas possuíam autonomia... e isso era o que mais me instigava. Adorava Super Máquina (seriado), Pole Position (desenho), entre tantos outros conteúdos que envolviam robótica. Mas, afora essa influência, eu queria saber como as coisas funcionavam, a parte elétrica, a mecânica, enfim... e meus primeiros brinquedos foram fonte dessa curiosidade, sendo que isso desencadeou o processo de criar meus próprios brinquedos. A partir daí fui desenvolvendo técnicas e aprendendo sobre o funcionamento das coisas sem manuais de instruções. Eram brinquedos quebrados, motores queimados e planos frustrados até começar a ter os primeiros resultados. Toda essa experiência adquirida foi se unindo a novos e retomando antigos projetos por uma busca de autonomia das coisas, tendo ainda como fator, talvez, a procura por preencher uma ausência...

Jonas, em conversa com Claudia Zimmer



**M.A.M.S**  
Máquinas  
de apoio manutenção e suporte à vida

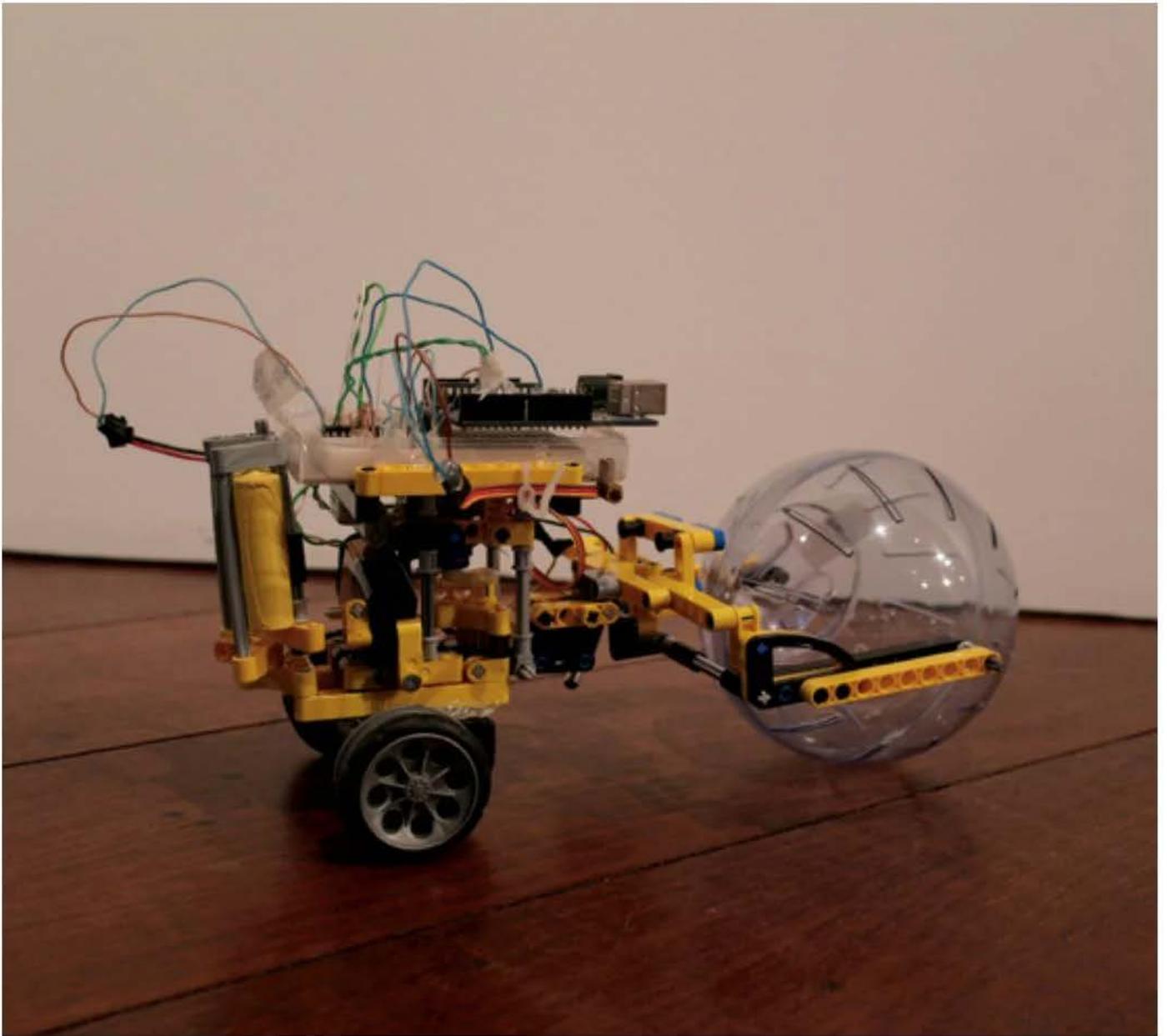
**A**  
APOIO

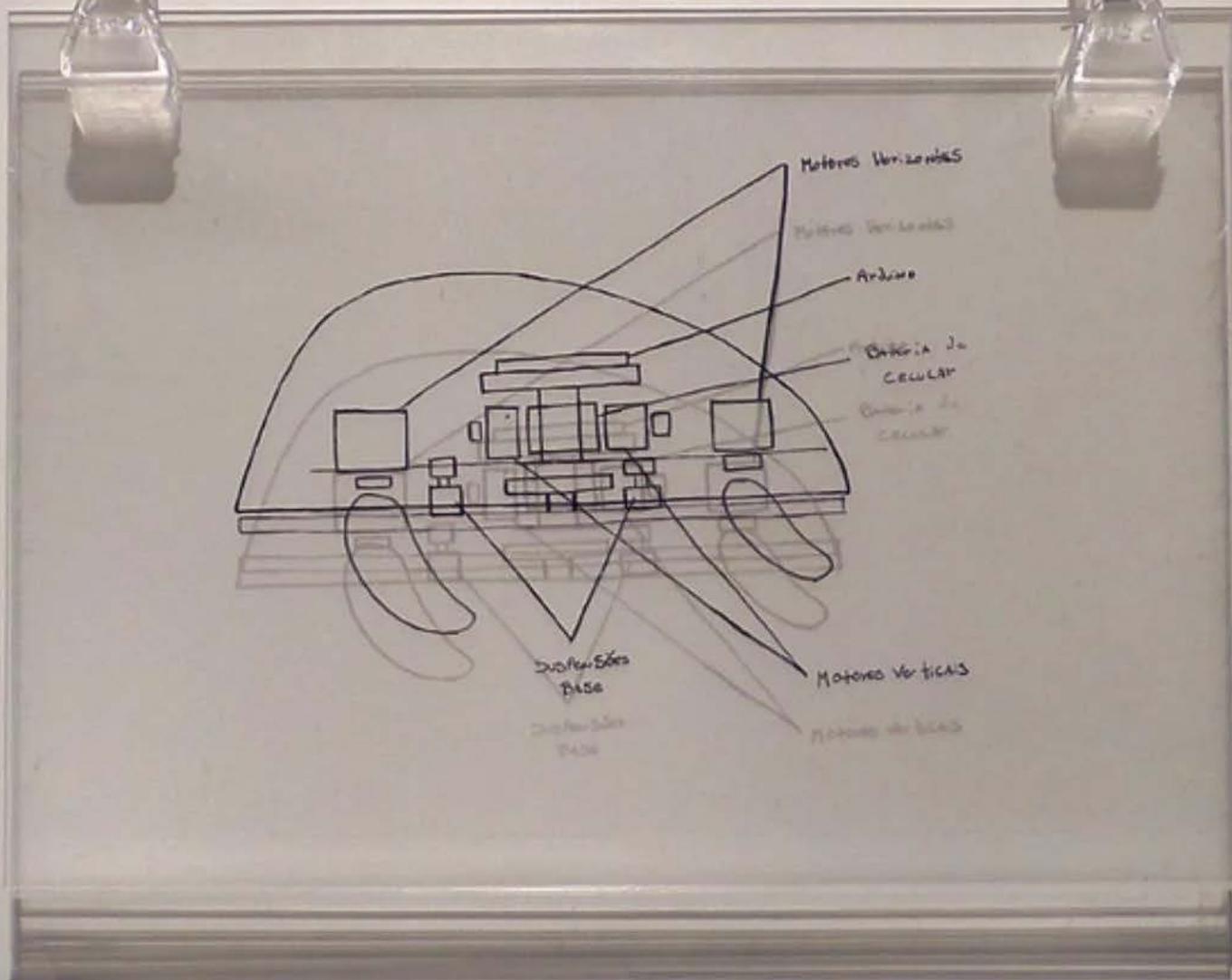
**M.A.M.S**  
Máquinas  
de apoio manutenção e suporte à vida

**M**  
Manutenção

**M.A.M.S**  
Máquinas  
de apoio manutenção e suporte à vida

**S**  
Suporte





## Execute-se, de Jonas Esteves

Espaço Fernando Beck, de 26 de junho a 25 de julho de 2014

Inspirada em seriados e desenhos animados da infância do artista, *Execute-se* é uma espécie de manual de instrução de projetos, com ideias, desenhos e ficções que escondem em seu íntimo a devoção pelas máquinas. Dividida em Esquemas de montagem, Máquina do tempo, Máquinas de apoio, Manutenção e suporte à vida e Robô companhia 1.0 estabelecem uma narrativa de ficção científica. Os Esquemas de montagem consistem em desenhos feitos em camadas de acrílico, com detalhes de projetos robóticos que se complementam em um domínio tridimensional. Nascido em São Paulo e formado em Artes Visuais pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), Jonas vive em Criciúma, onde trabalha com arte e tecnologia.

# Haiti Bombagai

Radilson Carlos Gomes

“Ao chegar ao Haiti,

Precisei desconstruir as imagens negativas apresentadas nos noticiários nacionais e internacionais. Apesar de devastado pelas seguidas tragédias, o país revelava um tesouro que o terremoto não conseguiu enterrar: a garra do seu povo.

O meu olhar se voltou para os haitianos, seu modo de vida e seu cotidiano. Conheci comunidades e pessoas. Compreendi a cidade.

A cada novo encontro revelava-se a grandeza e força da língua, das cores e dos costumes do povo Haitiano.

Ao participar da Missão Brasil-Haiti, ao contrário da falta de esperança, vivenciei a luta pelo resgate da vida digna e da comunhão entre povos.

Não enxerguei os escombros e a destruição que estavam por toda parte. O que vi, foi o verdadeiro valor da vida.” (Haiti, fevereiro de 2011)

Cinzas, areia, pedras, concreto destruído. E no meio do caos, cores persistentes. O olhar do fotógrafo busca a composição, mas a composição revela uma nova perspectiva, construída na persistência do cotidiano: a vida se valendo de esperança. Crianças brincam e estudam, homens reconstroem o País, mulheres carregam o Haiti sobre a cabeça. As colegiais vestidas com uniformes limpos, meias brancas e calçados brilhantes, sem que houvesse água nas torneiras, provocavam curiosidade e admiração.

A exposição se construiu nesse processo de gente olhando gente e formando imagens que falam por si mesmas. Eis o bombagai: como eles chamam os brasileiros por lá e como passamos à vê-los. Do crioulo: gente boa, sangue bom. Agradecimento de um fotógrafo que se alimentou do afeto do povo haitiano.

ANDRÉ RICARDO SOUZA - Curador











## Haiti Bombagai, de Radilson Carlos Gomes

Espaço Fernando Beck, de 14 de maio a 12 de junho de 2015

A exposição reuniu 39 fotografias produzidas em 2011, um ano após o terremoto que assolou o Haiti e que resultou em pelo menos 100 mil mortos e mais de três milhões de atingidos. Radilson esteve no Haiti como integrante da equipe multidisciplinar do Itamaraty e do Ministério da Saúde, na cooperação técnico científica Brasil-Haiti. O período da mostra coincidiu com a ampla repercussão na mídia sobre a imigração dos haitianos no Estado e acabou oportunizando um consistente debate público sobre os desafios da inserção laboral e diversidade cultural dessa imigração. O artista foi convidado para levar essa exposição para outras cidades e acabou sendo parceiro na criação de um festival sobre a cultura haitiana. Com curadoria de André Ricardo Souza, especialista em Artes Visuais e pesquisador de Processos Artísticos Contemporâneos. Radilson é formado em História, especialista em Comunicação e Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz. Começou a sua carreira de fotógrafo em 1986, em Brasília. Em 1994 ingressou no Ministério da Saúde e passou a trabalhar em documentários fotográficos de saúde pública. É professor de Fotografia na Escola Câmera Criativa, em Florianópolis.

# ! é o que há

Antônio Mir • Barbara Xavier • Beatriz de Bona • Caroline Abbadie Nachtigal  
Denise Franco • Edmundo Olivares • Edson Machado • Eli Heil • Eliana Beck  
Elisa Iop • Elio Hahnemann • Egenolf Theilacker • Érico da Silva • Fabiana  
Langaro Loos • Gilberto Pegoraro • Gilma Alves de Mello • Guido Heuer  
Hamilton Cordeiro • Hassis • Elke Hülse • Idésio Leal • Doval • Ivo Silva  
Jacob Silveira • Janor Vasconcelos • José Carlos Nunes de Oliveira  
José Fernando Saliba • José Pedro Heil • Lair Leoni Bernardoni • Leandro Vitto  
Leda Campos • Loro • Lú Pires • Luiz Carlos Albertini • Mara Santos  
Marcos Nakamura • Maria Celeste Carvalho Neves • Maria Salete Werling  
Marilina Bernal • Meg Tomio Roussenq • Mário Avancini • Môa • Neri Andrade  
Pedro Petry • Pita Camargo • Reynaldo Pfau • Rodrigo Cunha • Rodrigo de  
Haro • Rubens Oestroem • Semy Braga • Silvio Parucker • Silvio Pléticos  
Simone Tanaka • Suely Beduschi • Tércio da Gama • Teresa Martorano  
Ute Petersen • Vera Sabino • Wilson José de Souza

A exibição integral de todos os 60 artistas representados no acervo é um gesto que coloca num segundo plano o juízo de gosto e valor. Considerou-se mais importante, neste momento, apresentar as obras juntas, como se colocássemos todas as cartas sobre a mesa. Com isso, repete-se a generosidade dos artistas que doaram seus trabalhos à instituição: se assim o fizeram, nada melhor do que reservar um espaço nessa mostra para cada um deles.

As palavras e as imagens possuem múltiplos sentidos. Um título também. *! é o que há* é livremente inspirada num livro de João Cabral de Melo Neto, intitulado "Museu de tudo". Um dos poemas, "A Lição da Pintura": *Quadro nenhum está acabado, disse certo pintor; se pode sem fim continuá-lo, primeiro, ao além de outro quadro que, feito a partir de tal forma, tem na tela, oculta, uma porta que dá a um corredor que leva a outra e a muitas outras*. Walter Hopps, curador estadunidense, costumava comparar a sua função com a de um regente de orquestra. Aqui, convocamos todos os músicos para se apresentarem. Em vez de uma partitura em comum, decidimos deixar que cada um fizesse sua própria sinfonia. O resultado é um som estrondoso, mas inclusivo. Não seria isso uma democracia?

FERNANDO BOPPRÉ - Curador

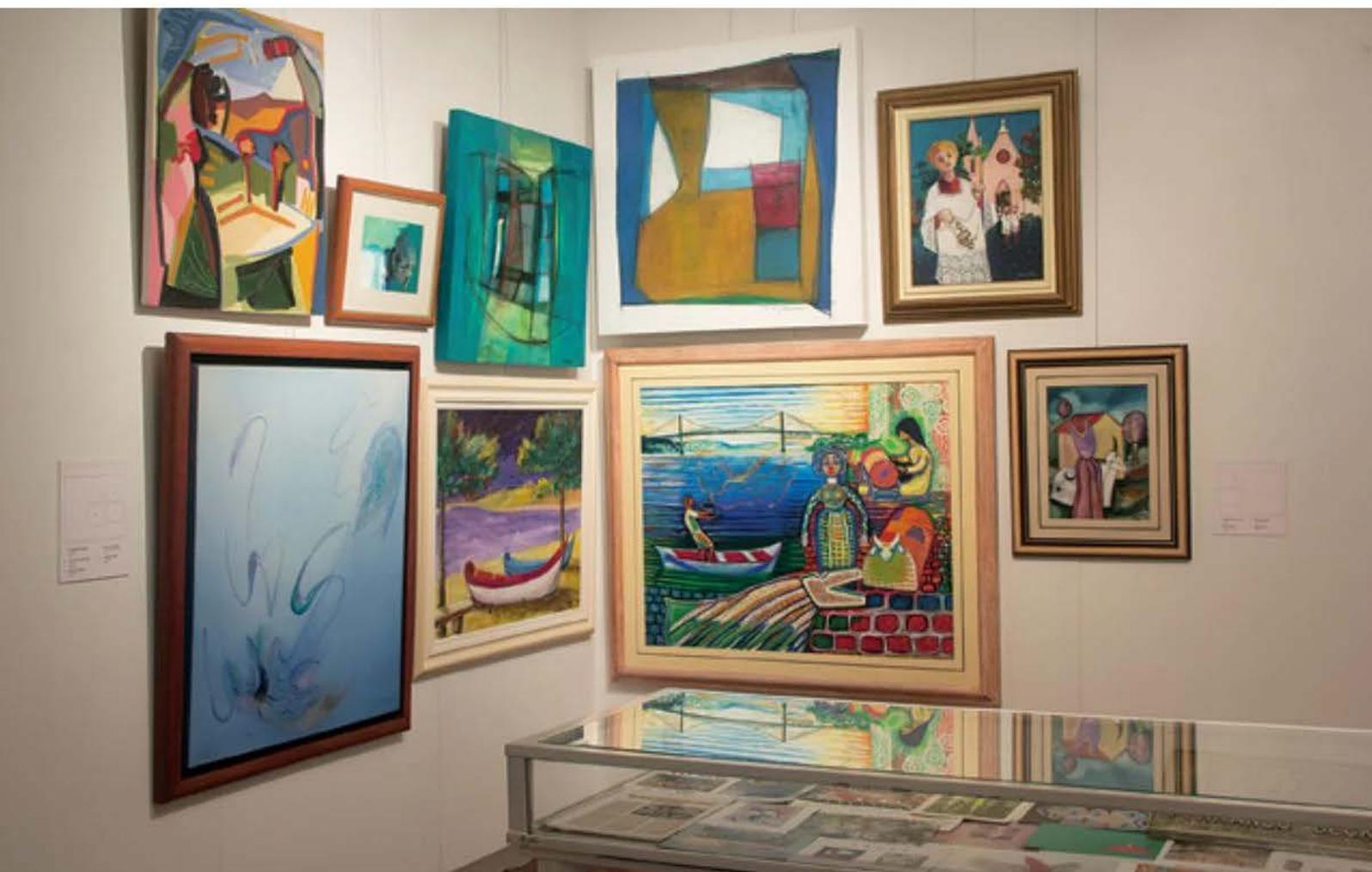


**! é o que há**, foi uma rara oportunidade para revisitar a expressividade de 60 artistas nascidos ou adotados por Santa Catarina. As pinturas, esculturas, gravuras, desenhos, fotografias e tapeçaria explicitam movimentos que atravessam gerações. O acervo mantido pelo Badesc, Agência de Fomento do Estado, foi constituído entre 1991 e 2005 como retribuição ao patrocínio das exposições realizadas no seu espaço cultural. Atualmente já não é comum a cultura de doação de obras por artistas expositores, mas a prática, polêmica, acabou por legar ao público um recorte representativo da arte moderna do Estado.

**! é o que há** foi também um tributo à sensibilidade de um grupo de funcionários apaixonados por arte que, com o apoio da Diretoria, ousou inaugurar no hall do Badesc o Espaço Cultural Fernando Beck. O nome foi uma homenagem a um colega que não pode, em vida, participar da exposição de abertura, em fevereiro de 1991, a qual teve a presença e as obras de Meyer Filho, Eli Heil, Hassis, Pléticos, Semy Braga, Vera Sabino, Suely Beduschi e Rodrigo de Haro. O Espaço Fernando Beck se consolidou como um dos mais respeitados locais de exposição da Cidade, fomentando a criação da Fundação Cultural Badesc.

Desde março de 2006, ambos ocupam as elegantes salas do casarão de arquitetura eclética que serviu de residência ao ex-presidente Nereu Ramos. As 72 obras dos 60 artistas, contudo, permanecem na Agência, tornando-se parte do cotidiano dos funcionários, espalhando-se, em permanente exibição, por todas as salas e corredores da sede, esperando em momentos especiais a visita do grande público.

ENELÉO ALCIDES





*!é o que há, Acervo do Badesc*

Espaço Fernando Beck, de 12 de dezembro de 2013 a 14 de fevereiro de 2014

# Paragens

Manuela CostaLima

Para alguns artistas, a criação acontece durante percursos em paisagens distantes, cidades ou mesmo em suas próprias casas. É na cidade e a partir dela, que Manuela CostaLima constrói ações, histórias, imagens. Suas intervenções revelam as características do espaço como um lugar de encontros e afetos, de símbolos e coletividade. O cotidiano é sua fonte e ao caminhar a artista reage a automatismos em uma busca por situações que marquem sua experiência e a façam manter um olhar estrangeiro. Seu corpo afeta o mundo e é por ele afetado. Em seus percursos a artista joga com as tensões sociais e culturais, ressignifica espaços e reforça a importância da poesia.

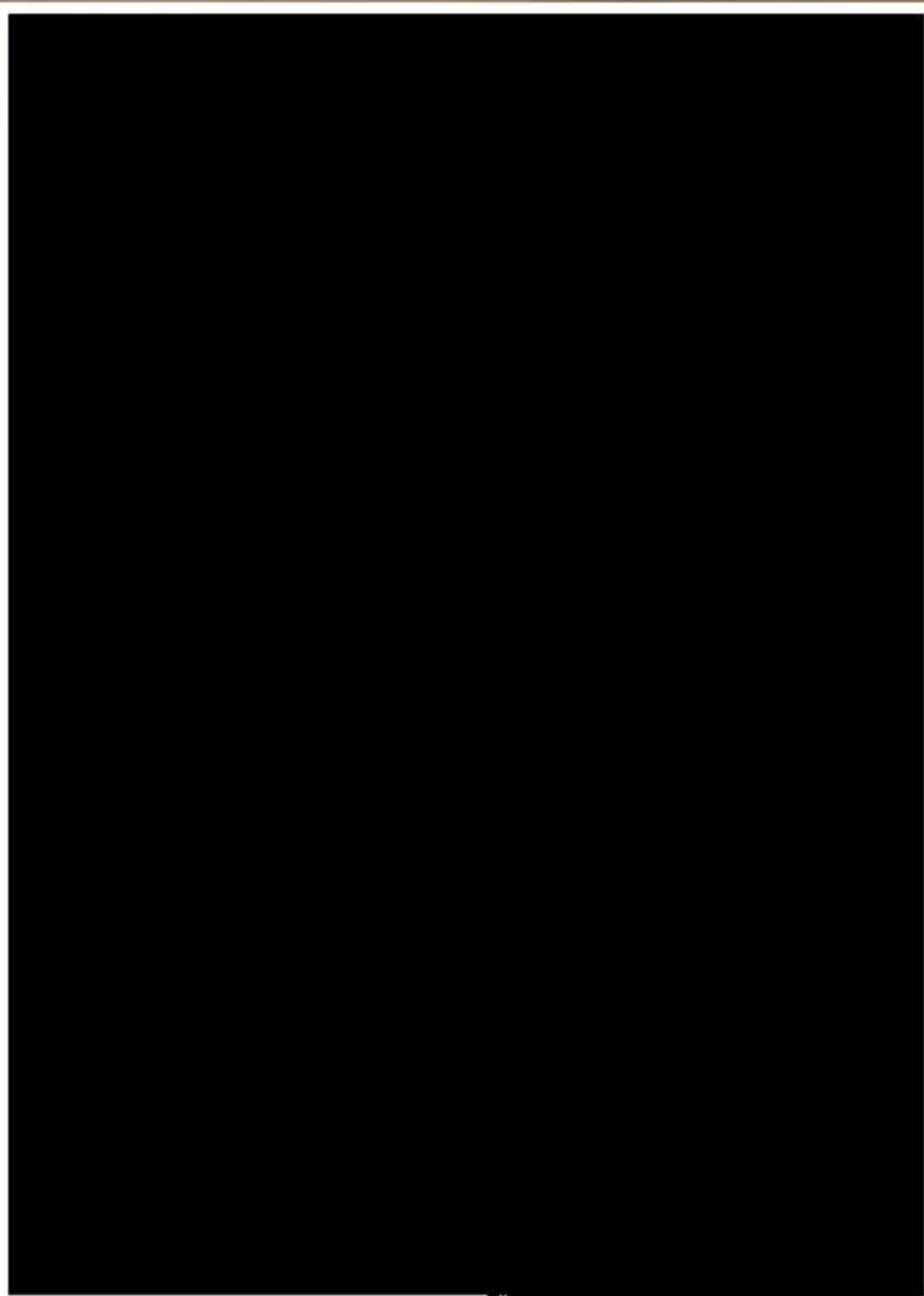
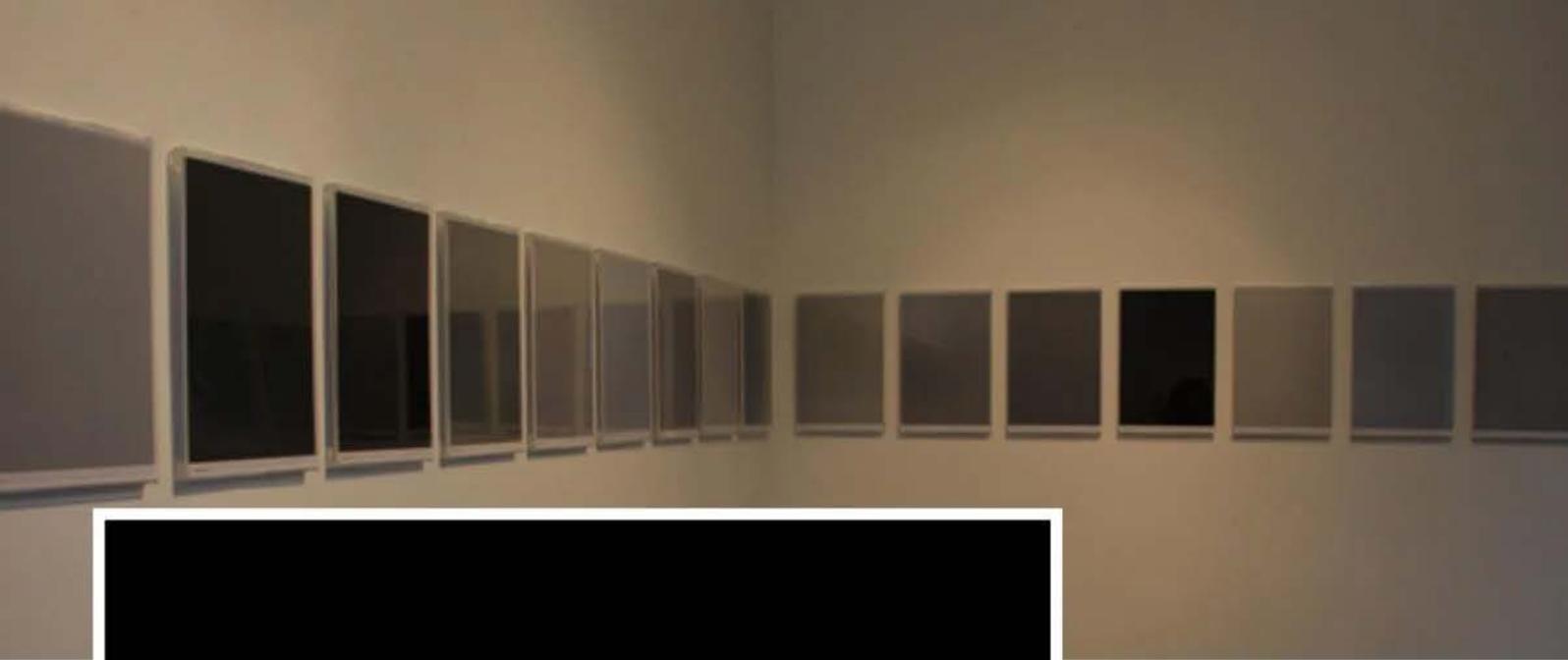
*Paragens*, título dado a esta exposição, remete à ideia de parada, ao ato de deter-se. Mas também traz outro significado: de locais do mar propícios à navegação. Em suas obras, a artista traça percursos pela orla de Florianópolis e os contrapõe à caminhadas virtuais no mesmo lugar pelo *Google street view*.

Em *Geopantone II: Florianópolis - Florianópolis*, ela completa uma volta pela ilha a partir da tela do seu computador. No percurso, captura cenas, que são ampliadas na região da linha do horizonte até se tornarem planos únicos de cor. Já em *Paragens*, a artista coleta pedras encontradas durante suas caminhadas em torno da ilha. Nelas inscreve as coordenadas do local de onde foram tiradas e as transporta para o espaço expositivo.

Em conjunto, os trabalhos mapeiam os percursos e os pontos onde a artista se deteve por alguns instantes. Apresentam registros de encontros fortuitos, que tornam visível uma reconstrução afetiva da caminhada, mas o percurso em si permanece invisível. Registros que ressaltam pontos do ambiente que adquirem memória, distinguindo-se dos demais.

ISABELLA LENZI







## Paragens, de Manuela CostaLima

Espaço 2, de 02 de julho a 31 de julho de 2015

A artista paulistana tem no caminhar o ponto de partida de grande parte de seus trabalhos. E foi no caminhar pela orla de Florianópolis que ela coletou pedras que formaram o conjunto de *Paragens*. As pedras foram gravadas com as coordenadas dos lugares de onde foram tiradas. Junto às pedras dispostas no chão foi instalado o *Geopantone*, uma escala de cores obtidas por imagens do *Google Street View*. Nesse caminho virtual pelo computador o olhar se concentra na linha do horizonte, lugar de repouso, paragem do olhar. A partir de aproximações máximas dessas imagens obtêm-se os planos de cor que compõe a sequência. Manuela CostaLima artista visual formada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, onde vive e trabalha.

# Coradjetiva

José Maria Dias da Cruz

Flávia Tronca • Laura Villarosa

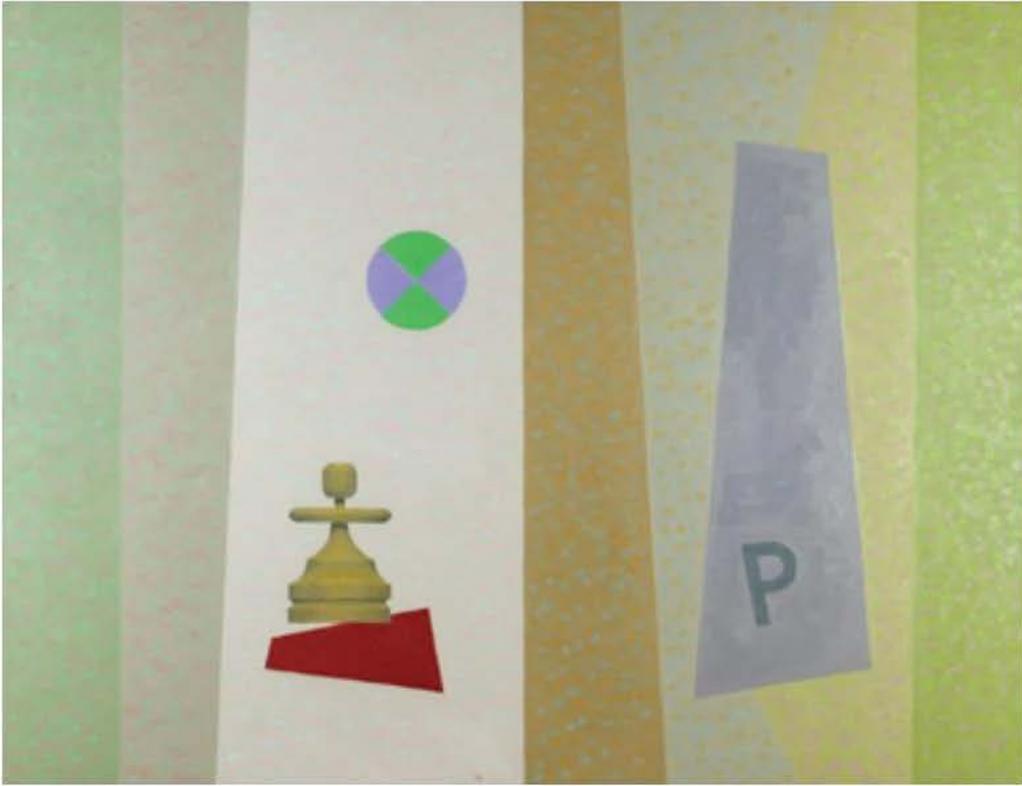
No exercício do pensamento plástico, a luz deixa de existir e o que existe é a cor. José Maria Dias da Cruz, Flávia Tronca e Laura Villarosa realizam intensa pesquisa pictórica, com preocupação construtiva, dedicando um lugar privilegiado à sensação.

A pintura é revelada ao observador como uma experiência intelectual e histórica e não como uma imitação da realidade. Servem-se da cor como causa em si mesma. Oferecem pistas que possibilitam desvendá-la a partir de fragmentos da memória e do saber do olho, partilhado e continuado, ampliando o campo do pensamento.

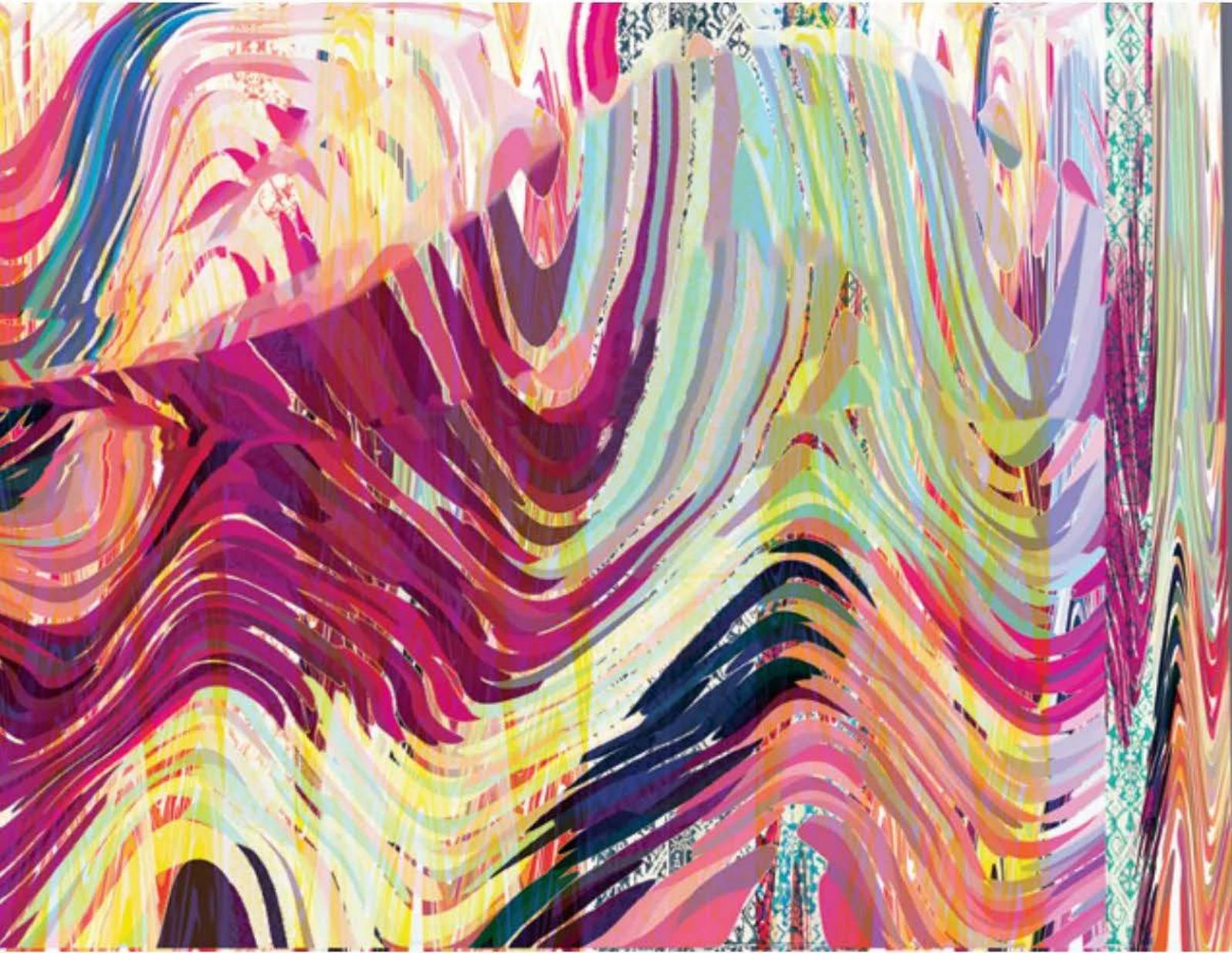
Um potencial documental com múltiplos desdobramentos, A CORADJETIVA é prazerosamente alcançada em elucidação da consciência plástica adquirida.

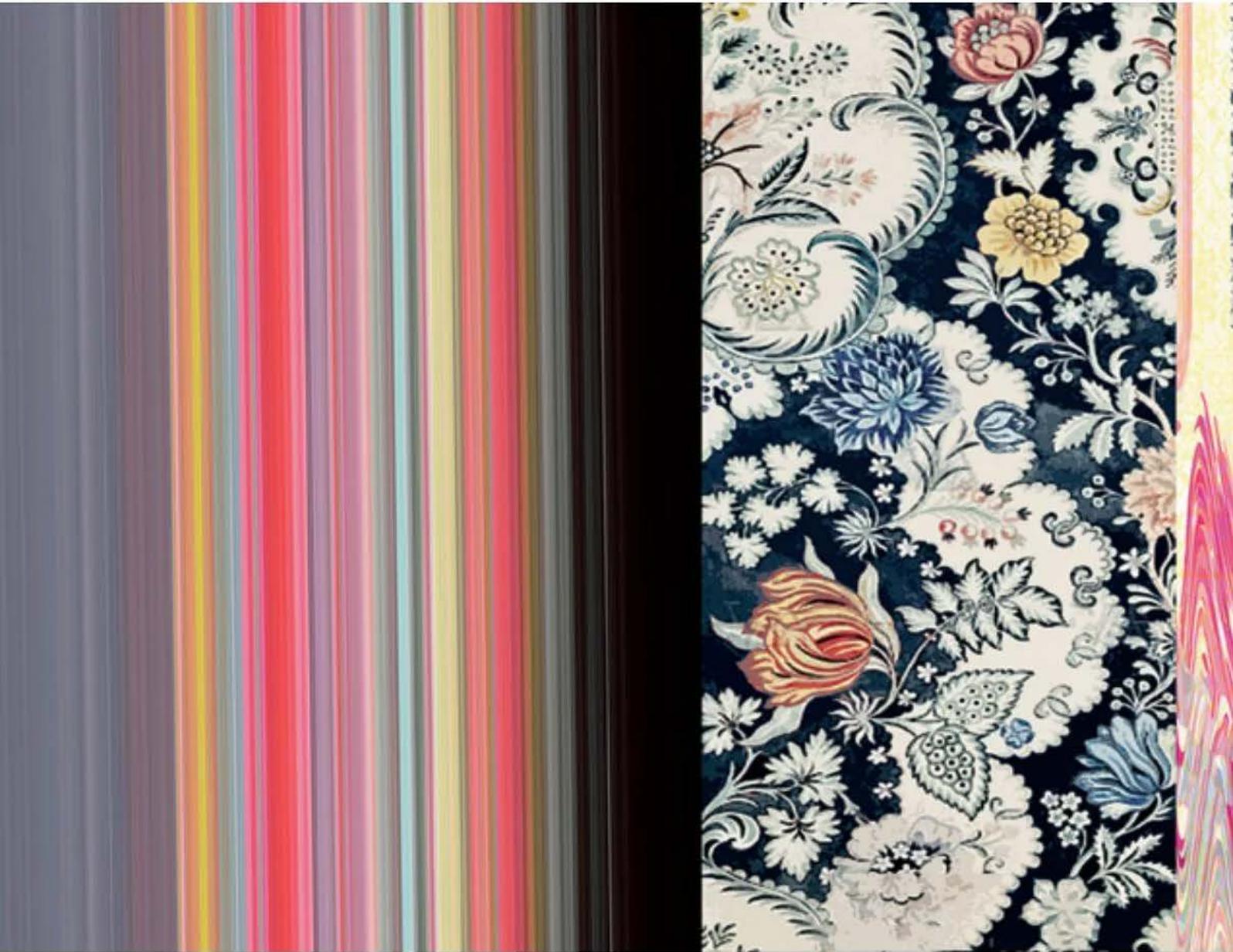
Esta exposição é um convite a viver a experiência da COR como um dispositivo que privilegia a imagem saturada de memórias, que agora também te pertencem.

FLÁVIA TRONCA



Pinturas • José Maria Dias da Cruz





Pintura • Laura Villarosa



Pinturas • Flávia Tronca



Pintura • Flávia Tronca

## Coradjetiva, de José Maria Dias da Cruz, Flávia Tronca e Laura Villarosa Espaço Fernando Beck, de 29 de maio a 18 de junho de 2014

Os três artistas se unem para mostrar trabalhos autorais que trazem características em comum. A cor como um exercício de construção plástica foi o elo da mostra. Os artistas apresentam três diferentes visões e técnicas em relação às tonalidades. Enquanto José Maria fez experiências no plano teórico, desenvolvendo um pensamento sobre a cor, Flávia experimenta a variedade de tintas e suportes, mas mantém a matéria em segundo plano, deixando a cor em maior destaque. Para completar a composição, Laura apresenta uma paleta de cores a partir do computador e trabalha com estamperia. O carioca José Maria Dias da Cruz, com mais seis décadas de história na arte, foi jornalista, contista, cronista, romancista e novelista. É autor dos livros *A cor e o cinza*, *O cromatismo cezanneano* e *Pintura, cores e coloridos*. Conviveu com artistas como Iberê Camargo, Tarsila do Amaral e Di Cavalcanti. Flávia Tronca nasceu no Rio Grande do Sul, mas vive em Florianópolis desde o início dos anos 2000. É mestre em Educação Estética, tem paixão pelas características sociais da arte e também escreve livros sobre arte, moda e psicopedagogia. Filha de um italiano e uma brasileira, Laura Villarosa nasceu em Palermo (Itália). Veio para o Brasil ainda criança, época em que começou a ter mais contato com a arte. Depois de morar por anos em São Paulo e passar uma temporada em seu país de origem, vive como artista no Rio de Janeiro.

# Reminiscências Urbanas

Maíra Ishida

Sempre olhei as casas abandonadas com a sensação de experimentar perdas e desafetos alheios. A mesma sensação me causam as fotografias esvanecidas de desconhecidos. Durante o ano 2013 fui recolhendo imagens de casas desabitadas em Montevideú e retratos de mulheres encontrados em feiras de antiguidades. Na junção dessas imagens criei uma série em que personagens anônimas voltam a habitar espaços vazios.

Reminiscências Urbanas, em uma primeira leitura, pode referir-se aos processos de transformação que sofre a cidade ao longo de sua história, sobretudo aqueles nos quais os bairros entram em decadência ou se renovam, as casas se veem abandonadas e a memória arquitetônica vai se perdendo. A série também pode manifestar os processos históricos cotidianos: a mulher desprendendo-se do ambiente doméstico para formar parte da vida pública. A conformação da família muda, da mesma forma que a organização urbana.

Porém eu gostaria de propor um outro olhar: fotografias a ponto de ser descartadas se sobrepõem a construções em processo de desmoronamento. Reforçam-se sentimentos comuns na procura por histórias que desconhecemos e que não vamos aprender nunca, por objetos de afeto extraviados e pela cidade que cada vez nos pertence menos.

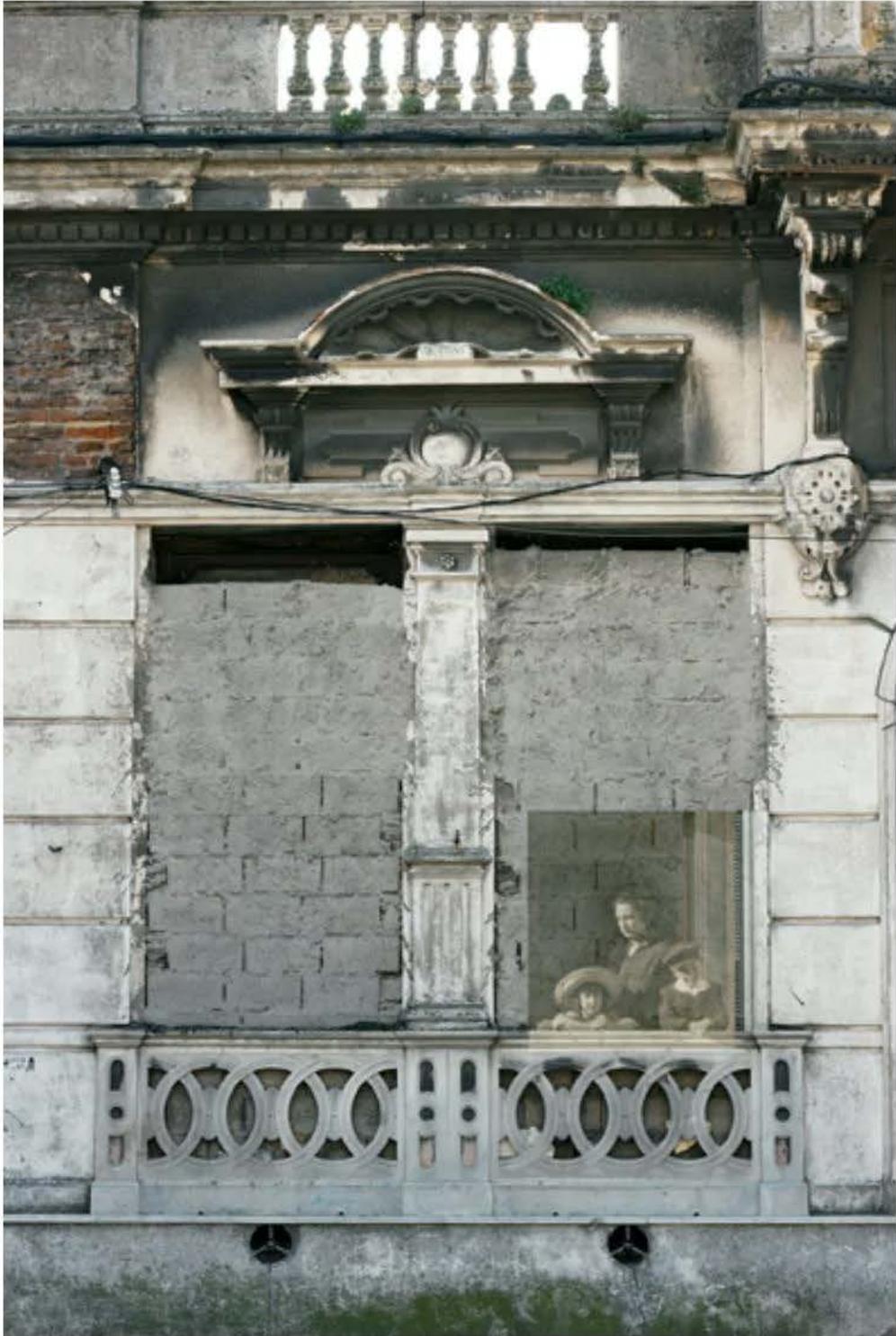


BPS-8733816278

**VENDO**  
096 707 728

1610

Bel  
Boa





## Reminiscências Urbanas, de Maíra Ishida

Espaço 2, de 20 de novembro de 2014 a 27 de janeiro de 2015

A fotógrafa catarinense, com vontade de experimentar perdas e desafetos alheios, reuniu imagens de casas desabitadas em Montevidéu (Uruguai), fazendo nelas interferências com retratos femininos encontrados em feiras de antiguidades. A leitura das fotografias permite questionar tanto os processos que a cidade sofre ao longo da história, regredindo ou progredindo, quanto o processo histórico da mulher na sociedade. As imagens femininas inseridas nas construções abandonadas por montagem fazem referência ao abandono das atividades domésticas e a inserção da mulher na vida pública. Maíra Ishida nasceu em Florianópolis, começou a fotografar aos 13 anos, improvisando em casa, com a ajuda do pai, um laboratório de revelação onde criava suas próprias técnicas e cursou Artes Visuais na Universidade Federal de Minas Gerais.

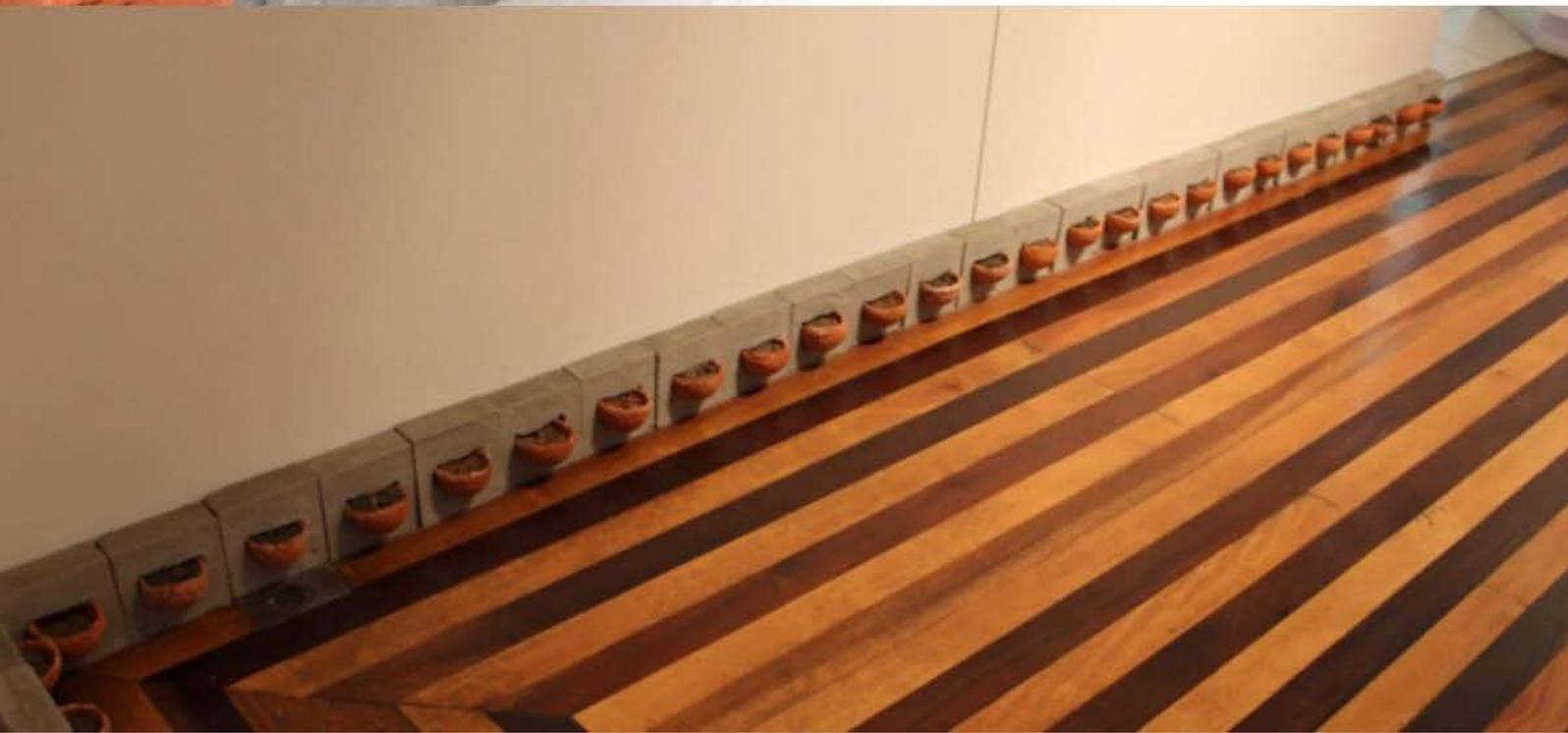
# Volver

Odete Calderan

No verbo que dá nome a esta exposição, encontra-se implícita a ação de ir, já que ele, em si, designa a volta. Nesse vai e vem, movimentos descontínuos, amalgamados, entrecortados e sobrepostos apresentam misturas que trazem à tona a troca. Mas esta não se dá apenas quando Odete manuseia determinada matéria, tampouco está unicamente nos trabalhos colaborativos que desenvolve. Trata-se, também, de observar a importância das relações estabelecidas no interior de um processo artístico em constante refazer. A partir de um jogo pendular - que tensiona pares como peso e leveza, firme e frágil, forma e disforme - a produção aqui apresentada evidencia, com vigor, constantes gestos de escavar, perfurar, amoldar e preencher, nascendo da inquietude de um fazer sempre às voltas com a terra.

CLAUDIA ZIMMER - Curadora







## Volver, de Odete Calderan

Espaço Fernando Beck, de 9 de abril a 07 de maio de 2015

Vídeos, cerâmica, objetos e instalações abordam o ato e a prática de mexer ou revirar a terra e propõem diálogos e reflexões devido a singularidades dos lugares de coleta, implicando um olhar diferente sobre o cotidiano, fazendo o espectador repensar situações ou objetos em meio a deslocamentos. Odete Calderan é de Sananduva (RS), graduada em Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), especialista em Design para Estamparia e mestre em Artes Visuais com ênfase em Arte Contemporânea, ambas pela UFSM. É professora no curso de Artes Visuais e Design de Produto da Unesc, em Criciúma (SC), onde reside.

# Efeito escotilha

Diego de los Campos • Raquel Stolf • Irma Brown  
Bill Lühmann • Ruth Steyer • Rodrigo Amboni  
Abel Alencar • Pedro Veneroso • Lia Letícia  
Mercedes Rodrigues • Lucas Ruiz • Julia Varela  
Diego Canarin • Julia Amaral

Em um laboratório flutuante de experimentações de linguagem, navegando sob a aparente tranquilidade do mar que divide a ilha do continente, sons e imagens são processados em diferentes registros.

O leitmotiv é a filmagem em película 16mm reversível, cujo próprio corpo tátil e sensível quando imerso em químicos revela a transparência ou a opacidade do olhar.

São várias etapas: o da entrada da luz no diafragma - sentido básico da escrita com a luz; há o momento da clausura hermética e da espera; e o contato alquímico que novamente a imagem vem à luz.

Desse registro completa-se um ciclo de cinema artesanal que remonta aos primórdios, aventureiros do photoplay em busca de sintaxe.

Se lançar ao abismo, ao desconhecido, até encontrar a outra margem. Aqui pouco importa a sintaxe, pois o que transborda são volumes de fotogramas em busca de continuidade. Mas sem continuidade, força bruta como vento que manda na vela. Desvelar-se; a morte e o renascimento.

Solve na rota de intenções et Coagula na montagem. Não sei ao certo como explicar a montagem de um processo. O Coagula é reconstrução de um livro que parece boiando na memória. Nunca afunda.

Na montagem do cinema é evidente o corte numa cena quando chamamos de opaco. No corpo o filme velado torna-se escuro, ausente, mas ainda impresso; eis o efeito escotilha.

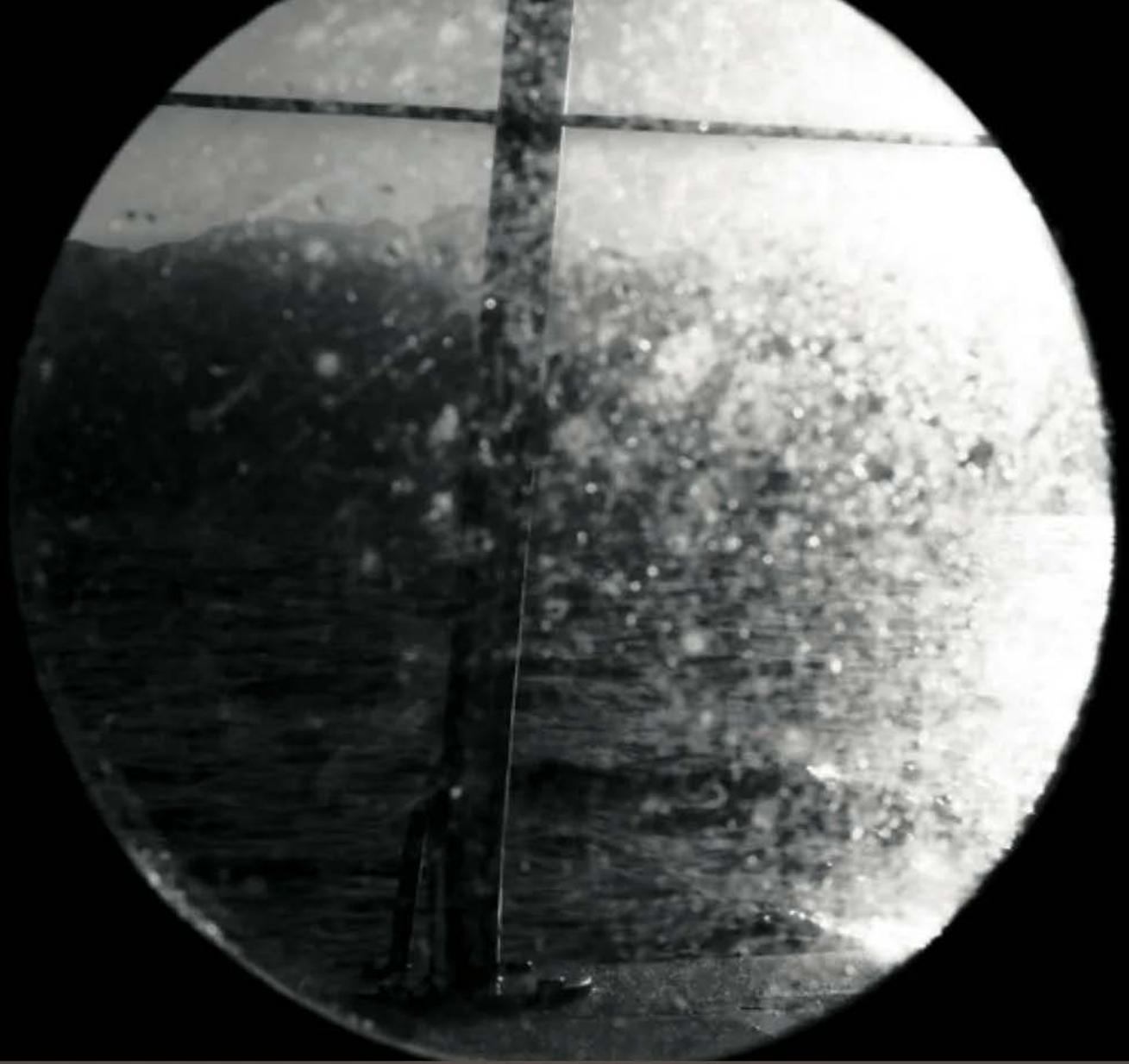
Olhar de dentro para fora numa nave (veículo com caverna de espelhos) para o gigante Líquido. Verbo em trânsito sobre objetos em conjugação; cinema bruto, anímico, fundamental.

O corpo é linguagem, o trajeto é narrativo: superfície flutuante de registros sob montagem com intervenção opaca da curadoria e transparente com liberdade dos artistas. Artistas convidados e flutuantes, low tec analógico e químico ao vento contra o plástico de combustível eletrônico. Filmar não é preciso.

PEDRO MC - Curador







## Efeito escotilha - Coletiva

Espaço Fernando Beck, de 30 de outubro a 20 de novembro de 2014

Navegando entre a Ilha de Santa Catarina e o continente, os artistas foram convidados pelo curador a compor narrativas em película 16mm reversível a bordo de um laboratório flutuante. A proposta consistia em questionar as apropriações de território e as delimitações geográficas entre a terra e o mar. A flutuação fazia alusão ao inacabado, sempre em processo procurando traduzir a situação do artista em busca por terra firme.

# (In)adequadas

Silvia Teske

Silvia Teske, em meados dos anos oitenta, integrou o grupo performático Guará, cujas premiadas performances participaram do processo de renovação das linguagens artísticas de Santa Catarina que iniciou nesse período e consolidou-se nos anos noventa.

O humor e a sátira presentes na arte performática persistiram na obra dessa artista em suas fases posteriores após a dissolução do Guará.

Recorrendo a uma ampla variedade de meios pós-modernos, mesclou textos, letras, colagens, etc, em séries de assemblages, pinturas-objeto onde abordava questões ligadas à identidade feminina.

O temperamento artístico performático de Silvia tem no humor descontração e irreverência, suas mais marcantes características.

Em sua fase atual, alia o desenho e a pintura em divertidas narrativas que configuram cenas do dia a dia das “tias”, personagens arquetípicos que utiliza para dar seu recado.

Recompilando dados de suas observações e memórias (sem, porém, nada ter a ver com o realismo), retrata as mais inusitadas e cômicas situações do cotidiano dos personagens. Em suas telas vamos deparar com as “tias” passeando de bicicleta em grupo ou individualmente, tricotando ou fofocando no sofá, posando para fotos em família, exibindo seus moderninhos óculos redondos ou estateladas no divã curando uma ressaca (tia beberrona).

São pinturas que usam a cor parcimoniosamente. Os fundos em geral são negros e prevalecem os meios tons de cinzas e beges. Vez por outra são intercalados planos de cores mais vibrantes que dinamizam a composição e acentuam os efeitos visuais.

Predominantemente gráficos nesses trabalhos onde o desenho pontifica, a rapidez da anotação direta dos traços remete ao cartum e ao grafite.

No caráter solto, agressivo e anticonformista do traço, percebe-se que os sentidos e conotações dessas obras não se esgotam, nem se resumem apenas no aspecto divertido do engraçado mundinho dessas tias simpáticas, cativantes e serelepes.

Nas pinturas, nos desenhos, nas performances e no recém lançado livro, Silvia Teske, através da linguagem da arte recria vivências e percepções, refletindo e propondo com humor indagações sobre a própria condição de ser mulher num contexto tão complicado como o nosso mundo de hoje.

JOÃO OTÁVIO NEVES FILHO - JANGA







## In(adequadas), de Sílvia Teske

Espaço 2, de 7 de agosto a 19 de setembro de 2014

Personagens femininas constituem o centro da trama narrativa da exposição. Com tinta acrílica, lápis e caneta posca, a artista aborda personagens femininas bizarras, inadequadas e sorradeiras. Mesmo em grupo, são mulheres solitárias à margem da sociedade, representadas por meio da relação íntima entre o desenho e a pintura. A temática das 10 obras em exposição é permeada por situações de impacto, criando estado de suspense para o observador. A ideia de fundos neutros, a maioria em escuro, cria a possibilidade de vazios a serem preenchidos, provocando o espectador a criar enredos paralelos. Desengonçadas, aflitas e descabidas, as figuras não são confiáveis. Seus olhares oblíquos negam padrões. Dessa forma, a interpretação do espectador ocorre sem desfecho, à espera de algo, o silêncio do sonho ou o vácuo da insensatez. Mestre em artes visuais pela Udesc, a artista é catarinense de Brusque e tem o papel feminino como foco desde o início de seu trabalho. Sílvia também organiza e faz curadoria para exposições de arte visuais em sua cidade, além de dar aulas e trabalhar em outros projetos.

# Rendas no Ar

Sandra Alves

A mostra reúne alguns objetos de cena, figurinos, tramados com poemas e imagens gestadas pelo filme *Rendas no Ar*, dirigido por Sandra Alves e ganhador do Edital Catarinense de Cinema de 2011. Constituem memória e síntese do processo construtivo do filme e de sua poética e trazem para um olhar mais aproximado detalhes, minúcias e nuances, materializando imagens e revelando mistérios.

No histórico complexo de Anhatomirim, tessituras e tramas foram criadas, miscigenando poesia visual, pesquisa, técnica, para dar luz a uma bela metáfora sobre aprisionamento e liberdade. Poemas de Negra Anastácia são a voz dessa liberdade, em vento e invenção.

A história de Ana, jovem sensível, rica e órfã, enclausurada numa ilha por um tutor mal intencionado, convida a refletir sobre alienação, dominação, sobre a erupção do feminino e sua força. Essa força se manifesta na figura de Lilith, que acompanha Ana em seu processo de libertação.

É um mergulho no trabalho das profundezas do ser, cheio de cantos e musgos, camadas e sombras, ao qual a coragem de ser obriga. Lilith é a iniciação, a conquista da própria consciência, o domínio da própria vida, vento mágico e misterioso sempre presente que impulsiona, protege e liberta. Movimenta. Salva.

Desenhada em negras rendas, imprecisa, oculta, misteriosa, Lilith se revela, gira, se desfaz/refaz; está na febre da busca interna, está na janela pela qual a luz penetra, no espelho que reflete a cura do banho. É energia e instinto. É iniciática. É por seu intermédio que Ana encontra a hora certa. Cores, imagens, movimentos, mesclam o concreto e o imaterial, rompem os limites entre o real, o sonho e o espiritual. Pelo olhar de Sandra, Lilith flutua, roda, tira do lugar, expressa esse tempo, profundo e sagrado, da própria descoberta. Para que Ana voe.

“Sendo eu vento podes voar em rendas e pensamentos...”

GISELLE PEIXE







## Rendas no ar, de Sandra Alves

Espaço 2, de 02 de outubro a 14 de novembro de 2014

A exposição *Rendas no ar* foi um conjunto de ações que lançam olhar sobre a produção cinematográfica, tendo como foco o filme homônimo de Sandra Alves. Na mesma noite da abertura da exposição, ocorreu a estreia no Cineclubes do longa *Rendas no ar*, o lançamento do fotolivro e a abertura da exposição, formada por figurinos, fotografias, áudios-poemas e objetos de cena. O filme trata da necessidade de liberdade inerente ao ser humano, em oposição a uma situação de clausura: uma jovem marcadamente irreverente e indomável se depara com a opressão imposta por seu tutor na então cidade de Desterro, no final do século 19. Os objetos de cena da mostra foram concebidos pelo coletivo da Usina da Alegria Planetária e os poemas criados pela poetisa N.A, personagem da narrativa cinematográfica. Com a exposição, o objetivo dos realizadores foi compartilhar o processo do fazer cinematográfico, aproximar a comunidade além de estimular a curiosidade em relação ao filme, contribuindo para a reflexão sobre diferentes modos de fazer cinema. Sandra Alves é artista visual, fotógrafa e cineasta. Envolvida no processo completo da realização dos projetos e audiovisual, atua em diferentes departamentos, desde a concepção dos projetos, criação, direção, fotografia, roteiro, montagem, produção e finalização das obras.

# Taxidermia

Augusto Benetti

1. Vadiagem, vagabundagem, perambulação. Estar no mundo sem propósito. Tal modalidade de existência permite perceber as coisas em sua irremediável incompletude: fragmentos, restos, lascas que serão, ao mesmo tempo, resguardados e expostos em sua radical parcialidade por meio de um receptáculo.

2. Tais receptáculos não são como as molduras, pedestais ou altares que elevam o ordinário à arte ou ao divino. Tampouco é profanação. Aqui os objetos são arranjados em sua igualitária indignidade. Protegidos pelo receptáculo eles podem ser distribuídos em um ordenamento sem hierarquia submetido apenas a um desejo errante. Molduras negras são receptáculos. Nada a elevar, nada a dignificar.

3. Tal como a equivalência entre uma mão e um mamão, a fonte do humor vem da exterioridade, da aparência, da homofonia. O branco da página de caderno constitui-se como suporte de aproximações ridículas, impróprias.

4. Taxidermia: sem conteúdo, o que resta é a dar-se à exposição, a superfície, a pele é soberana.

5. Os fluxos são refluxos. Fronteiras friáveis fazem do sujeito um fluxo contínuo em que tudo é alimento e, simultaneamente, dejetos e desejo.

6. Sem etiquetas: não há chaves de leitura.

7. Encontrar o vil na origem da própria nobreza.

ANA LUCIA VILELA - Curadora

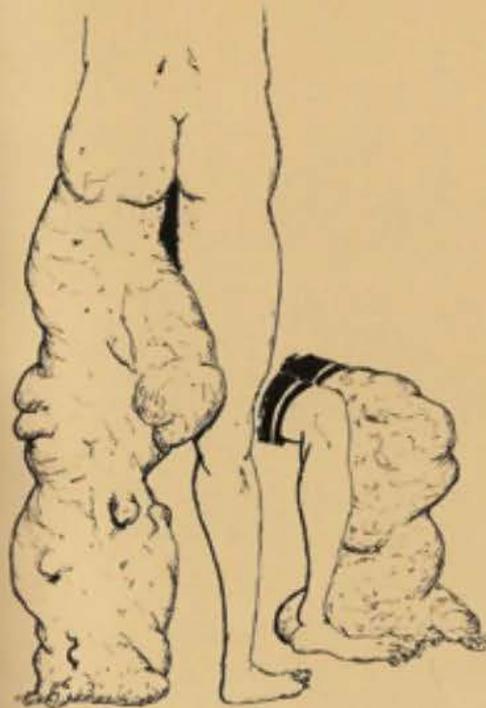






MANUAL DE MEDICINA  
DO DR. BENETTI

**S**rombose vegetativa, a causa desta enfermidade foi o consumo inadvertido de broto de batata-doce selvagem, um híbrido leguminoso impróprio para o consumo humano. O paciente consumia estes brotos e ao ingerir uma série de esporos, um deles entrou em sua corrente sanguínea, brotando no final da artéria da perna esquerda. A planta desenvolveu-se, substituindo sua perna. Houve a remoção total da perna após tratamento e poda para controlar o crescimento. Surpreendeu-nos que a perna brotara novamente e apesar do seu aspecto, era totalmente funcional. Os estudos e um tratamento controlado de poda e rega deu ao paciente uma sobrevida e hoje até faz piadas com sua perna leguminosa e arroxçada.





## Taxidermia, de Augusto Benetti

Espaço Fernando Beck, de 18 de junho a 17 de julho de 2015

O aspecto de crônica presente no trabalho apresentado expressa a singularidade do autor, que enfatiza uma dimensão narrativa e irônica das imagens e textos. Augusto Benetti é formado em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Sua formação, produção e atuação como artista se dá em Florianópolis. Seu trabalho é focado no desenho e seus desdobramentos com vídeos, objetos e instalações.

# Córdoba – Florianópolis

Flavia Colombo • Gerardo Torres • Hugo Bastos  
Marcos Acosta • Oscar Gubiani • Ricardo Castiglia  
Ricardo Geri • Antônio Silva • Cleidi Alburquerque  
Diego de los Campos • Isabela Sielski • Ivan de Sá  
Julia Iguti • Lú Pires • Flávia Fernandes • Lena Peixer  
Sandra Correia Favero

A gravura num campo ampliado, das técnicas clássicas a territórios como a instalação, o objeto e o livro de artista, compõe o cenário da exposição Córdoba – Florianópolis, com obras de dez artistas do Brasil e sete da Argentina.

Xilogravuras, gravuras em metal, fotografias, serigrafias, monotípias, fotogravuras e técnicas mistas dialogam entre si, sob o registro em vídeo documental de Diego de Los Campos que gravou a vivência artística em Córdoba, as palestras, os workshops e a convivência dos artistas das duas cidades.

A exposição é realizada para comemorar duas décadas da assinatura do decreto pelos representantes dos governos de Córdoba e Florianópolis instituindo o título de cidades irmãs.

Em setembro de 2013 os artistas de Florianópolis participaram de uma residência artística em Córdoba na Escuela Superior de Bellas Artes Dr. J. Figueroa Alcorta e nesta segunda etapa, os argentinos trazem seus trabalhos para expor junto com os brasileiros.

O intercâmbio, além de contribuir para a troca de experiências profissionais relacionadas ao fazer artístico também promove um maior estreitamento de laços culturais, artísticos e geográficos entre grupos das duas cidades.

IVAN DE SÁ /Florianópolis • GERARDO TORRES/Córdoba - Curadores





Gravuras • Gerardo Torres | Marcos Acosta



Gravura • Diego de Los Campos

## Mostra Córdoba - Florianópolis, Coletiva de artistas brasileiros e argentinos Espaço Fernando Beck, de 20 de fevereiro a 21 de março de 2014

Desde 1993, artistas radicados em Córdoba e em Florianópolis desenvolvem uma parceria com estímulo ao intercâmbio cultural e à partilha de conhecimentos. Para comemorar duas décadas do projeto Herma-namiento de Ciudades, em setembro de 2013, 10 artistas de Florianópolis participaram de uma residência artística na Escola Superior de Belas Artes, em Córdoba. Estes trabalhos foram apresentados na Fundação Cultural Badesc. Participaram da mostra os artistas de Córdoba: Ricardo Castiglia, Ricardo Geri, Oscar Gu-biani, Flávia Colombo, Hugo Bastos, Gerardo Torres e Marcos Acosta, e de Florianópolis: Antônio Silva, Cleidi Albuquerque, Diego de Los Campos, Isabela Sielski, Ivan de Sá, Julia Iguti, Lú Pires, Flávia Fernandes, Lena Peixer e Sandra Fávero.

# Memória Migratória

Pauline Zenk

LUCIANO CORTARUAS - Curador

Cor, forma – lavrado, valor

Linha, ponto – separação, encontro

A aquarelista com seu apuro investigatório de pertencimento entre Alemanha e Brasil, converte-se própria na compaixão imigrante desbravadora. Em razão do visível, o seu olhar digressivo excursa vigente até convergir com os traços anagógicos no momento que somos absorvidos pelas sensações convidativas que delineiam as memórias de trabalho, lar, família e esperança.

Tenções e intenções percorrem identidades anônimas imaginadas em não temporalidades recorrentes, antes veladas agora reveladas.

Vermelhos consanguíneos, amarelos pósteros, azuis ideados, pretos ponderados, retratam sentimentos de fotografias que deixaram para trás a sua história, agora reavida.

Memórias desarquivadas de fotos encontradas dentro de livros ou recuperadas em feiras são reconstruídas com percepções que revelam a coletividade ressonante da trajetória do ethos migratório.

FERNANDO ALBALUSTRO











## Memória Migratória, de Pauline Zenk

Espaço Fernando Beck, de 3 de setembro a 9 de outubro de 2015

Os imigrantes que chegaram ao Brasil no século passado foram retratados e resgatados por meio de desenhos, aquarelas, intervenções sobre fotografias e pinturas sobre tela. Para a realização *Memória Migratória*, a artista buscou materiais em fotografias encontradas em mercados, arquivos fotográficos, museus e em coleções privadas. Pauline Zenk é alemã com formação na Academia de Arte Muthesius em Kiel (Alemanha), estudou como Erasmus na Facultad de Bellas Artes, em Madrid (Espanha) e também na Gerrit Rietveld Academie, em Amsterdã (Holanda). Realizou residências artísticas em Medellín (Colômbia) e em São Paulo. Pauline Zenk mora na França.

# A dúvida da verdade

Sérgio Adriano H

## **Construtor de verdades**

O Projeto A Dúvida da Verdade consiste em ações realizadas no deserto do Atacama e na cidade de São Paulo, onde o artista insere o próprio corpo nu na paisagem e na arquitetura e se auto fotografa, por meio de um dispositivo móvel, depois confronta essas duas realidades e a partir desse estudo propõe exposições/ações. A escolha do enquadramento, da abertura e da velocidade do obturador; a posição em que seu corpo se coloca no espaço da sombra; e o conceito curatorial; se dão em função da busca da produção de uma Verdade Apresentada, formada por crenças e hábitos, que após confrontada, ilumina o Universo da Dúvida, que é composto do conhecimento mais a dúvida versus o confronto, o que origina uma verdade.

Sergio Adriano H. busca resposta no olhar apurado do espectador para esse dilema existencial. Enquanto imerge na natureza e na sua própria natureza, desvela por meio da dialética da imagem, o espaço e o tempo, numa confrontação do EU, espelho da alma, com o Eu, reflexo do meio em que habita. Em que corpo reside a verdade? No corpo-espaço, corpo-mente, corpo-signo, corpo-tempo, corpo-espírito, corpo-olhar? Seria essa verdade única?

Ao esculpir a natureza por meio do olhar fotográfico, Sergio Adriano H. apresenta um fato que se constitui numa ação. Não é o registro da paisagem ou da arquitetura, mas a apresentação delas. Sua questão não é a fotografia, mas o que tem nela – o antes e o depois. Não propõe um ponto final, mas sim, um pensar sobre o apresentado. Sua fotografia enquanto filosofia é imbuída de signo e permeada de significância. Faz com que o espectador saia da passividade e mergulhe no olhar minucioso dos detalhes, enquanto poética, e provoca uma reação frente a ação outrora realizada desde o início do projeto. Parte do pressuposto que uma ação ocasiona uma reação e transforma-se em um ciclo.

Não é discutir a montanha ou a arquitetura, mas sim tudo que determina essa caminhada ou construção.

FRANZOI - Curador











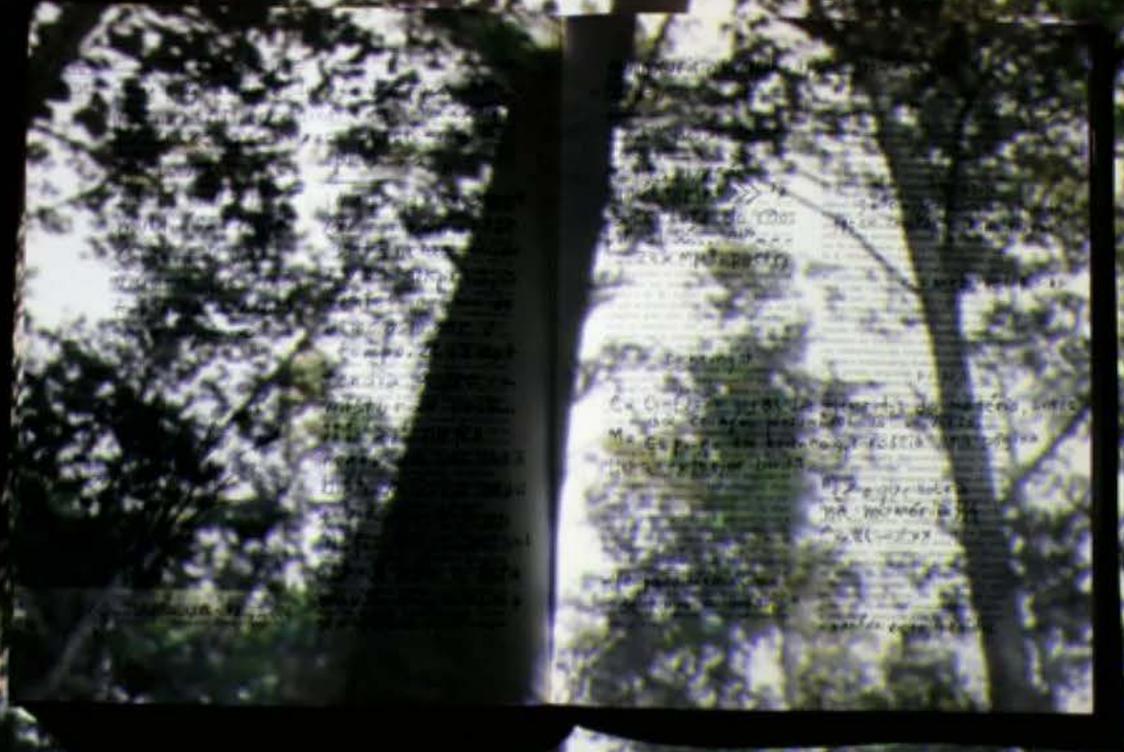
## A dúvida da verdade, de Sérgio Adriano H

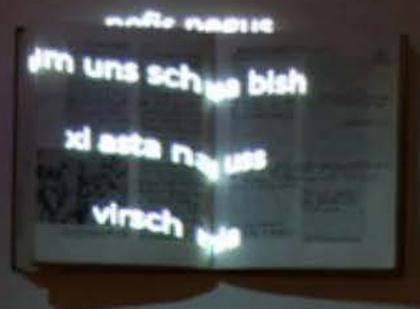
Espaço Fernando Beck, de 15 de outubro a 19 de novembro de 2015

Fotos, vídeos e ações realizadas no deserto do Atacama (Chile) e na cidade de São Paulo, registram as performances em que o artista insere o próprio corpo nu na paisagem e na arquitetura e se auto fotografa. A escolha do enquadramento, da abertura bem como velocidade do obturador e a posição em que seu corpo se coloca no espaço da sombra, se deram em função da busca da produção de uma verdade apresentada: formada por crenças e hábitos, que após confrontada, ilumina o universo da dúvida, composto do conhecimento mais a dúvida *versus* o confronto, o que origina uma verdade. Sérgio Adriano H é natural de Joinville, vive, estuda e produz nas cidades de Joinville e São Paulo. Artista visual de múltiplas linguagens, integra o Grupo P.S, com a artista Priscila dos Anjos. É formado em Artes Visuais pela Universidade da Região de Joinville (Univille) e é mestrando em Filosofia da Arte e Semiótica, na Faculdade São Bento.









caos na margem ^', de Fê Luz e Lela Martorano  
Espaço 2, de 23 de abril a 22 de maio de 2015

Videoinstalações e obras sonoras criadas a partir de pesquisas realizadas no campo da fotografia, do vídeo e da poesia. A proposta das artistas foi apresentar um ritual de imersão, permanência e contemplação, que causa desordem no tempo corrido, fundindo o presente e o passado. Embora as artistas trabalhem com a sobreposição e o efêmero, elas lidaram com essas questões de modos distintos. Lela Martorano desenvolve um trabalho em que a fotografia e a projeção desempenham um papel fundamental. Fê Luz investiga a palavra falada e escrita desde a captura de sons do cotidiano até a experimentação musical. Dessa maneira, surgiu uma obra conjunta que transfa o espaço sensorio e sugere ao público estados indefinidos entre o real, o vertiginoso e a ficção. Lela Martorano é doutora em Linguagens e Poéticas na Arte Contemporânea, pela Universidade de Granada (Espanha). Fê Luz é bacharel em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e autora de três livros.

# Nem tanto ao mar nem tanto à terra

Rubens Oestroem • Yara Guasque

Além da incomensurabilidade, Mar e Terra revestem o mundo. Poderiam tratar da circularidade das navegações arquitetura de que constroem abismos com uma seus relevos. Nem Tanto à Terra pesquisa materiais terrosos, desenterra raízes antigas próximas aos Sambaquis. A intervenção do homem na delimitação dos espaços desnuda a pele da terra, com as consequentes mutações do ar climático. A presença da obra de arte, um guardião contemporâneo da transformação da paisagem, congela assim no tempo uma memória.

Nem Tanto ao Mar fala da fragilidade e da impossibilidade de abraçar sua imensidão. Obras de diversos suportes, cor, têmpera e gesto, usam a palavra como fio condutor. Na busca da eternidade, do outro lado da vida, o mar com seu mistério, nossa origem e passagem.

Matéria da terra, rocha que resfriada se biparte, mar o mineral em estado líquido, o memorial e arquivo vivo, inventário de nossa formação milenar, e também do corpo, como um bólido que de fora para dentro se desidrata. Em Mar como Morte, as palavras flutuam, sereias que viraram espuma. O caráter trágico adquire na nova montagem, e tempo, um aspecto lúdico, pois o barco de papel não pode de qualquer forma enfrentar uma tormenta no oceano aberto. Antes de tratar de detritos, os trabalhos testemunham e se riem da pretensão humana de erguer pedra sob pedra e enfrentar o oceano com seus fantasmas.

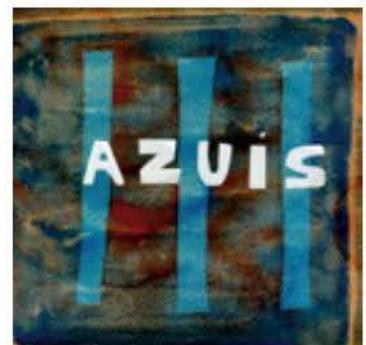
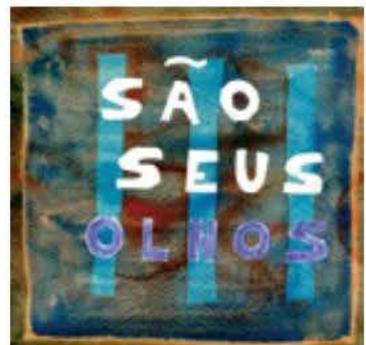




Rubens Oestroem



Rubens Oestroem



Yara Guasque



Yara Guasque

## Nem tanto ao Mar, Nem tanto à Terra, de Rubens Oestroem e Yara Guasque Espaço Fernando Beck, de 25 de setembro a 23 de outubro de 2014

O casal de artistas aceitou o convite para desenvolver um olhar curatorial recíproco e uma exposição em conjunto, quebrando um ciclo de anos sem compartilhar uma Mostra. A última havia sido há quase 20 anos, no projeto *Terra Incógnita*, com as artistas Marilyn Green e Dagmar Diekmann, no Brasil e na Alemanha. O casal decide, assim, recorrer ao tema da incomensurabilidade do mar e da terra, que marcou a carreira de ambos, explorando diferentes mídias: pinturas, objetos-instalações, fotografias e vídeos.

Rubens Oestroem é natural de Blumenau e fez mestrado em artes na Escola Superior de Arte de Berlim (Alemanha). Yara Guasque é paulista, fez pós-doutorado no departamento de Estética e Comunicação da Universidade de Aarhus (Dinamarca). É professora do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Udesc. O casal vive em Florianópolis.

# Disability

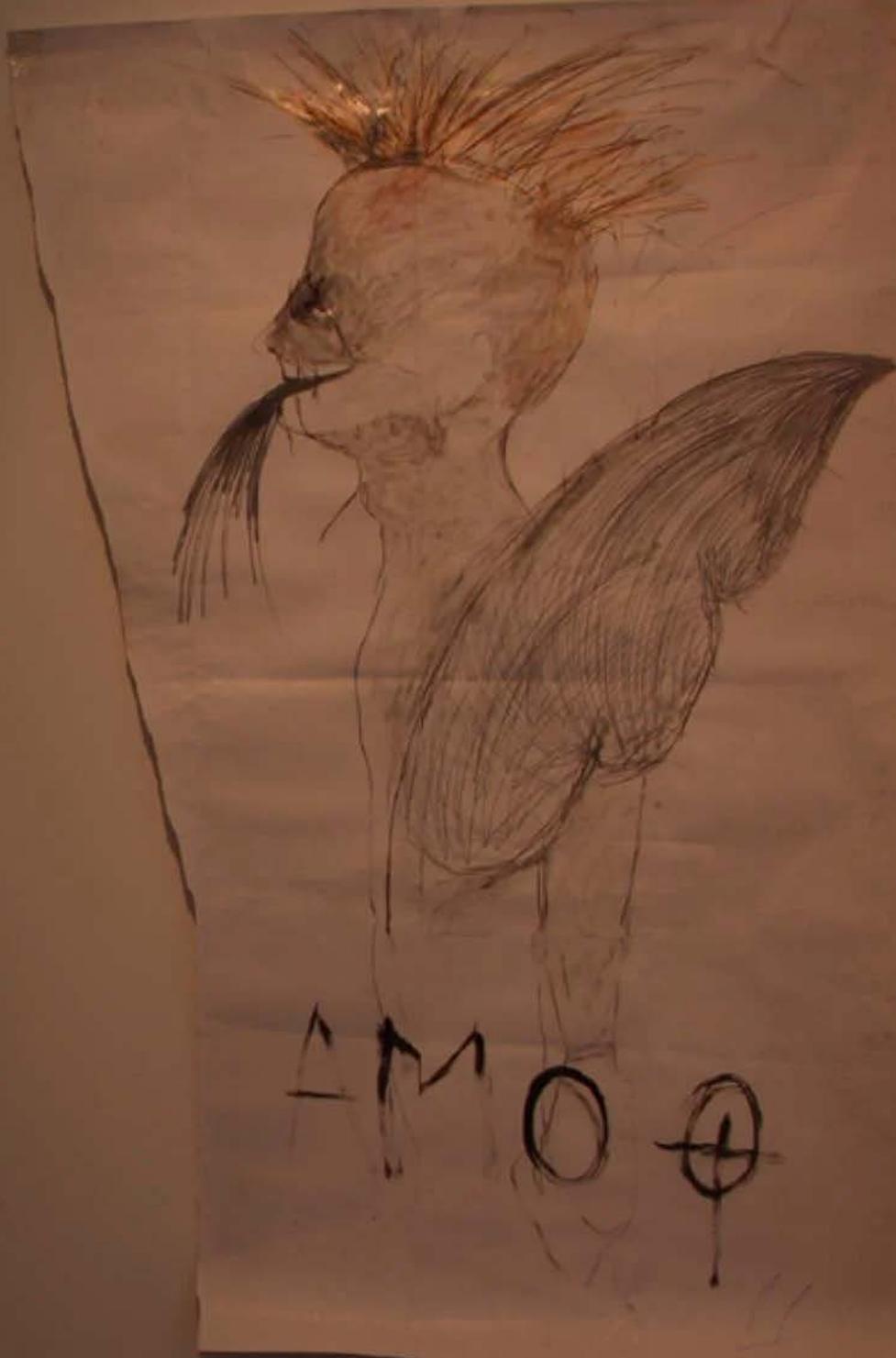
Adriana Maria dos Santos

O percurso da proposta intitulada Disability e do que este conjunto de trabalhos trata, inicia nas relações do corpo com o estado de fragilidade e tensão em que a mutilação externa [membros faltantes] e interna [estados da alma] sugere para o uso de próteses aos quais são apresentados como via de reflexão do que intitulo corpo transgressor.

Desde a finalização de tese doutoral cujo título dá o nome a esta proposta, Disability ou Samuel Beckett e a pintura, o corpo vem sendo repensado em meu trabalho como meio de dissolução de sentimentos e humores traduzidos pela ação de vomitar ou expelir através da boca, linhas e manchas que remetem a sentimentos afetivos mal digeridos ou que já não possuem condições de serem controlados.

A imagem do punk ou de figuras da iconografia pop são escolhas cuja estética interessa como parte da leitura do corpo transgressor, assim como já foram considerados em propostas anteriores, os deficientes físicos e mentais. Há uma atração forte nesse apelo estético que objetiva a ênfase na negação de mecanismos de controle, assim como na potência do ato impuro no âmbito social do vomitar, este traduzido como emblema de uma impotência do corpo em digerir, isto é, aceitar.

A asa surge como elemento de uma ficção, trata-se de pensá-la como prótese, recurso do imaginário para supostamente propor uma saída, considerando que no corpo há a recusa, estas asas sugerem uma possibilidade de fuga, de cura e/ou de sublimação do fracasso como condição redentora.







## Disability, de Adriana Maria dos Santos

Espaço 2, de 05 de fevereiro a 06 de março de 2015

Buscando relacionar os estados do corpo, o trabalho da artista se constitui sobre a deficiência e tensão entre os meios externos e internos, relacionando as mutilações com os estados da alma e trabalhando com a impotência do corpo em ser completo, ou seja, aceitar a fragmentação como potência. *Disability*, cujo título deu nome à proposta de doutorado de Adriana, além de repensar a ação do corpo e a dissolução dos sentimentos, apresenta figuras da iconografia pop que retratam de forma diferenciada a leitura do corpo transgressor. A artista nasceu em Rio do Sul (SC) e tem doutorado em teatro pela Universidade de Estado de Santa Catarina (Udesc). Mora em Florianópolis, é artista plástica e professora no Centro de Artes da Udesc.

# Registros de uma quase infância

Teresa Luzio

Registros de uma quase infância reúne trabalhos que discutem a documentação de ações, realizadas principalmente em contexto doméstico. Ao enunciar o termo registro no título da mostra, Teresa Luzio evoca questões implicadas na relação entre a ação e sua documentação, próprias do território da performance. Constrói seu trabalho intervindo nos registros da ação, manipulando imagens do seu corpo e de objetos, prolongando e desdobrando o ato performativo inicial.

Nesta mostra, a noção de desencontro é percebida nas obras de diferentes formas. Em (Des)encontro entre um corpo e um vestido, Teresa experimenta uma roupa de infância documentando o processo por meio da fotografia. Os registros testemunham que o corpo não encontrou espaço suficiente para si no interior do pequeno vestido. Experimentou a peça como quem não sabe o próprio tamanho — corpo e vestido desencontram-se no tempo. A seguir recorta as fotografias, desfazendo-se das partes do seu corpo não envolvidas pela trama do tecido. Mas o espaço ocupado pelo corpo continua evidente, fazendo com que tal volume assuma um protagonismo estranho.

Outro trabalho apresenta uma carta que a artista destinou a sua mãe, aos cinco anos de idade, em um exercício escolar. Ao pé da página lê-se, na grafia de sua professora: “Nota: esta carta foi escrita com todas as frases da Teresa como trabalho de desenvolvimento da memória e de reprodução.” Memória e reprodução são assuntos que atravessam o conjunto de obras nesta exposição. Carta à mãe (leitura de emergência) reapresenta o conteúdo da missiva sob a forma de uma gravação na qual o documento é lido pela voz de sua mãe, destinatária da carta em 1982. Durante esta leitura, muitos tempos se procuram, em desencontro.

A documentação de ações é uma questão central na prática artística de Teresa, assim como a noção de experiência — ao falar de seu trabalho, atribui especial atenção a este termo. A relação entre a dimensão da experiência e as instâncias de registro apresenta um desdobramento particular em sua produção: os registros intervencionados sugerem conflitos ou descompassos entre a ação inicial e a formalização posterior das obras. Fotografar, filmar e gravar são procedimentos para se reter lembrar — exercícios de memória e reprodução. Neste percurso, Teresa encontra e perde seus objetos em tempos diversos, constrói outros corpos e evoca ausências.

FABIANA WIELEWICKI











## Registros de uma quase infância, de Teresa Luzio

Espaço Fernando Beck, de 28 de agosto a 19 de setembro de 2014

A exposição *Registros de uma quase infância*, de Teresa Luzio, exibe um conjunto de obras realizadas a partir de dois objetos de infância: uma carta e um vestido, utilizando fotografia, colagens, áudio e vídeo. Estes objetos, surgem como pretexto para trabalhar uma noção de perda, desenvolvidos como condição essencial da linguagem da performance e investigar a impossibilidade de reter a experiência. As obras – carta à mãe (leitura de emergência); (des) encontro entre um corpo e um vestido e um conjunto de fotomontagens, que integram a mostra, problematizaram a relação entre a performance (efêmera) e sua documentação (permanência). A artista nasceu em Santarém (Portugal) e vive em Cartaxo (Portugal). É licenciada em Design Gráfico e mestre pela Bahaus University (Alemanha). Expôs suas obras em cidades como Berlim (Alemanha) e Salamanca (Espanha). É assistente do curso de Design Gráfico de uma escola superior de arte e design.

# Autorretrato

Lilian Barbon

Desmistificar a relação da fotografia com o real. Criar novos mundos, novos corpos, novas situações. Atravessar todo o ato fotográfico com meu corpo e meus sentidos, na tentativa de elucidar meu lugar no mundo. Mundo este cada vez mais de aparências e incertezas.

Nesta reflexão sobre minha própria imagem, utilizo a fotografia como suporte e o meu corpo como elemento estético, criando séries de autorretratos onde a fotografia aparece como uma espécie de espelho manuseável, no qual é possível criar e recriar meu próprio corpo, deformando-o, multiplicando-o, fragmentando-o.

Através de idas e vindas pela câmera escura, onde o ato fotográfico encontra-se estirado, alongado, sou ao mesmo tempo fotógrafa e fotografada. Torno-me criadora e criatura de minhas imagens e também, deformadora de meu próprio Self.







## Autorretrato, de Lilian Barbon

Espaço 2, de 28 de maio a 26 de junho de 2015

Partindo de pesquisas práticas e teóricas sobre a autorrepresentação fotográfica, a artista busca refletir sobre sua própria imagem, utilizando a fotografia como suporte e o seu corpo como elemento estético. Lilian Barbon é artista visual e fotógrafa. Mestre e bacharel em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e especialista em Fotografia pela Universidade Estadual de Londrina (PR).

# Desenho de Monstro

Clara Fernandes • Ricardo Ramos • Bruno Bachmann  
Claudia Cárdenas e Rafael Schlichting • Adson Loth  
Djuly Gava • Pablo Rodriguez Vence • Pama Krowczuk  
Estevão Mattos • Yasminka Guimarães • Felipe Vernizze  
Airton Perrone • Fabrício Manohead • Jonathan Belusso  
Marta Martins • Lara Montechio • Yuri Bastos  
Kelly Kreis Taglieber

ADRIANA MARIA DOS SANTOS - Curadora

Não pense que eu espere encontrar simpatia. No início, o que eu queria era participar dos sentimentos de amor, virtude, da felicidade e da afeição, de que todo o meu ser estava inundado. Mas agora que a virtude se tornou sombra pra mim e que a felicidade e afeição se transformaram no mais amargo e odioso desespero, onde devo procurar compaixão?

MARY SHELLEY, "FRANKENSTEIN"





Monstros • Kelly Kreis Taglieber



Monstros • Ricardo Ramos



Monstros • Lara Montechio | Adriana Maria dos Santos





Monstros • Fabrício Manohead

## Desenho de monstro, 4ª edição - Coletiva Jardins da Fundação, de 10 a 18 de setembro de 2015

Em sua 4ª edição, os artistas participantes tiveram o desafio de realizar suas obras em um espaço urbano sujeito às intempéries. Nas palavras da curadora, “A relação que cada um fará com o monstruoso perpassa a condição temporal, o caráter perecível e a fragilidade do que é trazido à tona fora do ambiente fechado do atelier e da galeria”.

# Sob o preço da carne

Jenny Granada

A “Zona de Ataque” e a “Zona de Defesa” são um decantado da vida presente: evento em que as esferas do universal e do particular foram separadas num corte, e colocadas uma diante da outra de forma superconcentrada [uma ferida mantida aberta].

A voltagem que emerge dessa diferença de potencial faísca em todas as direções, e um passo dado à esquerda ou à direita do X pode transformar agressor em vítima, acusador em réu. E em quem arrisca uma posição instável? Na qual as categorias determinadas pelo senso perverso da justiça se arranham e entrechocam; como em um tabuleiro ou numa manifestação. Situações onde ambos os lados são oponentes, se atacam e se defendem num único lance.

Para desconfiar de toda posição, de qualquer imagem, ajuda ter em mente diversos aspectos discriminatórios do termo “Zona”. “Zonas” que vão desde das de prostituição espalhadas pelas cidades, às zonas leste, oeste, norte e sul com que são segmentadas pelas prefeituras; e mesmo o verbo “zonear” significando fazer bagunça, arruaça, sair do controle.

Se dermos um passo pra dentro cruzamos o batente: mas não antes de toparmos um sólido taco de madeira. Com extremidade abaulada e empunhadura... Priapo, deus romano da fertilidade, tinha estátuas à sua semelhança colocadas nos jardins, à entrada das casas, ameaçando os assaltantes com um gigantesco falo rígido; e pra não desagradar o deus, o mortal devia fazer um carinho no órgão enquanto passava.

Detrás destas zonas de segurança e insegurança estaria a violência sistêmica necessária à manutenção das sociedades de consumo. A transição vertiginosa do mais exterior [mundo dividido por infinitas zonas de conflito] para o mais interior [sala de estar pequeno burguesa] não é sem consequências. Ali também dois campos de força se contrapõe, esmagando as personagens apanhadas no movimento.

BRUNO BRAGA

ZONA DE  
ATAQUE

ZONA DE  
DEFESA







**Sob o preço da carne, de Jenny Granado**  
Espaço 2, de 06 de agosto a 11 de setembro de 2015

Selecionada na categoria Primeira Individual do Edital 2015 da Fundação Cultural Badesc, a proposta da artista acompanha o movimento dos seus projetos, que giram em torno das diversas manifestações políticas do corpo e reinterpretações de conceitos como pornografia, violência e gênero. *Sob o preço da carne* tece inflexões no que não está exposto, no que diz respeito ao outro/outra/outrem e como nos posicionamos como expectadores do nosso próprio dia a dia frente à descarga diária de informações provenientes principalmente dos meios de comunicação televisivos. Jenny nasceu em Uruana (GO), é formada em Artes Visuais pela Udesc, vive e trabalha na Cidade do México (México).

# Caçadores e coletores

Ana Viegas • Lengo D´Noronha

Carla Linhares • Charles Steuck • Egidio Rocci

Felipe Vernizzi • Guto Kuerten

Leandro Lopes de Souza • Radji Schucman

Sandra Correia Favero • Sergio Vignes

Uma singela homenagem aos povos ameríndios pré-históricos, os chamados homens do sambaqui, que ocupavam o território litorâneo em que vivemos. Uma retumbante constatação deque – apesar da tecnologia, dos fast-foods, das bolsas de valores especializadas em sabotar estados nacionais, das impressões fotográficas em papel 100% algodão – continuamos sendo um bando de caçadores, coletores e acumuladores em larga escala. Um convite a artistas que se utilizam com delicadeza do procedimento do estar à espreita e com os olhos bem abertos para o outro e para o ambiente.

FERNANDO BOPPRÉ - Curador



Fotografias • Radji Schucman | Instalação • Lengo D'Noronha







Fotografia • Carla Linhares

## Caçadores e coletores ou no fine arts - Coletiva

Espaço 2, de 17 de setembro a 16 de outubro 2015

Fotografias, vídeos e objetos de 11 artistas em homenagem aos povos ameríndios pré-históricos, os chamados homens do sambaqui, que ocuparam o território litorâneo brasileiro há milhares de anos. "Eu considerei que o procedimento de coletar e caçar na atualidade – isso no interior do campo artístico, também se faz por meio de instrumentos modernos como a câmera fotográfica e a de vídeo", declara o curador e criador da proposição.

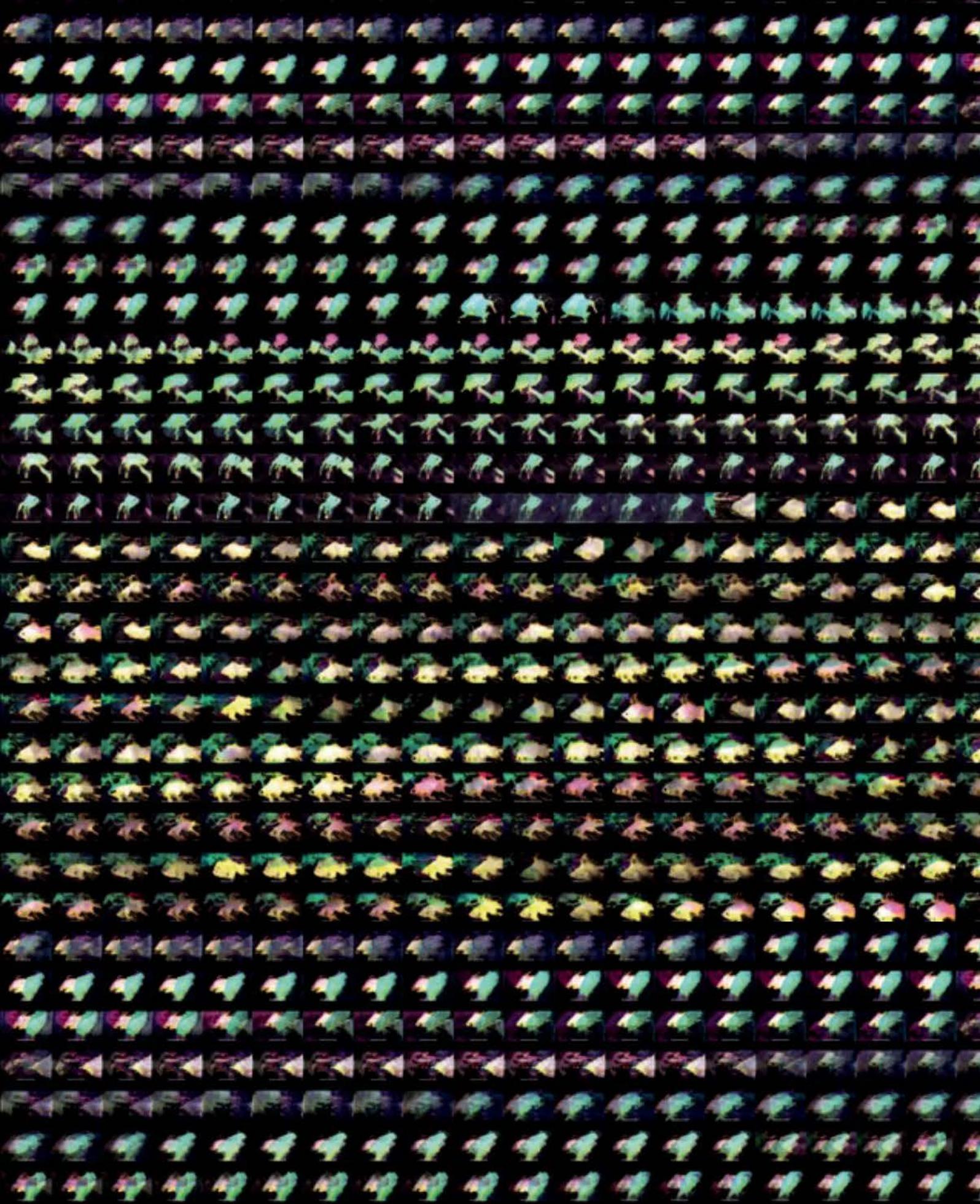
# Metamórficas

Javier Di Benedicts

Os trabalhos de Javier Di Benedictis (Buenos Aires, 1985) demandam imaginação e memória, devolvendo às imagens sua condição de mistério e distância. Nesta exposição sua obra é dada a ver através de dois ambientes: num deles, compõem os próprios vídeos e, em outro, destacam-se alguns de seus fotogramas. Estas pequenas unidades fílmicas são organizadas em folhas para impressão e sofrem uma série de intervenções plásticas, para logo em seguida serem digitalizadas e recompostas em novas sequências de vídeo.

Em termos de fatura, trata-se de projeções, cujos vídeos remetem à fotografia analógica (onde a luz das imagens capturadas e congeladas não cobre e nem descobre, apenas vela), enquanto os fotogramas remetem à pintura através de um processo de intervenção manual, potencializada pelas cores fluorescentes do rosa, verde, amarelo e assim por diante, obtidas com pigmentos e solventes. Recusando aquilo que se poderia chamar de cromofobia, sensibilidade que se ampara na brancura e no asséptico, o artista reivindica a atualidade multicolorida dos neons e das tonalidades digitais, porém, autonomizando a cor em relação às formas. Assim, ambos permitem considerar algo que foi extraviado e em seguida alterado e profanado, sobrevivendo através de algum tipo de metamorfose. Instala-se um artifício que perturba a realidade através de uma espécie de pestanejar, causando um tipo de ofuscamento ou miragem produzida pelo excesso colorante que faz resplandecer a superfície numa gloriosa dança de luzes.

ROSÂNGELA CHEREM - Curadora











## Metamórficas, de Javier Di Benedictis

Espaço Fernando Beck, de 27 de novembro a 16 de janeiro

Vídeos e fotogramas instigam a percepção por meio de pequenas unidades fílmicas que foram organizadas em folhas de impressão e sofreram intervenções plásticas, sendo digitalizadas logo em seguida e recompostas em sequência. No processo semelhante ao *found footage*, conhecido em português como filme perdido, o artista fez referência à metamorfose, conceituando algo que foi extraviado sendo alterado posteriormente. Formada por dois ambientes – um de vídeos e outro de fotogramas – a exposição exigiu imaginação e memória do observador. As imagens foram divididas em três grupos – Introspecção/Extrospecção, Estudos para Sarles e Bosque, Praia, Dança. O artista, designer de imagem e som pela Universidade de Buenos Aires, onde nasceu, interessa-se principalmente por técnicas e tecnologias mistas. Trabalha com produções experimentais em territórios híbridos, onde entram em convivência elementos e linguagens de diferentes áreas.

# Impossibilias: Arquivo e Memória em Paulo Gaiad

Os objetos, desenhos, colagens e pinturas que aqui comparecem (embaralhando traços e palavras, rasuras e enquadramentos, ajustes e disfarces, revelações e apagamentos), guardam vestígios do desmesurado e do inclassificável, confirmados tanto na fatura (nunca é simples delimitar o que é desenho, pintura, fotografia), como na temática (nunca é fácil definir o que é retrato, paisagem, cena, natureza morta).

Utilizando diversos materiais e procedimentos, combinando os registros do visual e do dizível a partir de certos eventos vividos, os mesmos adquirem uma consignação poética, com a qual o artista enfrenta o esquecimento e produz reverberações para outros trabalhos.

Conjugando o irreversível do passado e a intensidade do presente, não se trata de reunir as obras através de uma sequência cronológica ou evolutiva, mas de pensá-las como lances que fazem com que imagens e formas, inquietações e procedimentos vão e voltam, configurando-se por meio de três persistências: carne (materialidade corporal), passagem (reflexão plástica sobre espaço, lugares, paisagens, viagens), cifra (pequenos segredos biográficos colhidos em diferentes universos e contingências).

A noção de impossibilias (recurso da linguagem em que termos incompatíveis incidem sobre um mesmo pensamento) materializa-se em aglomerações díspares ou súbitas, justapostas ou sobrepostas que acabam por explicitar diferentes gradações do arsenal constantemente burilado e alterado.

ROSÂNGELA CHEREM - Curadora



night over Macedonia (sketch)



penko penko 200













## Impossibilias: Arquivo e Memória em Paulo Gaiad, de Paulo Gaiad

Todos os Espaços da Casa, de 26 de novembro de 2015 até 26 de fevereiro de 2016

A exposição traz um consistente recorte da trajetória do artista, desde o início de sua carreira, nos anos 80, até trabalhos mais recentes. Foi a primeira vez que uma exposição ocupou todos os espaços do Casarão da Fundação Cultural Badesc. O conjunto da obra de Paulo Gaiad se caracteriza por um fluxo em que a imagem e a linguagem se rebatem por meio de certas lembranças e apagamentos que acabam por explicitar diferentes gradações de sua subjetividade. Não há aqui séries completas, mas casos exemplares, em que é possível observar três temas reincidentes: carne (materialidade corporal), passagem (reflexão plástica sobre espaço, lugares, paisagens, viagens), cifra (pequenos segredos biográficos colhidos de diferentes universos e contingências). Importante destacar que muitas vezes estes temas estão embaralhados, disfarçados ou simplesmente recombinaos. O fio que liga todos os blocos de *Impossibilias*, que teve curadoria de Rosângela Cherem, é uma figura de linguagem em que são articuladas duas proposições incompatíveis ou contraditórias, fazendo com que o insuspeito, o improvável e o inesperado se encontrem e produzam uma abertura para infinitas combinações. Paulo Gaiad nasceu em Piracicaba (SP), vive e trabalha em Florianópolis desde os anos de 1980.

# Diálogos Expostos

Sandra Makowiecky  
Néri Pedroso  
Isabela Sielski  
Diego de los Campos  
Nilton Tirotti  
Philippe Arruda  
Neide Schulte  
Bárbara Rey  
Acácio Piedade  
Rodrigo Garcez

apresenta

Juliana Hoffmann  
Franzoi  
Kelly Kreis Taglieber  
Andressa Proença Rosa  
Inverso Design  
Marco Giacomelli  
Isabel Possidonio  
Adilso Machado  
Diogo de Haro  
Gregori Homa

A Direção da Fundação Cultural Badesc desafiou 10 empreendedores culturais para que apresentassem 10 artistas na inauguração do **Espaço2**. Como elementos integradores, uma sugestão e uma exigência: que as obras contenham o vermelho como cor dominante e que os participantes foquem o diálogo. A cor dominante (não necessariamente predominante) é uma referência a logo inaugurada. Já o diálogo é a ação propositiva central que se pretende firmar.

O **Espaço2**, recém-nascido, desenhará seu *ethos* ao longo de diálogos com o público, com os setoriais da arte, com as manifestações mais espontâneas da cidade. Já começa organicamente a se espalhar pelo casarão: compartilha com o Cineclube uma parede aberta às movimentações culturais; dali certamente ocupará a escadaria e os corredores superiores da Fundação; abre as portas da sacada superior para a envolvente vista dos jardins, outro espaço que pretende conquistar em breve, levando a Arte para mais perto da rua. Para este evento, criou-se um túnel anexando a sala de oficinas e permitindo aos vídeos dança e performance expressarem-se em um ambiente novo.

Os espaços públicos de arte e cultura possuem muitas obri-

gações, divulgar o talento dos artistas, apoiar novas expressões, preservar memórias, disseminar conhecimento, garantir a fruição, abrigar a diversidade, agregar e mediar pessoas. Polifonicamente, o **Espaço2** inaugura-se com encontros: de artistas que trabalham diferentes linguagens e expressões, aparentemente dessemelhantes, mas apropriadas a interação; de interlocutores que atuam em diversos universos e, aqui, gentilmente coassumem um papel curatorial corajoso, emprestando seus olhares sobre a produção contemporânea, apresentando obras e dialogando com a proposta da diretoria; do público apreciador, conhecedor ou profissional da arte, que compartilha na Fundação Cultural Badesc as certezas e incertezas dos movimentos e das políticas culturais da nossa época.

Nessa atmosfera, os DIÁLOGOS ESTÃO EXPOSTOS: nas conversas possíveis entre os curadores, artistas e produtores; nas obras que ora se namoram, ora não, mas que suscitam o refletir, o ressignificar, o repensar processos e procedimentos, em consonância com o pensamento de Jacques Rancière, para quem a Arte e a Política só são autênticas quando ocorrem a partir da multiplicidade de manifestações, no encontro discordante das percepções individuais.

ENELÉO ALCIDES - Curador geral



Pintura • Juliana Hoffmann



Vídeo Performance • Gregori Homa



Vídeo Dança • Adilso Machado



– O que a gente percebe é que há todo um discurso em torno da necessidade do diálogo. É uma das máximas no campo das artes.

– Um valor instaurado, entendo.

– Mas, na verdade, o que acontece não é bem isso. Na maior parte das vezes, as pessoas chegam com a ideia pronta e querem que a instituição a viabilize. Nesse sentido, não há muita diferença entre o campo das artes e o modo como se dialoga em outros setores da economia...

– Sei como é. Acho que a relação entre artista e instituição, ou mais recentemente, entre produtor e instituição, está um tanto prejudicada. A história recente nos ensinou a censurar (e não dialogar), como na ditadura. E quando a tal da democracia voltou, quase se extinguiu a cultura como instituição (governo Collor). So-mente agora estamos nos acostumando com uma certa estabilidade, sempre precária...

– E o Espaço 2?

– É uma tentativa de criar mais um canal de diálogo.

– Você sabe que a lógica do complemento (nesse caso, o Espaço 2 em relação ao Espaço Fernando Beck) é de se tornar o centro, né? Preparem-se, eu acho que o 2 logo virará o 1.

– A ideia é chamar áreas distintas para conviverem aqui.

– Gosto muito dessa proposta de se abrir um espaço como uma caixa de ressonância, como um laboratório cujo experimento primeiro é a conversa.

– Vamos ver se funciona.

– Sabe, esse título “Diálogos Expostos” faz pensar na ambiguidade da palavra “exposição”, que vem do latim *expositio*. A princípio e ao mesmo tempo, esse termo tinha três acepções: 1) o sentido figurado de “explicação”; 2) o sentido literal de exposto, ou seja, de se expor alguém (uma criança abandonada, por exemplo); 3) o sentido geral de uma exibição (como utilizamos hoje em dia).

– E me fez lembrar de uma conversa que eu tive com um monge dentro de um mosteiro. Na verdade, foi um diálogo cego. Porque falamos através de uma “roda dos expostos”. A “roda” foi um mecanismo utilizado desde o século XVI até o XX para abandonar, expor na linguagem da época, recém-nascidos que ficavam ao cuidado de instituições de caridade. O mecanismo tem a forma de tambor ou portinhola giratória e fica embutido numa parede. Era construído de tal forma que aquele que expunha a criança não era visto por aquele que a recebia. Voltando a conversa com o monge, é por isso que eu não o via.

*Diálogos por Fernando Boppré*



Objeto • Inverso Design  
Gravura • Kelly Kreis Taglieber





Instalação • Franzoi

**Diálogos Expostos** - Coletiva de curadores e artistas que marca a inauguração do novo espaço expositivo da Fundação Cultural Badesc. Espaço 2, de 7 de junho a 31 de julho de 2014



mostras especiais • 178

cinoclube • 180

estreias e sessões especiais

mostras de cinema – ciclos – festivais

lançamentos e noite de autógrafos • 188

música–dança –performance • 190

parcerias especiais • 192

entremostras • 194

arte educação • 196

# mostras especiais

Por vezes tão potentes quanto às oficiais, as mostras especiais decorrem de oportunidades únicas. Ocupam espaços alternativos da Casa ou possuem tempos diferenciados ou são integradas a algum outro evento. Tomam esta categoria por terem formatos e propostas singulares.

## **SIGA EM FRENTE**, de Marina Watson-Wood e Viviane Mayumi

A mostra integrou o lançamento do catálogo em formato de fotonovela que narra a amizade de duas jovens numa viagem de libertação a bordo de um Fusca. Na área do estacionamento e jardins foi realizada uma instalação com a alocação de um Fusca, ambientado e com guloseimas, para que as pessoas pudessem assistir, do veículo, a exibição em um telão ao ar livre, como se estivessem em um autocine. Idealizado por Marina Watson-Wood e Viviane Mayumi, o material, fotografado em formato de fotonovela com CD da trilha sonora narrando a aventura foi distribuído gratuitamente durante a mostra (08 a 16/05/14).



**JULIO  
FLORENCIO  
CORTÁZAR**

## **JULIO FLORENCIO CORTÁZAR**, de Miguel Rep

O artista e cartunista argentino Miguel Rep, exibiu no Espaço 2 uma sequência de 35 desenhos que expôs no Salão do Livro de Paris, homenageando o centenário de nascimento do escritor belga Julio Florencio Cortázar. A abertura da exposição contou com palestra e sessão de cinema com curtas baseados nas obras de Cortázar e foi uma parceria com o Consulado da Argentina, Núcleo Onetti e UFSC (de 22 a 26/09/2014).





#### CINEMA DE EXPOSIÇÃO

Lançamento da primeira fase da plataforma de experimentação de linguagem Labor Ilha. Os artistas selecionados por meio de envio de receitas narrativas rodaram 54 minutos de filme preto & branco em 16mm, produzido exclusivamente para a exposição. Coordenação de Pedro MC e apoio do Funcine Florianópolis e Cinemateca Catarinense (24/10/14).

#### ENTRE LENÇÓIS, de Patrícia Manaro

A mostra de fotografia que aborda a intimidade de casais reais com diferentes orientações sexuais integrou o projeto Diversa Cultural, durante um final de semana, com diversas atividades artísticas voltadas à discussão dos direitos dos grupos Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT) (22/08/2015).

**RESISTÊNCIA** • Contemplar, refletir e discutir Arte Cinematográfica ou pensar coletivamente o mundo a partir dela é um movimento de Resistência. Ainda mais em uma época em que cinemas tradicionais são fechados, redes em shoppings priorizam exibições comerciais, internet e TV a cabo proporcionam conforto com alta resolução e a velocidade das informações desestimula o olhar sobre imagens singulares.

# cineclube BADESC

O Cineclube é um espaço privilegiado de reflexão crítica e de acesso à cultura. Sendo gratuito, torna-se uma grande oportunidade para o público em geral e, especialmente, estudantes que ainda não possuem recursos para frequentar as salas comerciais. Muito além do lazer cultural, os debates promovidos após as exibições desenvolvem a formação do público e estimula a produção. Incontáveis artistas, locais e globais, atribuem seu estímulo aos encontros proporcionados pelos cineclubes.

É também um espaço privilegiado de democratização do meio audiovisual, porque ao lado de grandes mostras internacionais que a Fundação consegue trazer para Florianópolis, há igual espaço para a produção local de todos os formatos e metragens.

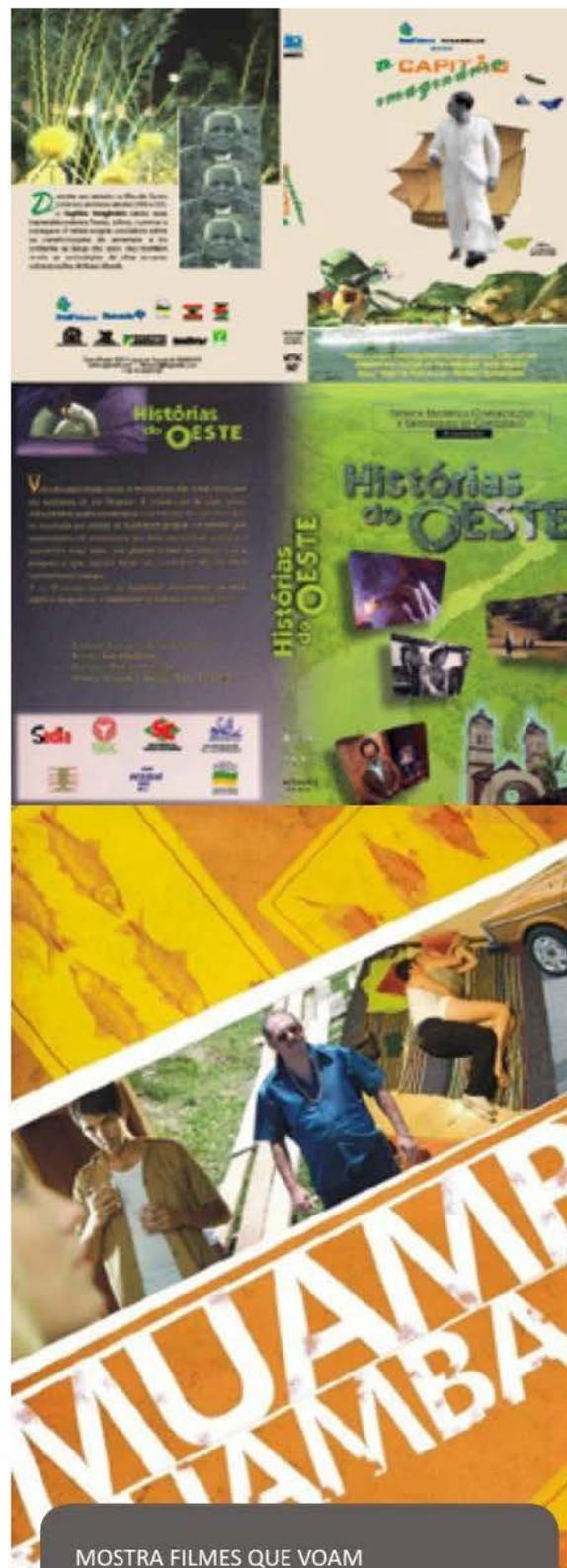
**PARCERIAS** • Cineclube ou CineclubeS da Fundação Cultural Badesc? O sucesso da nossa programação é certamente a rede de parcerias criada para pensar e alimentar as atividades. Grupos, entidades e pessoas apaixonadas pelo audiovisual se reúnem para discutir a produção artística ou para discutir, a partir dos filmes, temas específicos como gênero, psicanálise, direitos humanos, arte, cultura francesa, inglesa, alemã e africana. Esses parceiros nos oferecem um leque amplo de oportunidades, cedendo à Fundação seus direitos de exibição e seus olhares sobre o mundo.



# mostras de cinema – ciclos – festivais

A Equipe da Fundação está sempre atenta para obter direitos de exibição de festivais nacionais e internacionais relevantes que normalmente não chegariam aos espaços de cinema da Cidade, a exemplo do Festival de Cinema Europeu, International Uranium Film Festival, Mostra Iconoclássicos e Mostra de Cinema Atual Espanhol. Também está sempre pensando a curadoria de mostras que possibilitem rodas de conversa sobre temas atuais. Mas, sem sombra de dúvida, são nossos parceiros quem mais inspiram e transpiram a programação. Mesmo com a preocupação de ser injusto com os grupos não referenciados, é importante registrar algumas contribuições singulares. A Aliança Francesa mantém forte sua parceria desde 2006, trazendo para a Cidade filmes e mostras importantes, recentes ou clássicos. O Cine Art7 é uma referência para Florianópolis porque sua origem remonta a um dos mais antigos cinemas de arte da capital. Funcionava no prédio eclético da Almirante Alvim que hoje abriga a sede da Agência de Fomento do Estado de Santa Catarina S.A. – BADESC. Depois de uma longa e rica trajetória, o Art7 revive suas atividades com sessões semanais no Cineclubes da Fundação. O Serviço Social do Comércio de Santa Catarina – SESC tem sido um parceiro de peso. Só nestes dois anos foram cinco mostras e muitos filmes avulsos, totalizando 40 títulos. A Universidade Federal e a Universidade do Estado de Santa Catarina também marcam presença através das sessões realizadas por núcleos de estudo, como o Laboratório de Estudos de História da África (LEHAF/UFSC) com a sessão Cine Africano e o Grupo Imagens Políticas (CEART/UDESC), com a sessão homônima. O projeto Cinema Chá e Cultura, promovido pela Cultura Inglesa em parceria com o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), tem a delicadeza de sempre receber seus espectadores com chá acompanhado de biscoitos antes de cada exibição. Utilizando a abordagem psicanalítica, outros três cineclubes promovem exibições seguidas de debates. O Cine Imagens do Desejo, Sessão Divã e Psicanálise Vai Ao Cinema realizam sessões mensais trazendo especialistas da área para conduzir a conversa. Mesmo à distância, o Instituto Goethe de São Paulo disponibiliza filmes de difícil acesso e promove um diálogo direto entre a Fundação e a Alemanha.

São muitas ideias, projetos e curadorias geniais. Mas ousa-se dizer que talvez as que mais sensibilizam a equipe da Casa, são aquelas em que presenciamos diferentes parceiros se unirem para criar uma mostra em conjunto. A parceria entre parceiros atestam que os processos de compartilhamentos fomentados pela Fundação dão frutos.



## MOSTRA FILMES QUE VOAM

Em parceria com a produtora Filmes Que Voam, uma seleção de quatro filmes do cineasta Chico Faganello: Espírito de porco, Outra memória, O capitão imaginário e Muamba (12, 19, 26/02 e 09/03/2015).

## A AMÉRICA POR JOHN FORD e HORROR ANOS 20

Em parceria com o Cine SESC, "A América por John Ford" exibiu oito filmes do cineasta que ficou conhecido por suas produções do gênero western. O expressionismo alemão marcou presença na mostra "Horror anos 20", com filmes como "O homem que ri", baseado no romance de Victor Hugo, e "Fausto", baseado no livro homônimo de Goethe (6 a 15/01; 20 a 24/01/2014).

## ICONOCLÁSSICOS

Cinco diretores foram convidados pelo Itaú Cultural para dirigir filmes inspirados na vida ou obra de cinco artistas contemporâneos brasileiros. A mostra exibiu DAQUELE INSTANTE EM DIANTE, de Rogério Velloso; EX ISTO, de Cao Guimarães; ASSIM É, SE LHE PARECE, de Carla Gallo; EVOÉ! RETRATO DE UM ANTROPÓFAGO, de Tadeu Jungle e MR. SGANZERLA - OS SIGNOS DA LUZ, de Joel Pizzini (27 a 31/01/2014).



## ANIMAÇÃO ESPANHOLA CONTEMPORÂNEA

A Mostra apresentou um panorama da pluralidade e riqueza da animação, com propostas visuais distintas (24 a 27/02/2014).

## MOSTRA MAX OPHÜLS

Outra parceria com o Cine Sesc, prestigiando longas do diretor alemão (03 a 07/02/2014).

## MOSTRA DE CINEMA ÁRABE

Produzidos em Marrocos, Palestina, Líbano e Egito nas duas últimas décadas, os filmes integram a parceria com o projeto Presença Árabe no Brasil. A abertura contou com a presença de Fawzi El-Mashi, ex-embaixador da Palestina no México (25 a 28/03/2014).

## MOSTRA DO FILME LIVRE

Realizada desde 2002, o festival é caracterizado pela exibição e difusão do cinema que experimenta outros caminhos e atalhos na linguagem audiovisual. A Fundação foi parceira da 13ª edição (07 a 11/04/2014).

## BREVE HISTÓRIA DA INGLATERRA

Parceria com a Cultura Inglesa e o cineclubes ART 7, cinco longas apresentaram o período da dinastia Tudor (30/04, 07, 14, 21, 28/05/2014).

## HISTÓRIA DA ANIMAÇÃO ALEMÃ

Parceria com o Instituto Goethe, a mostra apresentou a trajetória da animação na Alemanha, com curtas produzidos nas décadas de 20, 30 e no período nazista (13 e 30/05/2014).

## MOSTRA PÉRIPLO - VIDEO ARTE

O circuito apresentou vídeos de 20 artistas catarinenses selecionados por Claudia Zimmer, Nilton Tirotti e Raquel Stolf. Os participantes foram Ale Mello, Bill Lühmann, Coletivo Toca, Diego de los Campos, Diovane Rubens Riedel, Fernando Weber, Fran Favero, Jenny Granada, Karina Zen, Márcia Camargo, Muriel Machado, Rafael Schlichting, Rosa&Klein, Ruth Steyer, Sérgio Adriano H, Valent (05 e 06/06/2014).

## CINE GÊNERO

III Mostra Internacional Audiovisual Curta o Gênero, com sessões de curtas, distribuição do catálogo Exposição Contrastes – gênero, tempos, lugares, olhares e oficina de roteiro documental feminista (01 e 02/07/2014).

## BRASIL CONTEMPORÂNEO - Cine Sesc

Filmes nacionais da produção recente foram apresentados pela professora de cinema Marta Machado, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (15,22 e 29/07/2014).

#### MOSTRA WILLIAM WYLER

Os integrantes do Grupo Art 7 apresentaram a mostra de filmes do diretor (09, 16 e 30/07 e 06/08/2014).

#### MOSTRA ROAD MOVIE

Mais uma parceria Cine Sesc, com apresentação de Alessandra Brandão, professora de cinema e vídeo da Unisul (05, 12 e 19/08/2014).

#### MOSTRA CINEMA ATUAL ESPANHOL

A Embaixada da Espanha em Brasília foi parceira na exibição de filmes premiados produzidos por jovens diretores em 2012. Entre os títulos MAPA, de León Siminiani – vencedor de Melhor documentário Europeu no Festival de Sevilla (02, 09, 16, 23 e 30/09/2014).

#### MOSTRA IRANIANA

Em parceria com o Cine ART 7, a mostra apresentou filmes premiados internacionalmente (03, 10, 17 e 24/09/2014).

#### MOSTRA COMÉDIA FRANCESA

Parceria em dobro, com o Cine ART 7 e a ALIANÇA FRANCESA (08, 15, 22, e 29/10/2014).

#### MOSTRA CINE ARGENTINO

O Consulado da Argentina em Florianópolis foi parceiro com filmes do país vizinho (07, 14, 21 e 28/10/2014).

#### HOMENAGEM A FRANK CAPRA

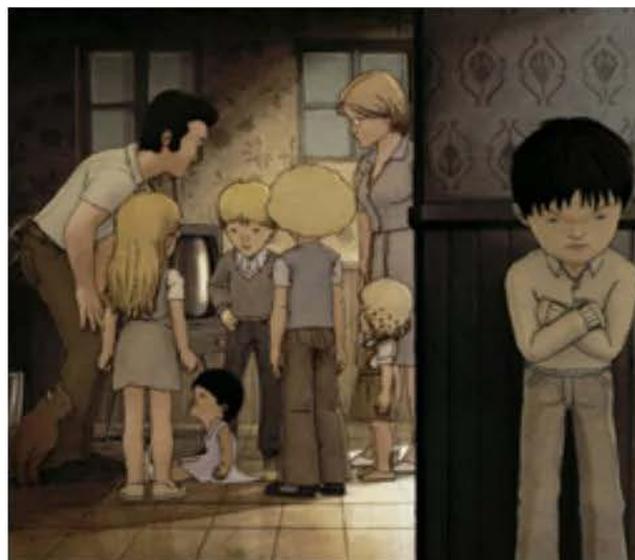
O Cine ART 7 rememorou longas do diretor (12, 19 e 26/11/2014).

#### MOSTRA A CAVERNA

Realizado desde 2007 em Florianópolis pela Associação Cultural O Mago Realizações, a mostra apresentou um panorama das produções independentes da América Latina que buscam a inovação narrativa e a experimentação da linguagem. Com projeção do jardim para o paredão do hotel FLOPH em frente ao Casarão da Fundação Cultural Badesc (03, 04 e 05/12/2014).

#### MOSTRA CINEMA DE ARQUITETURA

O Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU/SC) reverenciou a categoria apresentando filmes clássicos que abordam a revolução da arquitetura moderna pela obra de Oscar Niemeyer e a urbanização das cidades de forma inovadora (02, 09, 16/12/2014).



#### MOSTRA ALIANÇA FRANCESA DE ANIMAÇÃO

Cinco longas e 25 curtas foram apresentados. Destaque para o longa APROVADO PARA ADOÇÃO, de Laurent Boileau Jung, que ganhou o prêmio de Público e Prêmio UNICEF no Festival de Animação de Annecy 2012 (03,04, 10, 12, 17, 18, 24 e 25/11/2014).

#### CINE DOC CATARINA

A mostra discutiu três documentários com produção catarinense: Nossas raízes, nossa luta, de Carlos Portella Nunes; Ouvir o Rio: Uma Escultura Sonora de Cildo Meireles, de Marcela Lordy e Seo Chico, um retrato, de José Rafael Mamigonian (05, 06, 08/01/2015).



#### CICLO DE CINEMA FRANCÊS

Em parceria com a Aliança Francesa, o Consulado da França e o Institut Français IFCinéma, foram apresentados diversos filmes atuais franceses e também clássicos (12, 13, 15, 16, 19, 20, 22, 23, 26, 27, 29 e 30/01/2015).

#### MOSTRA ART 7 MUSICAL

Clássicos que marcaram a década de 50 (07, 14, 21 e 28/01/2015).

#### MOSTRA UBI CINEMA

Em parceria com a Universidade da Beira do Interior (Portugal), foi exibida uma seleção dos melhores curtas produzidos por estudantes da graduação e mestrado em cinema da universidade portuguesa (03,10 e 24/02/2015).

#### MOSTRA DE FILMES AFRICANOS LUSÓFONA

Parceria com a Cinemateca da Embaixada da França no Brasil e com o apoio da Cinemathèque Afrique do Institut Français. Filmes que traçam um panorama da filmografia africana lusófona. (03, 10, 17, 24 e 31/03/2015).

#### DUO STRANGLOSCOPE

O Duo Strangloscope, de Rafael Schlichting e Cláudia Cárdenas apresentou uma retrospectiva de trabalhos em Cinema Experimental (19/03/2015).

#### FILMES DE MULHERES

No mês da mulher, uma homenagem aos filmes realizados por diretoras (02, 05, 16, 23, 26 e 30/03/2015).

#### MOSTRA AKIRA KUROSAWA

Parceria com o Cine Art 7, que exibiu filmes do diretor japonês (01, 08, 15, 22 e 29/04/2015).

#### FESTIVAL DE CINEMA EUROPEU

Pela primeira vez em Florianópolis, este importante festival internacional promovido nas principais capitais do país pela Associação das Embaixadas dos Países da União Europeia (Unic), com a intenção de fortalecer o intercâmbio cultural entre a Europa e o Brasil, e para homenagear o dia da Europa, comemorado em 9 de maio. Foram exibidos filmes recentes e inéditos de diferentes países. Contou com a presença de cônsules e embaixadores dos países representados (04 a 08/05/2015).

#### FESTIVAL SHAKESPEARE

A parceria com o Cine Art 7 contemplou a exibição de filmes baseados na obra de William Shakespeare. O escritor, filósofo, poeta, tradutor e membro da Academia Catarinense de Letras, Júlio de Queiroz, promoveu palestras sobre temas relacionados a Shakespeare e a Inglaterra nos dias das exibições (12, 13, 20 e 27/05/2015).

#### 13ª SEMANA DE MUSEUS

A Fundação aderiu à edição com a exibição de filmes com a temática: sociedade sustentável (18 a 22/05/2015).

#### MOSTRA DE VÍDEODANÇA

A mostra integrou a 8ª edição do Festival Múltipla Dança, com exibição de quatro média-metragens (03 e 05/06/2015).

#### 14ª MOSTRA DE CINEMA INFANTIL

Uma programação especial para crianças foi montada com duas sessões diárias de curtas-metragens brasileiros que estavam em cartaz na Mostra de Cinema Infantil (11 e 12/06/2015).

Mostra Shakespeare Film Festival • Art 7 | Mostra Internacional Uranium Film Festival



#### 10 ANOS DE CINEMA UFSC

O circuito apresentou 20 curtas-metragens produzidos pelos alunos do curso de Cinema desde 2005, com destaque para Trabalho Final, de Felipe Mendonça e Menino no Bosque, de Alessandro Danielli (18 e 25/06/2015).

#### CINE SESC ESPECIAL DITADURA

Foram exibidos quatro filmes que abordam o regime militar instaurado no Brasil em 1964. (07, 14, 21 e 28/07/2015).

#### CINE ALEMÃO MOSTRA WIM WENDERS

Parceria com o Instituto Goethe, foram exibidos filmes pouco conhecidos do diretor (04, 11, 18 e 25/08/2015).

#### LGBTRAMA

Mostra de cinema curada por Arthur Haddad Antunes que integrou o calendário de atividades do Mês da Diversidade, promovido pelo Fórum da Diversidade da Grande Florianópolis. Os filmes selecionados abordam o tema da diversidade sexual, racial e de gênero (05/09/2015).

#### MOSTRA DE CINEMA ATUAL ESPANHOL

A nova edição foi representada por diversos gêneros e inquietudes temáticas do cinema espanhol, se aproximando da cultura brasileira. A mostra, que ocorre paralelamente em diversas capitais brasileiras é uma realização da Embaixada da Espanha em Brasília, do Escritório Cultural da Embaixada da Espanha e do Instituto Cervantes (21 a 25/09/2015).

#### INTERNATIONAL URANIUM FILM FESTIVAL

O Festival é realizado desde 2011 no Brasil e revive os 70 anos da primeira explosão de uma bomba nuclear, projeto

secreto dos Estados Unidos (projeto Manhattan) e desenvolvido na área de testes de Trinity, em Los Alamos, no Novo México. No ano seguinte, passou também a ser apresentado na Alemanha. Em 2013, os filmes passaram a ser apresentados em festivais nos Estados Unidos e Índia. No ano passado, o festival foi ampliado para a Jordânia e este ano está sendo realizado, além do Brasil e nos países citados, também no Canadá (05 a 07/10/2015).

#### FESTA DE ANIMAÇÃO FRANCESA

Parceria com a Aliança Francesa, a mostra Fête du Cinéma d'Animation ocorre durante o mês de outubro em pelo menos 30 países e em quase 100 cidades francesas, celebrando o Dia Internacional do Cinema de Animação. O evento contou com Paolo Conti, diretor do filme "Minhocas", o primeiro longa-metragem de animação catarinense a entrar no circuito comercial internacional (26 a 30/10/2015)

#### MOSTRA ALUNO CINEASTA

Exibição de curtas realizados por alunos do ensino fundamental e médio durante o curso Aluno Cineasta, que aconteceu na Fundação e nas cidades de Palhoça e Joinville (01/12/2015).

#### Mostra Festa de Animação Francesa





cinelube  
BADESC

O Cineclube Badesc é um espaço privilegiado para divulgação da produção local. Estreia de longas, médias e curtas-metragens possibilitam aos diretores e equipe conversar com o público sobre a experiência de sua produção. O mesmo acontece nas reapresentações de obras premiadas em festivais ou simplesmente que precisam ser revistas. O espaço também é procurado por diretores nacionais e internacionais que não possuem acesso ao circuito comercial ou que, mesmo possuindo ampla distribuição, fazem questão de também contribuir com os cineclubes, como é o caso dos longas Tarja Branca, de Cacau Rhoden e Quase Samba, de Ricardo Targino, entre outros.

## estreias e sessões especiais

**EM BUSCA DO RIO**, de Rodrigo Brasil  
Road movie sobre a busca de uma vida nova em outro lugar e sobre o peso da jornada (21/02/14).



**TRADIÇÃO – O SOM DA VELHA GUARDA**, de Gabriel Ornellas  
Documentário produzido em Santa Catarina mostra as velhas guardas das escolas de samba de Florianópolis. Coloninha, Copa Lord e Protegidos da Princesa discorrem suas histórias e causos sobre os primórdios do samba e carnaval na Cidade (27/02/2015).





#### SESSÕES ESPECIAIS

Produções nacionais recentes marcaram presença: OUTRO SERTÃO, de Adriana Jacobsen e Soraia Vilela, sobre a vida do escritor Guimarães Rosa na Alemanha nazista de 1938 a 1942; TARJA BRANCA, de Cauê Rhoden e A CASA ELÉTRICA, de Gustavo Fogaça (5, 8 e 11/09). CERTOS AMIGOS, de Jhonatan Matos e Luis Maffei, sobre o músico Daniel Lucena, e PER-NANCUBANOS, de Nilton Pereira, com uma abordagem em torno das similaridades entre as culturas de Cuba e de Pernambuco (01 e 13/09/2014).



NOITE CLARA, de Felipe Vernizzi; A PANDORGA E O PEIXE, de Kátia Klock e Ivan de Sá e O TEMPO QUE LEVA, de Cíntia Domit Bittar. Sessões premiadas: diretores e equipes apresentaram curtas premiados no Florianópolis Audiovisual Mercosul (FAM) (14, 21 e 28/08/2014).

#### MEU OLHAR DIFERENTE SOBRE AS COISAS, de Gilca Maria Motta da Silveira.

Filme realizado por jovens com Síndrome de Down falando sobre amor, felicidade, cidadania, casamento, filhos, trabalho e sonhos (20/03/2014).

#### NAUFRÁGIO, de Alex Vailati e Matias Godio

Pré-estréia com a presença do diretor. A trajetória de Vilson "Neto" Steffen como morador, ativista e pedagogo, em paralelo com as transformações urbanas e culturais da Barra da Lagoa, em Florianópolis, na década de 70 (10/06/2014). Convidado: Alex Vailati, diretor.

#### EU SOU DE LÁ, de Sansara Buriti, e DIÁRIOS DALTÔNICOS, de Patrícia Monegatto

Sessões premiadas: duas sessões com os curtas produzidos em Santa Catarina e premiados em festivais, com a presença das diretoras e equipe (10 e 17/07/2014).

#### ANDARILHO, de Jurandir Lisboa

Estreia do curta que retrata vivências e perspectivas de uma jornada pela região sul do Brasil do ponto de vista de um andarilho (24/07/2014).

#### RENDAS NO AR, de Sandra Alves

Supostamente louca e depauperada de seus bens, mulher vive através de sua poesia no final do século 19 na antiga cidade de Desterro. A diretora estreia seu filme juntamente com uma exposição homônima no Espaço 2 (02/10/2014).

#### O ARTISTA TÁ NAS RUAS, de Marcos Serafim e Thiago Bezerra Benites

A observação documental da rua e de suas manifestações culturais e artísticas presente nas paisagens urbanas atuais de Joinville (11/12/2014).

#### MITÃ, de Lia Mattos e Alexandre Basso

Sessão especial com a presença do diretor. Inspirada por Fernando Pessoa, Agostinho da Silva e Lydia Hortélio o filme traz importantes ideias sobre educação, natureza, espiritualidade e a Cultura da Criança (20/02/2015).

#### PARKING AREA, de Rafael Schlichting & Cláudia Cárdenas

A pré-estréia do curta feito em Detroit (USA), fez parte de uma retrospectiva organizada e apresentada pelos cineastas (19/03/2015).

#### GOOD FRIDAY'S WITH PORÃO 26, de Haward Cohen

O documentário conta a história de amizade de um grupo de oito rapazes e uma mulher, que há mais de 28 anos se encontram todas as sextas-feiras à noite em um porão (Porão 26), em Florianópolis, para celebrar a bossa nova e o jazz (06/11/2015).



**QUASE SAMBA, de Ricardo Targino**  
O diretor promoveu uma sessão especial do seu filme, que faz parte do projeto de discutir na prática a democratização do acesso à cultura e ao cinema brasileiro. Quase Samba é uma ficção que trata de vários temas sensíveis: violência contra mulher, milícias e violência policial, novas formas de afeto e formatos de família - diversidade/LGBT (31/07/2015).

O espaço multieventos da galeria Fernando Beck está sempre aberto para promover lançamento de livros, revistas, catálogos e outras peças gráficas. A Fundação já lançou mais de 100 obras desde a sua inauguração. Poesia, Romance, Crítica, Imagem, Pesquisa, Memória. O imprescindível encontro entre o autor e seus leitores.



# lançamento e noite de autógrafos



Iraque | Grupo Cena 11

**FRAGMENTOS – CONSTRUÇÃO 2: IMAGEM – ACONTECIMENTO,**  
org. de Rosângela Miranda Cherem e Sandra Makowiecky

Em sua maioria com artigos das organizadoras, o segundo número da publicação trata da arte contemporânea produzida em Santa Catarina, com enfoque sobre 12 artistas e participações do Estado nas Bienais de Arte de São Paulo (20/03/2014).

**O SONHO DA RAZÃO – IMAGINÁRIO E SIMBOLIZAÇÃO, de Dora Bay**

Estudo dissertativo sobre a obra do sociólogo e antropólogo francês Gilbert Durand. Dos diferentes autores que se constituíram como referência para os interessados na teoria hermenêutica e no estudo do simbólico. Publicação e lançamento póstumo da escritora mestre em educação e cultura, professora do Centro de Artes da Udesc, que faleceu em 2009 (03/04/2014).

**IRAQUE: DOS PRIMÓRDIOS À PROCURA DE UM DESTINO,**  
de Bernardo de Azevedo Brito

O escritor e diplomata aborda o Iraque moderno, com uma visão dos conflitos resultante da guerra e de oito anos de ocupação estrangeira (10/04/2014).

**REVISTA LADO C**

Lançamento da 5ª edição da revista de cinema (16/04/2014).

**ANATOMIA DA PEDRA & TSUNAMIS, de Marco Vasques**

Livro de poemas que encerra a Trilogia das Ruínas. O primeiro foi Elegias Urbanas e o segundo, Flauta sem Boca. A publicação é ilustrada pela artista joinvilense Carol Silva (15/05/2014).





#### **DANÇA COM A CRÍTICA, de Joubert Arrais**

Publicação resultante de encontros e escritas com artistas colaboradores de dança. Integrou o 7º Festival Múltipla Dança (22/05/2014).

#### **UMA VIDA EM DANÇA - Movimentos e Percursos de Denise Stutz, de Lilian Vilela**

Biografia da bailarina em seu percurso de atuação cênica profissional desde a década de 70. Integrou o 7º Festival Múltipla Dança (22/05/2014).

#### **ANTROPOLOGIA DA DANÇA I, organizado por Giselle Guilhon Antunes Camargo**

O desafio da Antropologia da Dança no Século 21 é o de apontar uma nova linha de investigação capaz de revelar como e porque a dança pode funcionar como ação social discursiva e afetiva de uma ordem humana particular. A busca pela compreensão e pela comunicação do “êmico”, ou seja, a perspectiva dos participantes. O lançamento integrou o 7º Festival Múltipla Dança (22/05/2014).

#### **MARGEM, de Graciela Kruscinski**

Escrito a partir de um autorretrato realizado com a técnica de dupla exposição na sala escura do laboratório fotográfico. Margem brinca com o romance de auto ficção. A publicação recebeu o Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura do governo do Estado de Santa Catarina (05/06/2014).

#### **COMPOSTELA – MUITO ALÉM DO CAMINHO DE SANTIAGO, de Beto Colombo e Mhanoel Mendes**

Noite de autógrafos da segunda edição do livro (24/07/2014).

#### **ANTES QUE CHEGUE O OUTONO, de Paulo de Sá Brito**

Romance biográfico baseado na vida de Glênio Sá Brito, pai do autor (14/08/2014).

#### **VICTOR MEIRELLES – BIOGRAFIA E LEGADO ARTÍSTICO, de Teresinha Sueli Franz**

O foco principal do livro é a relação entre a biografia do artista e sua obra. O livro desmistifica alguns aspectos da vida de Meirelles, como sua propalada origem humilde (04/09/2014).



#### **O TOCADOR DE SINOS, de Luís Felipe Maldaner**

Dividido em três capítulos: Solidão, Estranhamento e Paixão, o livro reúne 14 contos, entre eles O tocador de sinos, escrito há mais de 25 anos e reescrito várias vezes pelo autor (11/09/2014).

#### **CONTO E POESIA**

A obra é resultado do 8º Concurso literário, promovido pelo Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis e Região (Sinergia) em Santa Catarina. A publicação reúne 30 poemas e 15 contos, selecionados por Rubens da Cunha, Silveira de Souza e Eleonora Frenkel (prosa) e por Marcos Vasques, Regina Carvalho e Carlos Damião (poesia) (23/10/2014).

#### **GUIA RÁPIDO DE MOBILIDADE URBANA**

A 6ª edição do Guia, importante ferramenta de informações de apoio para turistas e moradores, desenvolvido a partir do banco de dados do portal Mobfloripa (11/12/2014).

#### **SAINT-EXUPÉRY ou O ENSINAMENTO DO DESERTO**

A obra de Jean Huguette teve tradução de Carmem Lúcia Gerlach e Márcia Regina B Moraes e trata principalmente de duas obras póstumas de Saint-Exupéry: Lettres à ma mère e Citadelle (18/12/2014).

#### **GRUPO CENA 11 – DANÇAR É CONHECER**

Organizado por Jussara Xavier, o lançamento do livro integrou o 8º Festival Múltipla Dança (03 e 05/06/2015).

#### **CADÊ A DANÇA?**

Com concepção e direção artística de Andrea Elias, a Caixa-Livro foi lançada durante o 8º Festival Múltipla Dança (03 e 05/06/2015).

#### **COTIDIANO HORIZONTE, de Fêre Rocha**

O livro reúne poemas de diferentes épocas da vida da autora (09/07/2015).

#### **NECA FALOÔNICA, de Moisés Guimarães**

A tarde de autógrafos apresentou a obra de poesia erótica com leitura dos poemas. Integrante da mostra Diversa Cultural (22/08/2015).

#### **BICHA (NEM TÃO) MÁ, de Fernanda Nascimento**

A presença LGBT em telenovelas é resultado do Mestrado em Comunicação Social da autora gaúcha que veio à Fundação falar de seu trabalho e divulgar a obra (22/08/2015).

#### **A CAMINHO DO OURO: norte-americanos na Ilha de Santa Catarina, de Marli Cristina Scomazzon e Jeff Franco**

Baseado em dezenas de manuscritos de viajantes norte-americanos que visitaram Florianópolis no século 19, o livro narra fatos pouco conhecidos na história de Santa Catarina. Cinco anos de pesquisa foram utilizados para descrever detalhadamente a paisagem e a vida na ilha da Desterro de dois séculos atrás (05/11/2015).

#### **GUIA RÁPIDO DE MOBILIDADE URBANA**

Ajudar turistas e moradores da Capital a conquistar sua liberdade urbana é a proposta do Guia que chega à 7ª edição. Nele são localizados os serviços, rotas de ônibus e pontos de destaque para o turismo na cidade de Florianópolis (10/12/2015).

#### **PROSA, QUASE POESIA, de Norma Bruno**

A obra reúne anotações, impressões, sentimentos e perplexidades da autora ao longo de duas décadas, feitos em pedaços de papel, agendas, bordas de livros e arquivos no computador (17/12/2015).

# música –

Os espaços da Fundação Cultural Badesc são muito singulares para apresentações. Desprovida de palco e plateia, a programação na Galeria Fernando Beck permite uma proximidade maior entre artista e público. O espetáculo se torna necessariamente mais intimista e aconchegante. É o artista em sua sala de estar. O público está em casa. Quando nos jardins ou na varanda, as apresentações ganham clima de festa, de confraternização. As performances e danças ainda são muito tímidas na programação e geralmente integram eventos mais amplos como feiras, mostras e debates. Esperamos que em breve criem autonomia e busquem nossos espaços de uma forma mais exibicionista. Já a música tem sido uma companheira formidável. Está presente nas trilhas das exposições, nos saraus de literatura, vira uma festa nas Entre-mostras, dá ritmo aos eventos mais diversos e se revela em noites especiais.

#### **LOGUNÉDE, performance de Gregori Homa**

Personagens dançando ao som de um DJ deram forma a performance apresentada durante a inauguração do Espaço 2 (07/06/2014).

#### **QUARTETO DE CORDAS DA UDESC**

Formado pelos alunos de música da Udesc Ana Cláudio (violoncelo), Indridi Elias (viola), Heitor Elias (violino) e Paulo Batschauer (violino), que trouxeram interpretações das composições de Joseph Haydn para a galeria principal da Fundação (21/08/2014).

#### **SOM DO VAZIO, com o duo A Corda em Si**

Formado por Mateus Costa, contrabaixista, arranjador e compositor e Fernanda Rosa, cantora e compositora, o duo apresentou composições próprias e reinterpretções de MPB (06/11/2014).

#### **PRIMAVERA DESFEITA, performance de Priscila dos Anjos PERFORMANCE POR ISSO NÃO PROVOQUE**

O universo feminino foi o tema abordado pela artista joinvillense no decorrer do Seminário Por isso não provoque (21/03/2015).

#### **MIRAGEM, com Diogo de Haro**

Performance musical do pianista que parte da matéria do som produzido exclusivamente pelas variações de tensão elétrica em equipamentos de síntese analógica (21/05/2015).

#### **PROJETO SOUVENIR**

Com a intenção de interpretar o jazz da década de 20/30, os músicos Kadu Müller, Thiago Almeida, Tie Pereira e Adriano Mendes resgataram os grandes ícones de jazz do século passado e uniram suas experiências contemporâneas (11/06/2015).

#### **SARAU MÚSICA E POESIA**

O sarau reuniu vários poetas e músicos com apresentações espontâneas. Entre os artistas, Airton Perrone e o duo Tatiana Cobbert e Marcos Oliva. O Sarau contou com o lançamento do livro de poesia Cotidiano Horizonte, de Fêre Rocha (09/07/2015)



Miragem | Projeto Souvenir



# dança – performance

## ESPASMOSONORO

Airton Perrone e Elenice do Nascimento executam performance musical no encerramento da Mostra Duo Strangloscope (19/03/2015).

## JAM SESSION

O termo Jam Session nasceu nos anos 1920 nos clubes de jazz norte-americanos, quando músicos brancos e negros se reuniam para tocar juntos e improvisar após seus shows. A proposta diferente do evento foi reunir o público amante do estilo musical, onde cada um trouxe seus discos de vinil para tocar (27/08/2015).

## MÚSICA PARA A DIVERSIDADE

com Úrsula Barros e Karla Eva

O show encerrou a noite do Diversa Cultural reunindo voz, violão e percussão (22/08/2015).

## VERDADE 1000 VEZES REPETIDA SE TORNA

VERDADE. 6/1000, performance de Sergio Adriano H

Ação composta em realizar exposições de arte em tapumes, muros, escadarias, calçadas, praças, nos espaços públicos que não estão inseridos no universo cultural. Em Florianópolis foi realizada na escadaria da Catedral como prévia a abertura de sua exposição A Dúvida da Verdade (15/10/2015).

## SAWABONA SHIKOBA - 15 ANOS SONORA PARCERIA

com Tatiana Cobbett e Marcoliva

A apresentação comemorativa da dupla, com instrumentistas convidados, contou também com projeção de fotos dos 15 anos da dupla registradas por vários fotógrafos e prévia do encarte do quinto álbum (19/11/2015).



Espasmo Sonoro | Som do Vazio



Primavera desfeita



E.L.A. (ELEMENTOS LEGITIMADORES DE ALTERIDADE), performance de Claudia Olivier  
O corpo como um sítio político, sede de agenciamentos culturais que legitimam discursos de alteridade foi o tema desenvolvido a partir de um mixed media, trazendo à tona questões como violência doméstica e buscando uma revisão dos códigos definidores, questionando: que corpo é esse que se chama de feminino? Integrou o evento Diversa Cultural (22/08/2015).

# parcerias especiais

A Fundação também tem sido parceira em projetos que acontecem em diversos lugares na Cidade e abriga atividades de Instituições que precisam de um espaço para seus eventos.

## MARATONA CULTURAL

A Fundação Cultural Badesc integrou a programação da 4ª Maratona Cultural de Florianópolis, realizada em março de 2014. Além da exposição Córdoba - Florianópolis, que apresentou gravuras de 17 artistas, também foram realizadas sessões de curtas e longas premiadas, incluindo O som ao redor, de Kleber Mendonça Filho (22 e 23/03/2014).

## BIENAL DA DANÇA

A programação do evento contou com a exibição da videopalestra 101 anos de A sagração da primavera, com a professora Vera Torres, encontro e lançamento de livros (06/05/2014).

## DIVERSA CULTURAL

Evento LGBT promovido em parceria com o Grupo Acontece. Congregou expressões artísticas sobre temas relacionados às identidades e manifestações político-corporais. A mostra promoveu e divulgou a potência cultural das identidades sociais historicamente consideradas marginais e vulneráveis através de uma exposição fotográfica (Patrícia Manaro), saraus poético-erótico (organizado por Ana Carla Lemos, Moisés Guimarães, Nanni Rios e Monique Guimarães; a performan-

ce E.L.A - Elementos Legitimadores de Alteridade, de Cláudia Olivier; tarde de autógrafo dos livros Neca Faloônica, de Moisés Guimarães e Bicha (nem tão) Má, de Fernanda Nascimento; apresentação musical com Úrsula Barros e Karla Eva (22/08/2015).

## 7º FESTIVAL MÚLTIPLA DANÇA

A edição exibiu vídeos e documentários, seguidos de debates, e o lançamento dos livros Dança com a crítica de Joubert Arrais e Uma vida em dança - Movimentos e Percursos de Denise Stutz, de Lilian Vilela (20 a 23/05/2014).

## DESFILE DE MODA DA FACULDADE SENAC

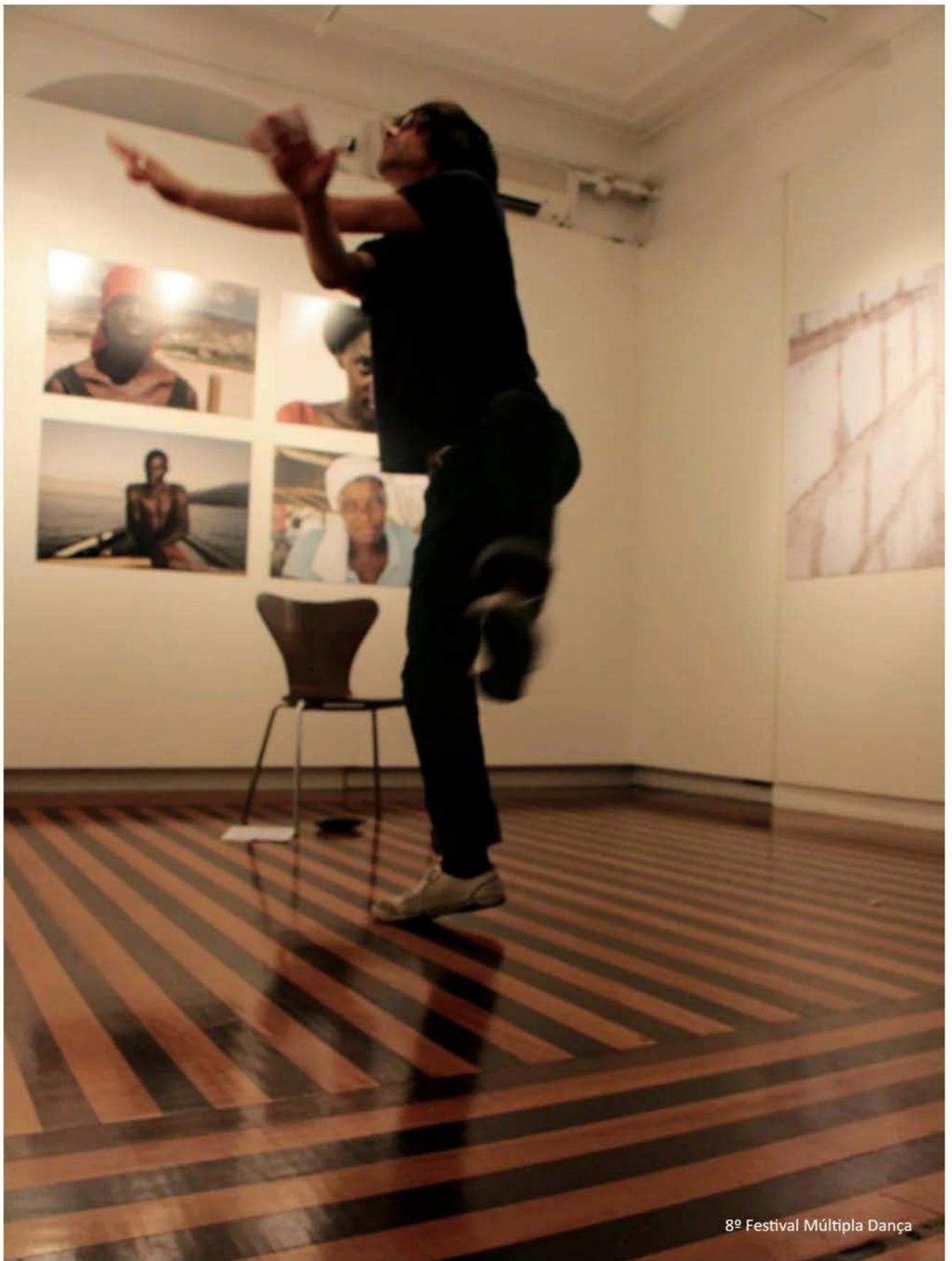
Realizado pela pós-graduação em Criação de Moda da Faculdade Senac de Florianópolis, com apresentação de roupas inspiradas nas obras dos artistas Margaret Mee, René Lalique, Michelangelo, Jackson Pollock, Jaume Plensa (31/05/2014).

## 8º FESTIVAL MÚLTIPLA DANÇA

A Fundação Cultural Badesc abriu as portas para a 8ª edição do Festival com lançamento de livros e Mostra de Videodança (03 e 05/06/2015).

8º Festival Múltipla Dança | Diversa Cultural





## MOSTRA OU MERCADO DE ARTES?

Essencialmente um espaço de compartilhamentos, a Entremostras reúne artistas de diversas linguagens que trazem sua produção para mostrar e vender, para conversar com o público sobre seus processos criativos, para trocar experiências com outros artistas. Para o público, é uma oportunidade de conhecer pessoalmente o artista, sua maneira de olhar o mundo e de materializar suas reflexões e, ainda, de adquirir boas obras com preço verdadeiramente acessível, muitas vezes resultado de ações performáticas como os incríveis desenhos de Diego de Los Campos vendidos por irrisório R\$ 1,00. A Entremostras é aberta a diferentes linguagens de arte, música, literatura, performances, fotografia, audiovisual, moda, design e as mais diversas modalidades de arte visual. O evento é realizado em um sábado, após a desmontagem de uma das Exposições oficiais da casa e antes da abertura da próxima. Exatamente por isso recebeu o nome de Entremostras. Às 08h toda a equipe da Fundação recebe os artistas e os auxilia a montar seus espaços. Às 11h a Casa é aberta para o público. Durante todo o dia músicos, bandas e performers se revezam nas suas apresentações. O Café da Fundação serve suas especialidades de comidas e bebidas. Mais de mil pessoas passam pela Casa para adquirir, conhecer ou apenas se divertir. É considerado pela equipe da Casa como o evento mais desafiador, mas também um dos mais emocionantes por promover essa intensa troca de experiências.



# entremostras

A primeira edição da Entremostras aconteceu em dezembro de 2013. Desde então, o evento acontece três vezes por ano. Este catálogo faz questão de registrar o nome dos participantes da edição de 2013, por ter sido a 1ª e, assim, referência para as demais.



**1ª Entremostras - Artes Visuais:** Adriana Maria dos Santos, Anna Moraes, Beta Monfroni, Betânia Silveira, Betinha Trevisan, Bianca Scliar, Bruno Bachmann, Diego de los Campos, Fabrício Rodrigues Garcia (Manohead), Fê Luz, Flavia Coelho, Iam Campigotto, Ilca Barcellos de Souza, Leandro Serpa, Luize Cornelius, Marina Moros, Marta Martins, Mayra, Rosane Cechinel, Valmir Knop Jr., **Literatura:** Ana Esther, Claudia Vetter, Cláudio Dutra, Fernando Scheibe, **Música:** André Godoy, Rafael Salvador, Rogério Franchi, **Produção:** Fernando Weber (07/12/2013).

**2ª Entremostras - Artes Visuais:** Adriana Maria dos Santos, Diego de los Campos, Kuke Castiñeras, Lena Muniz, Joana Amarante, Alice Yumi, Coletivo Toca, Sol Jaras, Eliane Veiga, Gabriela Caetano, Karina Segantini, Paula A Martins, Rosana Bortolin, Pauline Zenk, Calazans, Luciano Boletti, Fabio Abbud, Mohamed Helal, Augusto Murad, Pablo Paniagua, **Literatura:** Laura Lavergne, **Música:** Capitão Bala, Jéferson Dantas, Enéias Raasch, **Vídeo:** Leandro Lopes de Souza, Jurandi Juca, **Moda:** Helena Kussik, **Produção:** Fernando Weber (24/05/2014).

**3ª Entremostras - Artes Visuais:** Bruno Della Pasqua, Coletivo Alumiar (Ana Flor, Fábio Abbud, José Chamusca), David Ronce, Doraci Girrulat, Fabricio Schmidt, Gian Nicola Bianco, Glaucia Cechinel, José Rocha, Klewerton Jota Bortoli, Luiza Christ, Luize Zanette, Mateus Capelo, Meg Roussenq, Milton Cazelatto, Neuza Takahashi Hoshino, Pedro da Cunha, Rafael Schultz Myczkowski, Roberta Tassinari, Rossato Lima, Sebastião Gaudêncio Branco de Oliveira, **Literatura:** Ramon Rodriguez e Muriel Machado, Patrícia Galelli, Paulino Júnior, Sílvia Teske, **Música:** Myrtille & Rafael, Tatiana Cobbett e Marcoliva, **Produção:** Fernando Weber (23/08/2014).

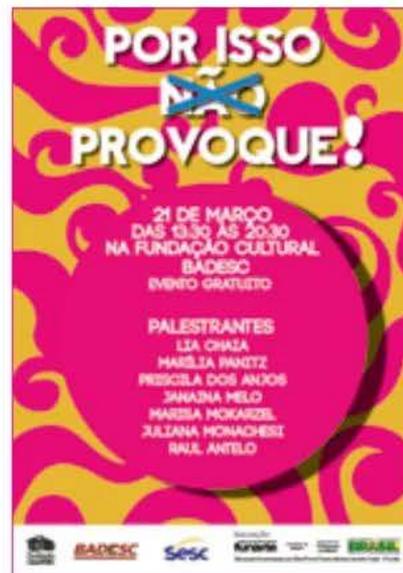
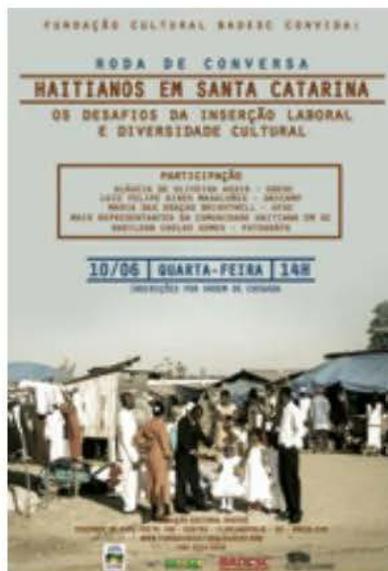
**4ª Entremostras - Artes Visuais:** Aionara Preis, Adriana Maria Dos Santos, Cristiane Inokuma, Danka Umbert, David Ronce, Diego de Los Campos, Ilca Barcellos, Joana Amarante, Luciana Gomes Afonso, Maria Luiza Araújo, Marina Moros, Merlin Lundi, Nicole Carneio, Ramón, Studio Um, Thiago de Mello Brito, **Literatura:** Anderson Dantas, Dinivaldo Gilioli, Sandra Alves, **Música:** Dj Di Bento, João Amado, Nelson Viana (22/11/2014).

**5ª Entremostras - Artes visuais:** Adriana Maria dos Santos, Alumiar Atliê, Beto Quaresma, Bruno Barbi, Camila Piovesan, Cristina Botkowsky, Diego de Los Campos, Diórgenes Pandini, Fábio Dudas, Fatima Velazco, Franco Palióff Nosal, Isabela Teixeira, Leandro Serpa, Lena Muniz, Marinela Goulart, Miguel Etges Rodrigues, Mota, Susano Correia, **Literatura:** Beatriz Kesting Tramontin, Luã Olsen, **Música:** Bruna Nogueira, Jesse Lee, Rascal Experience, Projeto Autoral Diego Raimundo, **Moda:** Crua Design, useARTE (09/05/2015).

**6ª Entremostras - Artes Visuais:** Kelly Kreis Taglieber, Miguel Etges, Radilson Gomes, Bruno Barbi, Jefferson Adriano Maier, Ederson Simas, Grupo Suspenso / Adriana Santos, Luanda Olívia, Radji, Rafael Schultz, Patrícia Pecchin, Diogo de Andrade, Fábio Dudas, Emília Simon, Vanessa Alves, Fernanda Ehmke, Andressa Proença Rosa, Gabi Bresola /Ana Carmolinda/Marcos Walickosky, Hellmannoide, Thiago Brito, Susano Correia, **Literatura:** Christian von Koenig, Ferê Rocha, Matheus Massabk, Vássia Silveira, **Música:** Carlos Abiel, M.A.S.U, Marcapágina, Seu Baldecir, Trio Lero Lero, **Design:** Crua Design, Marcos Bernardes, Renato Cardoso (29/08/2015).

**7ª Entremostras Artes Visuais:** Sabrina Gevaerd Montibeller, Marina Moros e Juliana Crispe, Milton Cazelatto, Franco Palióff, Fernando Goyret, Tom Branco, Joana do Amarante, Valmir Knop Junior, Mariana Costa, Paulo Burani, Beto Quaresma, Cristiane Inokuma, Emília Simon, Caio Souza, Pati Peccin, Louise Freire Tenuta, Natália Poli e Felipe Vernizzi, Juliana Faria, Ben Hur Santos Filho, Diego de Los Campos. **Música:** Lero Lero Trio, André Maria e Banda, Vinícius Galant bootleg, Ela Manô, Tempestade Futura. **Design:** Marcos Bernardes, Daniela Lopes, Arthur van de Zand, André Berté (21/11/2015).





# arte educação

As atividades de arte educação constituem o elo e a essência de todos os projetos desenvolvidos.

O acesso aos debates do cineclube, às sessões de cinema, as exposições, as apresentações e feiras constituem uma oportunidade de desenvolver o olhar, a curiosidade, os processos de troca e convivência. Os cursos, palestras, seminários, oficinas oferecidos pela Casa e por seus parceiros contribuem para a formação tanto do público interessado quanto dos profissionais da Cultura. Mas é na cuidadosa preparação de material educativo, visitas mediadas e atividades práticas preparadas pela equipe de arte educação que o projeto da Fundação adquire a consistência permanentemente buscada. Esse processo dialoga com a temática das exposições e também influencia na sua preparação, contribuindo na produção dos folders e informativos. Preocupa-se com a história do casarão e com o contexto da Instituição na história da Cidade. Pensa materiais de arquivo e de memória. Promove atividades direcionadas à singularidade de cada grupo.



## SEMINÁRIOS - OFICINAS - MINI CURSOS - RODAS DE CONVERSA

### LIMA BARRETO E A ESCRAVIDÃO

Doutorando em Literatura pela UFSC, Cristiano Mello de Oliveira ministrou o minicurso O arquivo do escritor Lima Barreto na Biblioteca Nacional – a revelação dos inéditos sobre a escravidão no Brasil (30/05/2014).

### VII SEMINÁRIO DE LEITURA DE IMAGENS PARA A EDUCAÇÃO: MÚLTIPLAS MÍDIAS

O evento abriu diálogo com a comunidade de professores de arte e demais profissionais da área sobre questões que envolvem a imagem. Realização do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Semióticos e Transdisciplinares (NEST) (20 e 21/08/2014).

### AS MÚLTIPLAS FACETAS DE MÁRIO DE ANDRADE

Cristiano Mello de Oliveira realizou oficina que investiga a posição do intelectual Mário de Andrade (1893-1945), ao se referir à obra O turista aprendiz (1976), no que se destina à representação e ao desempenho na compreensão dos problemas sociais durante sua estada nos estados do norte e nordeste brasileiro (28/11/2014).

### OFICINA DE ANIMAÇÃO – DENTRO DA CAVERNA

Diego de los Campos ministra exercícios de criatividade onde, a partir dos elementos argila e corpo humano, e utilizando o princípio de atravessamento, são criadas animações na técnica de stop-motion com duração entre 30 e 60 segundos (03/12/2014).

### CONVERSA BIENAL DO MERCOSUL

A curadora-assistente da 10ª Bienal do Mercosul Ana Zavadil conversou sobre a proposta do projeto curatorial da Bienal sediada em Porto Alegre (17/03/2015).

### POR ISSO [NÃO] PROVOQUE!

O projeto contemplado pelo prêmio Funarte Mulheres Brasileiras nas Artes Visuais 2ª Edição, lotou a Casa ao realizar uma prospecção da cena curatorial brasileira por meio da interlocução de curadores, críticos e artistas de várias gerações e religiões (21/03/2015).

### OFICINA DE CIANOTIPIA

Em parceria com o Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke, a Casa desenvolveu a prática da Cianotipia, processo de impressão fotográfica a partir do sol (19/05/2015).

### HAITIANOS EM SANTA CATARINA

A roda de conversa abordou os desafios da inserção laboral e diversidade cultural da imigração dos haitianos no Estado (10/06/2015).

### ORIGENS E TRANSFORMAÇÕES DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Ministrado por Raul Hartke, a origem da música popular brasileira abordada através da força erótica presente em certas cerimônias religiosas dos escravos africanos. Os diversos contextos sociais e culturais em que nasceram os vários gêneros que constituem a música popular brasileira (13/06/2015).

### AUTORRETRATO

Minicurso em que a artista Lilian Barbon abordou seu processo criativo e questões referentes à temática do autorretrato fotográfico na arte contemporânea (24/06/2015).



#### FAMÍLIA NO MUSEU

A arte educadora da Fundação, Carolina Ramos, recebe o projeto Família no Museu, coordenado por Maria Cristina da Rosa Fonseca. Desde 2012, o projeto incentiva o acesso às crianças com algum tipo de deficiência e suas famílias ao que a cidade oferece em produção artística (11/07/2015).

#### UMA BREVE HISTÓRIA DO JAZZ

A oficina de Carlos Holbein ofereceu um panorama sobre as origens, os estilos e os grandes ícones do jazz, dentro e fora dos Estados Unidos. Em parceria, o Cine ART 7 exibiu filmes clássicos com a mesma temática. O evento se encerrou com um Jam Session (06, 13, 20 e 27/08/2015).

#### CLARA FERNANDES CONVERSA COM A ARTISTA

No encerramento de sua exposição Epifânicas, a artista conversa sobre seu processo criativo (27/08/2015).

#### VIII SEMINÁRIO DE LEITURA DE IMAGENS PARA A EDUCAÇÃO: MÚLTIPLAS MÍDIAS

Momento privilegiado para a reflexão do ensino de arte, entendido ora como fruição, ora como interpretação, ora como leitura. Realização anual do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Semióticos e Transdisciplinares (NEST) (16/09/2015).

#### CONVERSA CAMINHADA RUMOS

Apresentação da 17ª edição do programa Rumos do Itaú Cultural, pelo gerente do Núcleo de Audiovisual, Claudiney Ferreira, e de Inovação, Marcos Cuzziol. A conversa oportunizou aos artistas locais trocarem ideias sobre a participação do reconhecido programa (21/09/2015).

#### A EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIANTE DO FIM

Roda de conversa realizada durante o International Uranium Film Festival debate "a educação ambiental diante do fim", com Ana Godoy e Marcos Reigota (06/10/2015).

#### NATUREZA CALCULADA: ESTUDOS EM FOTOGRAFIA COMPUTACIONAL

Workshop com o artista, curador e doutor em comunicação em semiótica Gabriel Menotti sobre as utilidades da foto em diferentes gerações, técnicas e aplicativos atuais para a criação de imagens computacionais. Parceria com o Itaú Cultural, o curso integra a série de itinerâncias Singularidades/Anotações – Rumos Artes Visuais, promovida pelo instituto (07 a 09/10/2015)

#### TEORIAS DO FIM DA ARTE

Claudia Drucker, professora do Departamento de Filosofia da UFSC, aborda o tema do "fim da arte" ou, como Gadamer o formula, sobre o "caráter de passado da arte", no pensamento de Hegel, Heidegger, Adorno e Danto (03, 13, 20, 27/11/2015).

#### WORKSHOP DE FOTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA

O artista Sérgio Adriano H troca experiências com o público, com ênfase no seu processo criativo (19/11/2015).

#### ALUNO CINEASTA

Oficina de linguagem audiovisual realizada pelo projeto homônimo, direcionada aos estudantes do 9º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, que ensina as várias etapas de uma produção, desde a criação de uma história até a projeção na grande tela ou exibição em celular. O curso foi finalizado com uma mostra pública das produções realizadas (04, 11, 18, 25/11 e 02/12/2015).



Haitianos em Santa Catarina



Autorretrato



Oficina de cianotipia



Por isso [não] provoque!



Cada espaço da enorme casa de esquina no coração da cidade é desdobrado pelas proposições de arte educação que tramam as exposições em conversa com os grupos que nos vem visitar. Os mais diversos públicos são recebidos por uma equipe especializada e com materiais e proposições pertinentes, tanto com as exposições em suas particularidades poéticas, quanto se desdobrando na mediação direcionada e individualizada. Entre parcerias contamos com escolas privadas e públicas, das redes municipais e estadual, instituições de ensino superior e grupos vinculados aos mais diferentes projetos.

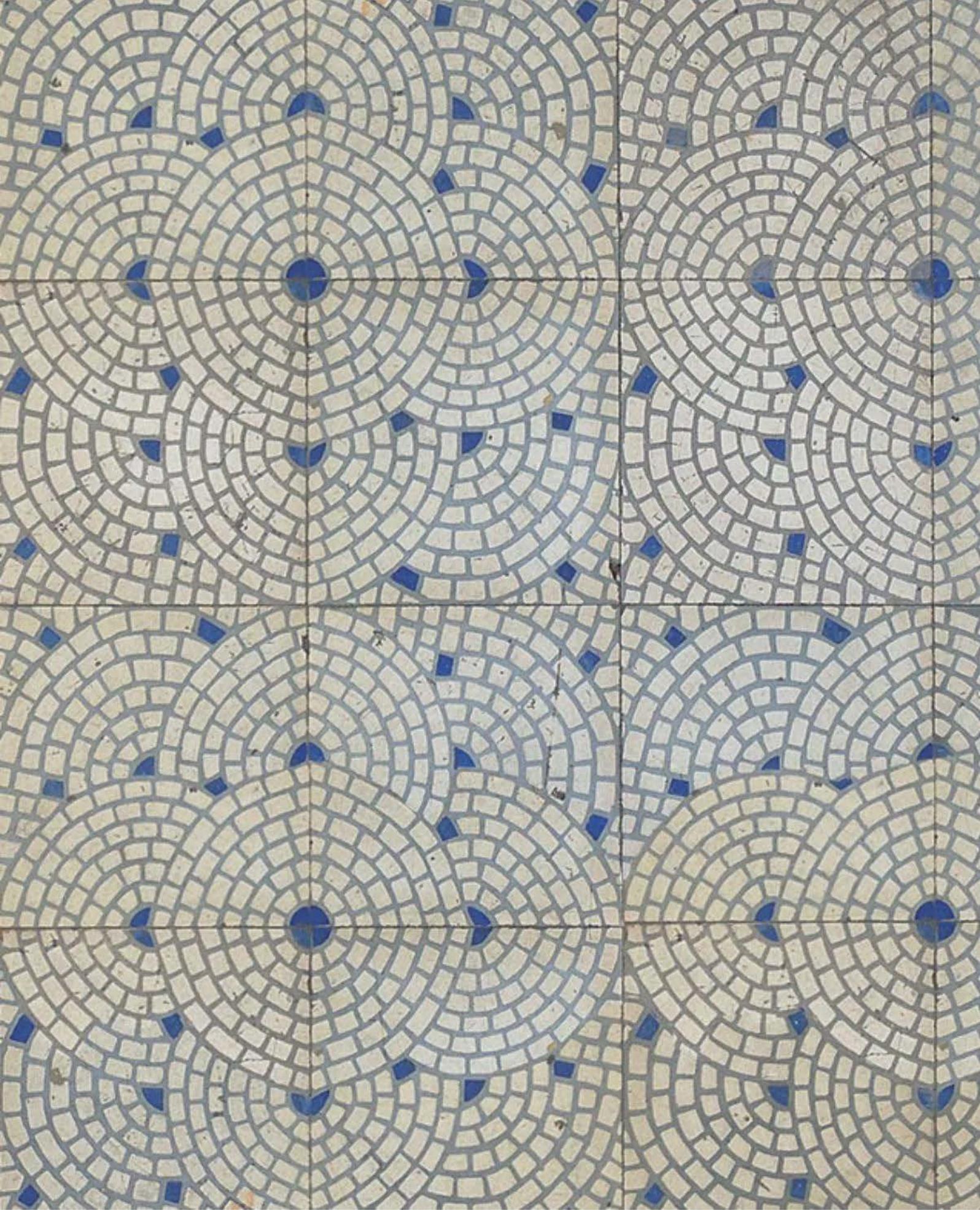
As turmas do Centro de Atendimento Psicossocial constituem um importante marco nas parcerias de arte educação. Mensalmente visitam a Fundação desdobrando seu projeto de Trajetos Culturais, permitindo ao seu público apropriar-se de espaços culturais. Igualmente importante é a parceria com o projeto Família no Museu que visa articular crianças com algum tipo de deficiência, suas famílias e a vivência com a arte nos espaços da cidade.

Seja para pensar plasticamente por meio de oficinas e mini cursos ou pela mediação nas visitas às exposições, o setor de arte educação da Fundação planeja sua programação a fim de que trocas e tramas sejam feitas com os grupos que nos visitam.

CAROLINA RAMOS, arte educadora



Florianópolis • Santa Catarina • Brasil  
2014 | 2015





patrocínio

**BADESC**

REALIZAÇÃO



Ministério da  
Cultura

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PÁTRIA EDUCADORA